Memórias de processos artísticos do coreógrafo Jomar Mesquita

Criações realizadas como diretor da Mimulus Cia de Dança

Jomar Mesquita
1ª Edição - 2021
Fotografias: Guto Muniz

Agradecimentos 3
Introdução 4
Bagagem 6
E esse alguém sabe quem... 14
De Carne e Sonho 25
Do Lado Esquerdo de Quem Sobe 36
Dolores.....50
Por um Fio 63
Entre.....77
Pretérito Imperfeito 86
Âmago.....100

Agradecimentos

Primeiramente e essencialmente, aos meus pais, Baby e João Baptista Mesquita, fundadores da Mimulus e grandes responsáveis por me apresentarem a dança como profissão e pela reaculturação das danças de salão em Belo Horizonte.

A todos os alunos, alunas, colaboradores e colaboradoras da Mimulus Escola de Dança e aos bailarinos e bailarinas da Mimulus Cia. de Dança, grandes construtores dessa trajetória artística. Aqui não posso deixar de sobressaltar minha parceira Juliana Macedo, dançando juntos desde 1993. Fábio Ramos, braço direito (e esquerdo) na produção, no financeiro, nas angústias, nas alegrias, na amizade. Rodrigo de Castro, um dos bailarinos mais longevos no quadro da companhia e que contribuiu muito, com sua inteligência e criatividade, para vários dos processos aqui descritos.

Aos criadores de cenário e iluminação que estiveram ao meu lado nesses trabalhos. Em especial ao Ed Andrade que, com exceção de “Bagagem", foi cúmplice, companheiro e grande gerador de ideias em todas as criações.

Àqueles que frequentemente me apresentam músicas inspiradoras. Em especial, ao querido aluno Daniel Dias e à minha irmã Cristiane Mesquita, por terem me trazido uma infinidade de maravilhosas possibilidades sonoras, muitas delas ainda guardadas com carinho para criações futuras.

À Nicinha e Beto, por décadas de conversas, puxões de orelha, cumplicidade, cuidado, vinhos, comidinhas gostosas, viagens, amizade e generosidade sem tamanho.

Aos Parceiros Mimulus, os patrocinadores mais importantes dessa trajetória, por dedicarem afeto, colaboração, cuidado, ampliando a relação de patrocínio para além do aporte financeiro.

Ao amigo Renato Ribeiro, por reafirmar a importância da memória e da generosidade.

Ao fotógrafo Guto Muniz, por ter registrado lindamente todos os nossos trabalhos com a Mimulus Cia de Dança... e que ilustram esses registros.

Aos amigos e colegas coreógrafos Tíndaro Silvano e Mário Nascimento, por me despertarem para possibilidades e olhares não antes notados.

Ao Guy Darmet, nosso consultor internacional, que, para além dos conselhos profissionais, se tornou um grande amigo e facilitador de muitas turnês pela Europa, América do Norte... e oportunidades aqui no Brasil.

À Lei Aldir Blanc por tornar possível o tempo dedicado ao que se segue...

Introdução

O presente trabalho tinha como objetivo inicial relatar os processos de criação mais relevantes desenvolvidos pelo coreógrafo Jomar Mesquita. No entanto, durante a fase inicial, quando estávamos selecionando quais seriam tais obras, achamos mais interessante e consistente focar nos espetáculos criados pelo autor, durante a fase profissional da Mimulus Cia de Dança (a partir do ano 2000, até a estreia mais recente, em 2018). Essa decisão também se deu em função da facilidade para se obter os registros a partir do acervo da Mimulus. Mas vale ressaltar que o autor também já criou espetáculos de grande relevância para diversas outras companhias de dança.

A Mimulus Cia de Dança, que segue sob a direção artística de Jomar Mesquita, surgiu a partir de um grupo que foi formado em 1992, composto por alunos da Mimulus Escola de Dança que, na época, tinham entre 10 e 12 anos de idade. Esse grupo foi se desenvolvendo durante os anos 1990, experimentando criações coreográficas que tinham como base as várias danças de salão. Ou seja, num processo de tradução, transposição dos salões para os “palcos”. No final daquela década, esse grupo já possuía um trabalho bastante consistente e que se sobressaia no cenário da dança nacional, mas que ainda precisava tornar-se independente da escola, que o mantinha. No ano 2000, foi então fundada a Associação Cultural Mimulus, o que possibilitou que companhia e escola caminhassem de forma independente... ainda que juntas, no mesmo espaço físico. Isso também pôde

acontecer em razão da aprovação e captação dos seus primeiros projetos de leis de incentivo.

Nosso consultor Rômulo Avelar, naquela ocasião nos perguntou qual seria nossa meta para dali a 5 anos. Dissemos que era estar no palco do Grande Teatro do Palácio das Artes, com plateia lotada. Isso aconteceu já no ano seguinte! E assim seguimos, passando por teatros e festivais de grande relevância para o mundo da Dança, onde nunca algum trabalho ligado às danças de salão havia sido antes apresentado. Inclusive palcos internacionais de grande relevância como: Ted Shawn Theatre (Jacob's Pillow), USA; Maison de la Danse e Biennale de la Danse de Lyon, França; Joyce Theatre, New York, USA; Festival Madrid en Danza, Espanha; Festival de Cannes, França; Holland Dance Festival, Holanda... Canadá, Inglaterra, Bélgica, Finlândia, Portugal, Itália, Argentina, Venezuela, Chile... E, com o mesmo entusiasmo, teatros, praças e ruas de Belo Horizonte, Vale do Jequitinhonha e mais de 80 cidades do Brasil.

Desde os anos noventa, a Mimulus Cia de Dança vem priorizando uma proposta singular de retomada do tradicional repertório das danças de salão, mas sempre com o olhar armado na contemporaneidade.
Em seu lastro original da mineiridade, a sua base de apoio é Belo Horizonte, de onde vem irradiando seu ideal coreográfico de redescoberta inventiva de uma dança popular de raízes brasileiras.
Num recorte das danças urbanas, da domesticidade dos saraus familiares às confraternizações sociais dos bailes, com seu vocabulário próprio de prevalência de duos ou casais, mas com um feeling diferenciado e enérgico nas linhas coreográficas de Jomar Mesquita.
Danças, ora cadenciadas em prazerosa e pulsante gestualidade corporal, ora de melancolizada envolvência ou de sensível espontaneidade. Sustentada sempre em recatado aporte cênico, com figurinos de beleza cotidiana (Baby Mesquita), luzes e cenário ambientalistas (Ed Andrade)."
Wagner Correa de Araújo

1 - ano 2000

Bagagem

O primeiro espetáculo da fase profissional da Mimulus Cia de Dança teve um processo criativo bastante peculiar por carregar ainda resquícios dos “modelos” de criação até então comuns para os criadores de danças de salão. Ou seja, os espetáculos eram basicamente colagens de números de dança que eram criados isoladamente, na maioria das vezes sem uma relação entre um e outro, sem nenhuma unidade. A Cia decidiu levar para o palco toda essa fragmentação, unindo o que de melhor vinha produzindo nos últimos anos. E foi justamente essa decisão de colocar no palco essa sua “bagagem”, resultado de 8 anos de experiência (desde 1992), que se tornou a linha condutora que alinhavava aqueles diversos números dos mais variados gêneros de danças de salão.

Decidimos convidar o ator, bailarino e diretor teatral Luiz Gomide para colaborar como assessor cênico na construção das ligações, das cenas de transição que relacionavam as coreografias umas com as outras, fazendo aumentar a harmonia entre as partes e reduzir a fragmentação. A metáfora com a palavra “bagagem” foi também explorada de forma literal através do uso de malas, sacolas em algumas partes. Ideia que já precedia a decisão por esse título e que já havia colaborado para se chegar a essa “temática”.

Fazia parte daquela “forma de criar” com as danças de salão, colocar no palco a maior variedade possível de gêneros de danças de salão. O resultado, portanto, não poderia deixar de ser bastante longo, isto é, um espetáculo com 1 hora e 45 minutos de duração, três partes, dois intervalos... Samba, bolero, salsa, zouk, forró, roda de casino, hustle, lindy hop, milonga, tango, danças em pernas de pau, cenas teatrais e sátiras.

Cada um dos números foi criado isoladamente, alguns em fase anterior, até mesmo sem o objetivo de que fizesse parte desse espetáculo. Outros, foram criados já como parte do processo criativo específico do “Bagagem”.

Nesse período, os bailarinos, ainda muito jovens e com pouca experiência, participavam pouco da criação das coreografias.

Não houve algo que possamos chamar realmente de cenário criado para esse trabalho. Apenas utilizamos duas rotundas do acervo da Mimulus, amarradas de forma apropriada para servirem a algumas cenas específicas da primeira parte. Nas partes seguintes, somente variamos rotunda preta ou ciclorama no fundo. Foram criados ou aproveitados alguns objetos cênicos para momentos específicos da criação: poste com luz, um ringue de boxe e várias malas.

CURIOSIDADES:

Um dos pontos altos de "Bagagem" se dava quando três casais dançavam um tango em pernas de pau. O efeito e a surpresa que causavam eram incríveis.

Em “oposição” às pernas de pau, tínhamos a famosa cena dos “Baixinhos”, em que apenas o tronco de um casal, se unia às pernas de dois bailarinos deitados no chão, com o corpo escondido por trás da rotunda. Criávamos a ilusão de um casal com estatura mínima e bem desengonçados. Era uma das muitas partes cômicas da criação.

As mesmas pernas de pau eram usadas na cena que abria a segunda parte do trabalho: uma luta de boxe entre um lutador bem pequeno e magro (Rodrigo de Castro, na época ainda adolescente) e outro altíssimo, em pernas de pau (Bruno Ferreira) que acabava sendo derrotado. O cenário recriava de forma inteligente e simples um ringue de boxe, com direito a locutor, juiz e microfone cenográfico que vinha do urdimento. Nessa cena, bem como em outras, utilizamos muita sonoplastia criada de forma "caseira", artesanal. Nunca gravamos esses efeitos sonoros ou trilhas em estúdios de gravação... e sempre deu certo!

Na cena de abertura, tínhamos uma montanha de malas no palco. Umas 25 ou mais. E eu cantava, ao vivo, o “Samba do Crioulo Doido”. Era a parte que me deixava mais nervoso. Tenho certeza que Luiz Gomide se arrependeu de sugerir essa ideia... sofreu para conseguir me colocar cantando!

Talvez hoje, a quantidade de bailarinas que carregávamos nas sacolas e malas iriam suscitar uma série de críticas sobre a objetificação da mulher... mas que tudo isso causava surpresas e grandes efeitos é inegável. Juliana Macedo, minha parceira, já "passeou" inúmeras vezes dentro de uma mala na rodoviária e metrô de Belo Horizonte; além de palcos europeus, como o da Maison de la Danse, em Lyon.

Uma das principais cenas em que eu entrava pela plateia carregando Juliana dentro de uma mala, fazia uma homenagem satirizada aos grandes mestres e rainhas das gafieiras belo-horizontinas. Nessa parte utilizávamos passos e trejeitos de vários desses personagens dos bailes... a quem devemos muito do que sabemos.

Uma das coreografias de tango da última parte era toda dançada em silêncio... ouvia-se apenas a respiração dos bailarinos, as solas dos pés contra o piso do palco... e então o acorde final de uma música, quando os bailarinos faziam o último passo.

Por fim, vale ressaltar o pioneirismo de Bagagem, que arrebatou diversos prêmios e lotou inúmeras sessões, surpreendendo plateias que até então nunca tinham visto uma criação naqueles moldes, baseada nas danças de salão.

RELEASE ORIGINAL:

Neste trabalho, a Mimulus Companhia de Dança leva ao teatro a experiência acumulada em oito anos de existência, mostrando toda a sua versatilidade, numa linguagem que funde vários ritmos da dança de salão com técnicas contemporâneas, caracterizações teatrais e elementos circenses.

Essa mistura resulta em um espetáculo dinâmico, marcado pela diversidade e dividido em três partes. Um primeiro bloco dedicado aos ritmos brasileiros e caribenhos valorizando a força e a pulsação da alma latina. A segunda parte traz à cena o Lindy Hop e o lado lúdico da dança, que incorpora técnicas circenses e cria momentos cômicos destacando-se as coreografias executadas sobre pernas-de-pau, que surpreendem por sua ousadia e originalidade. O terceiro bloco é dedicado aos ritmos portenhos que, num clima de grande densidade, encerram o espetáculo com forte impacto sobre o público. Toda essa "bagagem" é colocada simbolicamente dentro de malas, que pontuam todo o espetáculo.

O espetáculo Bagagem estreou no Teatro Alterosa em outubro de 2000; participou da 27ºCampanha de Popularização do Teatro e da Dança. No início de 2001 obteve as seguintes premiações:

Melhor Espetáculo de Dança de 2000, Melhor Bailarino e Melhor Coreógrafo – Premiação Sesc/Sated.
Bailarino e Bailarina Revelação (Premiação Amparc – Bonsucesso).

Sempre com lotação esgotada em todas as sessões anteriores e ótima acolhida do público e da crítica, o espetáculo retornou ao Teatro Alterosa em abril de 2001 e, em agosto, em noite especial no Palácio das Artes. Nas Campanha de Popularização do Teatro e da Dança de 2001 e 2002 foi campeão de bilheteria dentre os espetáculos de dança.

FICHA TÉCNICA:

Coreografia e Direção Artística: Jomar Mesquita

Bailarinos (elenco original): Bruno Ferreira, Carlos Franco, Daniel Vidal, Fabiana Dias, Fernanda Nogueira, Jomar Mesquita, Juliana Macedo, Júnia Soares, Luciana Fernandes, Roneis Rodrigues, Thaís Guimarães

Assessoria Cênica: Luiz Gomide

Iluminação: Alexandre Galvão e Wladimir Medeiros

Figurino: Baby Mesquita

Produção: Baby Mesquita

Assistente de Produção: Fábio Ramos

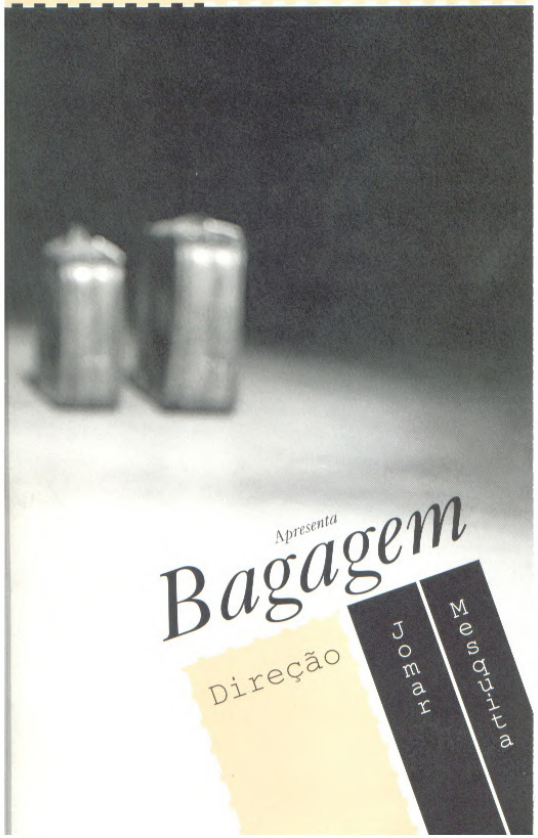
Assessoria de planejamento: Romulo Avelar

Apoio Geral e Irrestrito: João Baptista Mesquita

Realização: Associação Cultural Mimulus

MIMULUS

Cia. de Dança



Apresenta

Bagagem

Direção

Jomar Mesquita

JOMAR MESQUITA

Desde que comecei a dançar, sempre me inquietava a contradição entre o conservadorismo das danças de salão e o meu desejo de criar. Piazzolla, que tantas vezes me inspirou, quando lhe perguntavam se estava fazendo tango, respondia: "faço música portenha". Essa mensagem me chegou com ares libertadores e abandonei o terno de linho branco. Ora, o que faço é dança e gosto muito de estar dançando ao lado de uma mulher. Talvez pelo fato de sermos um grupo jovem, conseguimos nos abstrair do que estava estabelecido. A nossa bagagem está mais cheia do não saber, do inventado, da coleção de gestos e sons que percebemos nas diferentes manifestações artísticas de hoje. Eu quero é que o público saia dizendo: eles perderam o medo, eles têm coragem...

Primeira Parte: As Ações

Caminhando - *O Samba do Criolo Doido*, de Sérgio Porto;
Caminhando, de Nelson Cavaquinho / Guurural Babia;
Língua, de Caetano Veloso

Malandrando - *Chorinho de Gafieira*, de Astor Silva

Aprontando - *Chorinho de Gafieira*, de Silva

Pecando - *Mémoire de Femme*, de Vlierry Chaw

Sonhando - *Chut je T'aime*, de C. Zora

Namorando - *Toda uma Vida*, de De Lange/ Farrés

Esquentando - *El Dulcerito Llego*, de Cuba L. A.

Temperando - *Las Sillas Estera*, de José L. Cortés

Intervalo - 10 minutos

Segunda Parte - As Coisas

O Banco - *Gonna Fly Now*, de Robbins/ Castri/ Conners

As Pernas - *La Comparsita*, de Contursi/ Marani/ Rodriguez;
Emoções, de Roberto Carlos/ Erasmo Carlos

A Medalha - *Deixa de Banca*, de Gilb/ O'Toole/ Longworth/ Lyte

A Cor - *Stayin' Alive*, de Gibb/ O'Toole/ Longworth/ Lyte

A Vírgula - *Ding, Dong, Daddy*, de Cherry Poppin' Daddies

A Baixaria

As Saias - *Dr. Bones*, de Cherry Poppin' Daddies

Pausa - 5 minutos

Terceira Parte - Os Sentimentos

Saudade - *A Los que se Fueron*, de Daniel Binelli

Força - *Silêncio* (poema de Heavera Expósito)

Leveza - *De Vuelta Y Media*, de M. Barbieri

Solidão - *Verano Porteño*, de Astor Piazzolla

Paixão - *Zita e Escolass*, de Astor Piazzolla

LUIZ GOMIDE

Qual não foi a surpresa de meu amigo, em visita à Grécia, ao perceber que em um caminhão de mudanças estava escrita a palavra metáfora!!

Nosso idioma, o português, arrancou tanto do grego quanto do latim, passeou-nas, dentre tantas outras coisas, o uso constante da linguagem metafórica. Isso faz parte de nossa cultura. Nossa comunicação, desde tão antiga, é poética, lúdica, bem-humorada, muitas vezes dissimulada e, outras tantas, complexa e estritamente vinculada à beleza e ao conteúdo estéticos.

"Bagagem" quer dizer experiência, vivência, possibilidades, arsenal, caminhos percorridos ou a percorrer, viagens, conhecimento adquirido, passado/ presente/ futuro, trabalho, repertório, conquistas, idades, histórias, pesquisas, limites transpostos, amplitude, sabedoria, respeito, seriedade, prazeres, dificuldades vencidas, aprendizado... e tantas, tantas outras coisas.

"Mimulus" é flor, é floral, é saúde (do corpo, da alma e do ético) e é coragem.

Testemunhamos, ao assistir esse espetáculo, a atual bagagem da Mimulus Cia. de Dança: a lúdica em parceria com a elegância e a competência, inteligência corporal e anímica, precisão, bom humor e dramaticidade, poesia, harmonia e beleza, ação de uma boa dose de ferocidade aliada à força e ao vigor físicos, passíveis em qualquer idade.

Desejo a todos os mesmos prazer e surpresa que tive em meu primeiro contato com esse incrível grupo comprometido com a graça do movimento, com a consciência da possibilidade do corpo e com a seriedade de sua pesquisa, que vence a timidez, dança e amplia sua própria bagagem, segue vivendo e comprimindo "todas as humanidades possíveis e necessárias" e que, por isso, certamente tem as bênçãos de Terpsícore.

PATROCÍNIO

Deltatronic

BERGMANN

APOIO

Barcellos Buffet (31) 442 - 9440

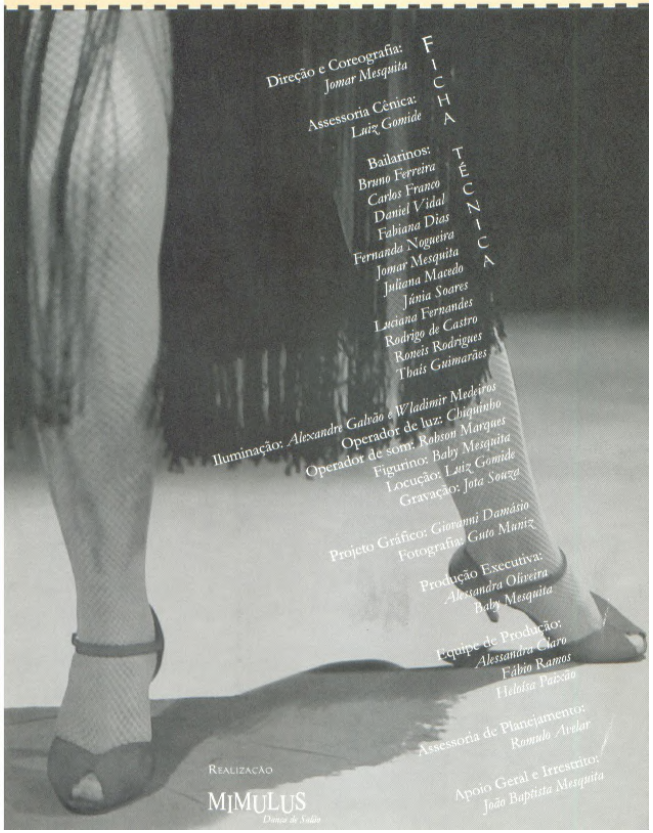
Fruta Cor

Lei Estadual de Incentivo à Cultura

Governo de Minas Gerais Cultura

AGRADECIMENTOS

Wagner Tameirão e equipe do Teatro Alterosa, Rogério Tadeu Albuquerque e Rosana Alves da Cunha, Leonardo Barcellos, Kalluh Araújo, Grupo Galpão, Claudinei Virgem, Jacqueline de Castro e pessoal do Primeiro Ato, Soraia de Freitas Cucchiari, Sílvia Juliana da Costa, Ivone Maria Barbosa, Daniela Figueiredo, Paulo de Tarso Silva, Consuelo Souza, Maria Célia Silveira e João Bosco Damásio.



FICHA TÉCNICA

Direção e Coreografia: *Jomar Mesquita*

Assessoria Cênica: *Luiz Gomide*

Bailarinos:
Bruno Ferreira
Carlos Franco
Daniel Vidal
Fabiana Dias
Fernanda Nogueira
Jomar Mesquita
Juliana Macedo
Jânia Soares
Luciana Fernandes
Rodrigo de Castro
Roneis Rodrigues
Thaís Guimarães

Iluminação: *Alexandre Galrão* e *Wladimir Medeiros*
Operador de luz: *Chiquinho*
Operador de som: *Robson Marques*
Figurino: *Baby Mesquita*
Locução: *Luiz Gomide*
Gravação: *Jota Souza*

Projeto Gráfico: *Giovanni Damásio*
Fotografias: *Guto Muniz*

Produção Executiva:
Alexandra Oliveira
Baby Mesquita

Equipe de Produção:
Alessandra Claro
Fábio Ramos
Heloísa Paixão

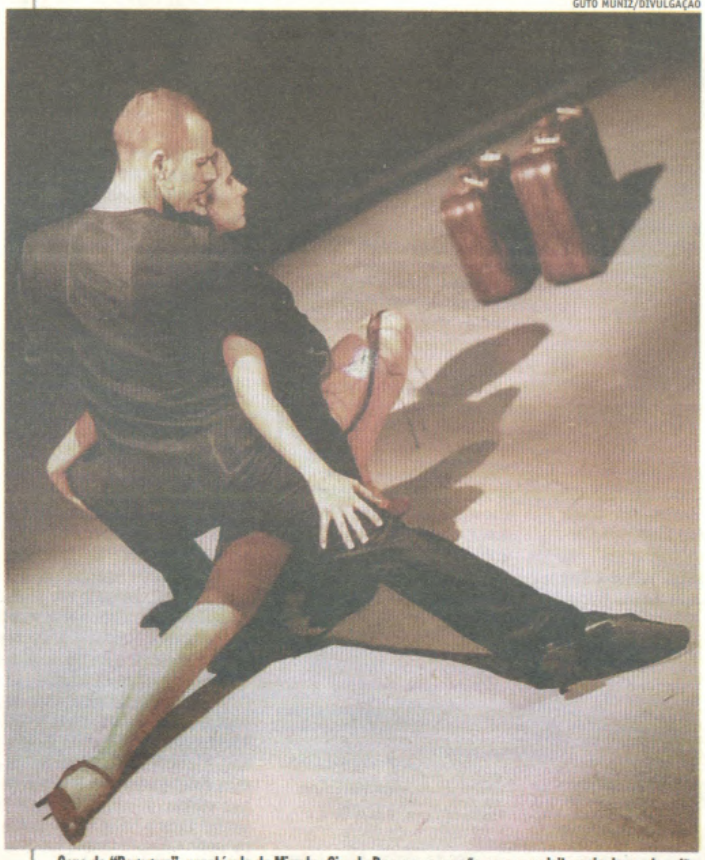
Assessoria de Planejamento:
Romulo Avelar

Apoio Geral e Irrestrito:
João Baptista Mesquita

Realização
MIMULUS
Dança de Salão

'Bagagem' traz panorama da dança negra

GUTO MUNIZ/DIVULGAÇÃO



Cena de "Bagagem", espetáculo da Mimulus Cia. de Dança que propõe uma nova leitura da dança de salão

Espetáculo faz nova leitura de gêneros como salsa, samba, bolero e milonga

LUCIANA AVELINO
REPÓRTER

O bailarino Jomar Mesquita e a Mimulus Cia. de Dança levam ao palco do teatro Alterosa, neste fim de semana, uma nova leitura do universo da dança de salão através do espetáculo "Bagagem". "Não apresentamos simplesmente um espetáculo tradicional. Procuramos fugir da imagem conservadora dessa modalidade, mesclando elementos da dança contemporânea, do teatro e do circo a movimentos clássicos", revela.

Mesquita, responsável pela formação da companhia e direção do espetáculo, diz que o nome "Bagagem" tem um grande significado para o trabalho. "Além de prestar uma homenagem à experiência alcançada pelo grupo durante todo esse período, ele retrata a idéia de viagem, exibida através de movimentos originados em várias épocas e lugares diferentes."

Segundo o bailarino, a montagem é bastante diversificada e eclética, "uma marca registrada da companhia". No espetáculo, 12 bailarinos apresentam, durante cerca de uma hora e meia, um resgate das quatro vertentes da origem da dança negra na América.

"Dançamos o swing e lindy-hop, dos Estados Unidos, os ritmos caribenhos, como a salsa e o bolero, o samba brasileiro, além do tango e da milonga da Argentina", revela. "Bagagem" é dividido em três blocos, sendo o primeiro inteiramente dedicado aos ritmos brasileiros e caribenhos. "Na segunda parte, mais solta e cômica, fazemos brincadeiras com pernas-de-pau em passos de tango. No último momento do espetáculo, que considero mais dramático, mostramos tangos e milongas", disse.

"Bagagem" é a sétima montagem da companhia, que está comemorando oito anos de existência e coleciona premiações relevantes como os primeiros lugares nos festivais de Joinville (1995) e no de Dança do Triângulo (1995). Os trabalhos anteriores foram "Fibra", "No me Voy sin Bailar", "Innominatum", "Huum Huuuummm", "Transparências" e "Cueste lo que Cueste".

AGENDA – Estréia do espetáculo "Bagagem", com a Mimulus Cia. de Dança, hoje, às 21h, no teatro Alterosa (av. Assis Chateaubriand, 499, Floresta, 3237-6611). Hoje e amanhã, às 21h; e dom., às 20h. R$ 30 (meia) e R$ 15 (meia). Até dom.

DANÇA

"BAGAGEM" CHEGA AO GRANDE TEATRO DO PALÁCIO DAS ARTES DEPOIS DE SURPREENDER E CONQUISTAR VÁRIOS PRÊMIOS JUNTO À CATEGORIA

ESPETÁCULO DA MIMULUS TRANSCENDE OS LIMITES

GUTO MUNIZ/DIVULGAÇÃO

TRANGRESSÃO
Em "Bagagem", a Mimulus parte do salão para construir um belo trabalho

MARCELLO CASTILHO AVELLAR

O sucesso de *Bagagem* deve ter surpreendido até seus artistas, os integrantes da Mimulus Cia. de Dança. *Bagagem* lotou sessões no Alterosa e no Klauss Vianna, convenceu a crítica, levou produtores e artistas a lhe concederem estatuetas nos prêmios Bonsucesso Amparc e Sesc Sated. O grupo tenta agora passo ainda maior: chega hoje ao palco do Grande Teatro do Palácio das Artes, que costuma ser visto pela comunidade local como uma espécie de legitimação da qualidade ou do sucesso.

A repercussão pode ser atribuída à sutil discrepância entre a maneira como a Mimulus é conhecida e a arte que agora mostra. O grupo nasceu numa escola especializada em danças de salão, e ganhou renome apresentando números curtos. Ao longo de sua trajetória, mostrou atuação de precisão técnica e muita leveza. Este era o chamariz, o cartão de visitas de *Bagagem* quando sua temporada começou no ano passado.

Mas quem vê o espetáculo não assiste a uma série de números de dança de salão bons mas eventualmente conhecidos. Assiste a uma obra que transcende as técnicas em que se baseia, transforma a dança de salão em matéria-prima para a construção de algo mais complexo e desconhecido. Curiosamente, estão em temporada Brasil afora duas companhias que enfrentaram evoluções análogas: o Vacilou Dançou, em cartaz no Rio, que partiu do jazz para uma criação singular; e o Balé de Rua, de Uberlândia, que, sem abandonar suas raízes na dança contemporânea, investe em caminhos inesperados. Histórias como a de *Bagagem* ou estas duas demonstram a permanência da capacidade de transgressão de regras pela dança no Brasil.

SERVIÇO

BAGAGEM
Espetáculo da Mimulus Cia. de Dança. Coreografia de Jomar Mesquita. Grande Teatro do Palácio das Artes (avenida Afonso Pena, 1.537, Centro), hoje, às 19h. Ingressos a R$ 12,00 (meia para todas as categorias).

Dança de salão no coração

MARCELLO CASTILHO AVELLAR

CRÍTICA DANÇA

Se foi criado na mesma seqüência de cenas em que é apresentado ao público, "Bagagem", espetáculo da Mimulus Cia. de Dança, é o retrato de um bom aprendizado. Se começa apenas com correção, "Bagagem" vai crescendo à medida em que se apresenta ao espectador, torna-se mais e mais orgânico até alcançar, próximo do final, seus melhores momentos, como o tango em silêncio, tango-dança sem tango-música, quase angustiante nesta fratura, mas magnífico.

A Mimulus é mais conhecida como escola de danças de salão do que como companhia de dança, e como companhia mereceu destaque por números curtos. Só isso já faria de "Bagagem" algo ousado – pelo menos para seus artistas. A ousadia faz-se ainda maior se pensarmos que o Brasil, apesar de ter repertório próprio no setor e jeito próprio de assimilar o repertório estrangeiro, tem pouca tradição no ramo da produção para teatro baseada em danças de salão. Ao contrário do que ocorre na Argentina, França ou Estados Unidos, em que tais espetáculos são realizados ao longo de um espectro que vai da intenção artística à produção industrial, no Brasil eles se limitaram à época de glória dos cassinos e cabarés, ou a criações apenas eventuais.

O aprendizado em "Bagagem" é tão nítido que chega a ser comovente. A primeira parte é quase tosca, ajuntamento de cenas de dança com momentos de pantomima e teatro, sem ser capaz de costurar devidamente os três – poderíamos mudar um pedaço de lugar ou retirá-lo do conjunto sem alteração significativa da qualidade. Ao longo da segunda parte, principalmente a partir da coreografia construída sobre "Ding Dong Daddy", "Bagagem" vai crescendo e se tornando orgânico, uno, até se consumar na terceira parte, em tangos que vão da tragédia à comédia, passam do intimismo ao espetáculo, sem que uma coisa deixe de fazer parte de todas as outras. Soma-se a isso o desempenho técnico dos bailarinos, de correto a ótimo (e na densidade dos tangos, o coreógrafo foge sabiamente da exigência de emoções densas que seu elenco talvez não oferecesse), e uma comunicação fácil com o público, ambos os elementos atravessando "Bagagem" do início ao fim, tem-se um espetáculo que mexe com o coração do espectador, pelo que mostra e pelo que promete para o futuro.

GUTO MUNIZ

"BAGAGEM", DA Mimulus, é um espetáculo belo e orgânico

BAGAGEM – Espetáculo da Mimulus Cia. de Dança. Direção e coreografia: Jomar Mesquita. Assessoria cênica: Luiz Gomide. Teatro Klauss Vianna (avenida Afonso Pena, 4.001, Mangabeiras), hoje, às 21h, amanhã, às 20h.

2 - ano 2001

E esse alguém sabe quem...

Essa foi a primeira criação planejada, concebida do zero. Ou seja, não foram utilizados fragmentos já existentes anteriormente, como no espetáculo "Bagagem".

Nesse sentido, os principais diferenciais e o salto artístico realizado, se deu no sentido de nos desvencilharmos dos modelos de composição até então utilizados com as danças de salão. Ainda pode-se observar uma “preocupação” quanto à variedade de gêneros de danças para compor a criação. Ainda fica clara uma certa fragmentação. No entanto, a busca pela unidade, tanto na coreografia quanto na trilha sonora, já são muito mais claras. A temática escolhida possibilitou uma ampla variedade de gêneros e estilos musicais, bem como de dança.

Explorou-se o que, talvez, seja mais intrínseco ao universo das danças de salão: os abraços, os encontros, as relações amorosas, o romantismo. A partir disso, as cenas se ligavam como em um antigo programa de rádio, em que músicas falando de amor eram oferecidas de uma pessoa para outra. Quando ligavam para a rádio pedindo uma música e, muitas vezes, preferiam ocultar o destinatário, objetivo daquela declaração de amor, dizendo somente “ofereço essa música para alguém... e esse alguém sabe quem“. O lindo texto do programa, escrito por Baby Mesquita, também produtora, figurinista e minha mãe, representa bem a ambientação e o universo almejados na criação.

Utilizamos áudios originais de antigas propagandas e radionovelas veiculadas nas rádios, cujas cenas criadas para tais momentos eram utilizadas como transições entre partes do trabalho.

Esse foi o primeiro processo de criação em que as vozes do figurino, cenário, iluminação, trilha sonora e coreografia realmente dialogam entre si. Fruto da comunicação constante e intercâmbio de ideias entre cenógrafo, iluminadores, figurinista e coreógrafo. Vale ressaltar que esse foi o início de uma longa parceria de criações com o cenógrafo Ed Andrade, que teve importante papel nesse diálogo criativo em vários trabalhos posteriores que realizamos, inclusive para outras companhias de dança.

CURIOSIDADES:

Em uma das partes de “E Esse Alguém Sabe Quem”, utilizávamos uma tinta especial nas sapatilhas que as faziam brilhar no escuro. Como a coreografia era dançada com os bailarinos se apoiando em cadeiras, quando a luz do palco se apagava, o público enxergava somente os pés e tinha a ilusão de que estes flutuavam.

Marcello Castilho Avellar, na época crítico de artes cênicas do Jornal Estado de Minas, escreveu sobre essa criação, uma das críticas mais lindas que já foram publicadas a respeito do trabalho da Mimulus.

O espetáculo começava com um casal dançando sobre uma mesa cenográfica que tinha o seu tampo feito de policarbonato translúcido com iluminação interna. Essa mesma mesa

era usada de diferentes maneiras em outros momentos da criação. Era deslocada pelo palco, colocada em posição vertical, servia também como tela para projeção de imagens, luz de fundo para emoldurar a silhueta dos bailarinos dublando uma radionovela, apoio para bailarinos subirem...

Esse foi o primeiro espetáculo da Mimulus Cia de Dança a ser apresentado na Europa. Isso aconteceu um ano após sua estreia, na Bienal de Dança de Lyon, do ano de 2002. Foi um marco na trajetória da Cia e abriu portas para diversas outras turnês internacionais. Foi interessante também a nossa surpresa ao nos depararmos com a grande diferença entre a forma como o público francês e o brasileiro aplaudem ao final do espetáculo. Enquanto aqui no Brasil normalmente há uma explosão de aplausos curta e calorosa, na Europa, em geral, eles aplaudem de forma ritmada durante um longo tempo. A medida desse tempo de aplausos, nos mostra o quanto eles gostaram. Nas vezes seguintes que estivemos por lá com outros trabalhos, já fomos preparados com outras formas de agradecer que pudessem preencher todo aquele tempo de palmas.

Numa das cenas inusitadas, eu dançava com "meio corpo" de uma boneca feita pela artista Cássia Macieira. Um dos braços e uma das minhas pernas ficavam vestidos como se fossem da boneca, inclusive com um sapato de salto vermelho e meia calça. A cabeça, cabelos e figurinos da boneca eram tão bem feitos que muita gente do público não percebia o aparato... apenas estranhava que aquele "casal" tinha apenas duas pernas.

Em outro momento, aproveitamos uma das tapadeiras (com suas amarras especialmente reforçadas) para "deixar" uma das bailarinas dependurada, após um *porté* supostamente mal feito.

Os sete vestidos sobrepostos, uma verdadeira obra de arte que tinha sido adquirida por Baby Mesquita, foram o mote de criação de um dos momentos especiais de "E Esse Alguém Sabe Quem", em que um bailarino insistia em despir sua desejada parceira, mas nunca conseguia atingir seu objetivo.

O dia marcado com o produtor da Rádio Inconfidência, Pacífico, para que eu buscasse o precioso material do acervo da rádio (jingles, radionovelas) que utilizamos na criação, foi o fatídico 11 de setembro de 2001. Acordei alguns minutos antes do segundo avião colidir com as torres, fui para a rádio. Chegando lá, encontrei toda a equipe em silêncio, estupefata, com os olhos grudados nas televisões. Pacífico me entregou vários MiniDiscs com o material do acervo gravado... arrisco a dizer que sequer olhou para mim e provavelmente nem se lembra disso.

Produzimos um vídeo a partir de um *flipbook*. A ideia era usar um projetor para exibir o vídeo na superfície da mesa citada anteriormente, durante uma das cenas mais preciosas, que era "dançada" ao som de Roberto Carlos cantando "Outra Vez". Um dia antes da estreia, testamos o efeito no teatro, mas a distância do projetor posicionado no chão do proscênio, não tornava possível a projeção no tampo da mesa. Além disto - e o principal - não gostei do resultado e não gostei da forma como dependeríamos da operação dos

técnicos do teatro para que os imagens entrassem com a sincronia correta. No dia seguinte bem cedo, liguei pedindo ajuda para os amigos do laboratório onde revelava minhas fotos. Fui para lá com minha antiga câmera fotográfica, coloquei um daqueles velhos filmes para slides, peguei emprestado um tripé, posicionei tudo na calçada em plena Av. Contorno e comecei a fotografar página por página do minúsculo *flipbook*. Entreguei os filmes para revelação, aguardei o trabalho e fui para o teatro com uma caixa de slides que foram usados durante anos em um antigo e barulhento projetor de slides que era operado por mim mesmo, durante a cena, deitado no proscênio... momento em que sempre aproveitava para me deleitar com o resultado que conseguimos. Mas tivemos momentos em que o projetor se recusou a trabalhar, ou algum slide agarrou "para sempre": percalços normais do fazer artístico.

Jacqueline de Castro, amiga e grande profissional da dança, foi convidada para ser nossa ensaiadora durante essa montagem. Foi a única vez que tivemos alguém de fora da Cia fazendo esse trabalho. Me poupou bastante dessa parte que demanda uma paciência fora do normal.

Outro momento que guardo na memória com muito carinho, era quando eu recitava o genial poema "Ai Se Sêsse", de autoria de Zé da Luz. Tive a ajuda de Marcelo Bones para essa preparação... e não me esqueço dele me alertando sobre o "chão quente", quando eu não parava de movimentar as pernas enquanto fazia a cena. Recitava ao mesmo tempo que fazia uma flor de origami e então a entregava para alguém da plateia a quem eu "dedicava" aqueles versos de uma singeleza e simplicidade tocantes. Meu pai um dia me disse que toda vez que assistia essa parte se emocionava.

Se um dia nóis se gostasse
Se um dia nóis se queresse
Se nóis dois se empareasse
Se juntin nóis dois vivesse
Se juntin nóis dois morasse
Se juntin nós dois drumisse
Se juntin nós dois morresse
Se pro céu nóis assubisse

Mas porém, se acontecesse de São Pedro não abrisse a porta do céu
E fosse te dizer qualquer tolice
E se eu me arriminasse
E tu com eu insistisse pra que eu me arresolvesse
E a minha faca puxasse
E o bucho do céu furasse
Talvez que nóis dois ficasse
Talvez que nóis dois caísse
E o céu furado arriasse e as virgem tudo fugisse!

RELEASE ORIGINAL:

"Eu completava sete anos no dia que meu pai me levou a um parque, bem em frente de nossa casa, quando ouvi bem alto que um pai afetuoso oferecia uma música para a sua filha que ria com os olhos, desejando que ela fosse feliz a vida toda. Jamais me esqueci, embora nem sempre feliz. Pelo contrário, essa lembrança me aparece mais quando tenho tempo para ficar triste. É uma lembrança intensa. Vejo minha mãe na janela da casa, nos olhando enternecida e cúmplice. Contei esse caso para uma amiga e ela me confidenciou já ter ido a um parque e oferecido uma música para si mesma como se fosse vinda de um admirador secreto e muito, muito apaixonado. Pétalas de rosas entre os livros, papéis de bala, sei de gente que guarda caixinhas de lembranças de cada namorado que teve na vida. Não me organizei tanto assim, mas guardo na memória. Meu pai não me disse nada, nem me lembro do seu abraço. Estamos de mãos dadas e ele só me diz, agora vamos. É assim. Cada um tem um jeito próprio de amar , de declarar o seu amor e de organizar as lembranças de bons momentos, apagando os maus. Não há mágoa que resista ao tempo. É assim agora, esse espetáculo é uma declaração de amor. Declaram amor pela dança os bailarinos. Declaram amor pelos bailarinos toda a equipe em torno, cada um à sua maneira e todos nós oferecemos a alguém o nosso trabalho e o nosso carinho... e esse alguém sabe quem.

Baby Mesquita – Novembro de 2001

—-

O espetáculo explora as diferentes formas de amor e de encontro com o outro. O resultado é uma encenação perpassada por um romantismo bem-humorado. O repertório de músicas brasileiras bem conhecidas do público traz em seus versos tons de

declaração, como nos programas de antigamente que colocavam os enamorados em contato. Nos intervalos das canções, jingles comerciais e o trecho de uma radionovela reforçam a idéia de um grande programa de rádio.

O nome escolhido para esse trabalho da Cia. vem exatamente dessa ambiência de parques, quermesses e do radio antigo, em que canções de amor eram oferecidas pelos enamorados para alguém que sabe quem.

Ao longo de 1h05, os bailarinos descrevem diversas formas de encontro, de abraço e de amor. Sem guardar rigores na ordem cronológica da execução, o início do espetáculo se prende às músicas mais antigas e o clima é mais inocente; e aos poucos vai se tornando mais sensual, passional e até agressivo. Paradoxalmente, as falas de amor permanecem as mesmas, ganhando o tom da modernidade apenas porque são interpretadas por cantores atuais.

A abordagem teatral, a fusão de vários ritmos, num diálogo com técnicas de caracterização teatral e elementos circenses, revitalizam e exploram a dança de salão ao limite improvável, o que vem sendo conseguido pela Mimulus Cia de Dança com renovado sucesso.

No ano de 2002, E Esse Alguém Sabe Quem, recebeu os seguintes prêmios: Melhor Coreógrafo; Melhor Cenário; Melhor Espetáculo.

Pessoas Especiais às quais temos muito a agradecer:

Ana Maria Rego, André Dulci, Carlinhos da Discoplay, Cleiber Pacífico da Rádio Inconfidência, Cristiane Mesquita, Daniel Dias Lima, Edson do Centro Gráfico, Giovanni Damásio, Herculano Pinto da Rádio Cultura de Lavras, Humberto - Seu Cabelo, João Bosco Damásio, José Otávio Cavalcanti, José Jorge de Lavras, Julia Gauzzi da Rádio Itatiaia, Lena Ribeiro, Luciane Oliveira, Luiz Gomide, Luiz Gonzaga - o mágico, Mauro Maia, Naná Ferreira, Orlando de Paula e Paulo de Tarso - professores de balet, Rodrigo Lavalle, Rogério e Rosana, Rômulo Avelar, Rosa Antuña Sr. Antônio - do Taxi, Tindaro Silvano, Toninho, Vânia Lúcia Correia da Silva, Valdivino Campos

Alunos da Mimulus Dança de Salão. Sócios da Associação Cultural Mimulus
Parceiros Mimulus, pais, amigos, amantes e namorados
Meninos da Transpedal, Equipe do Teatro Klauss Vianna

... e alguém sabe quem

Realização:

MIMULUS
Cia de Dança

Patrocínio: *Co-patrocínio:* *Apoio:*

Realizado com benefícios da Lei de Incentivo a Cultura de Belo Horizonte

"Eu completava sete anos no dia que meu pai me levou a um parque, bem em frente de nossa casa, quando ouvi bem alto que um pai afetuoso oferecia uma música para a sua filha que ria com os olhos, desejando que ela fosse feliz a vida toda. Jamais me esqueci, embora nem sempre feliz. Pelo contrário, essa lembrança me aparece mais quando tenho tempo para ficar triste. É uma lembrança intensa. Vejo minha mãe na janela da casa, nos olhando enternecida e cúmplice. Contei esse caso para uma amiga e ela me confidenciou já ter ido a um parque e oferecido uma música para si mesma como se fosse vinda de um admirador secreto e muito, muito apaixonado. Pétalas de rosas entre os livros, papéis de bala, sei de gente que guarda caixinhas de lembranças de cada namorado que teve na vida. Não me organizei tanto assim, mas guardo na memória. Meu pai não me disse nada, nem me lembro do seu abraço. Estamos de mãos dadas e ele só me diz, agora vamos. É assim. Cada um tem um jeito próprio de amar, de declarar o seu amor e de organizar as lembranças de bons momentos, apagando os maus. Não há mágoa que resista ao tempo.

Agora esse espetáculo é uma declaração de amor. Declaram amor pela dança os bailarinos. Declaram amor pelos bailarinos toda a equipe em torno, cada um à sua maneira e todos nós oferecemos a alguém o nosso trabalho e o nosso carinho.

... e esse alguém sabe quem

Baby Mesquita
Novembro de 2001

E esse alguém sabe quem

Os oferecidos

Direção e Coreografia: Jomar Mesquita

Bailarinos: Bruno Ferreira, Daniel Vidal, Fabiana Dias Fernanda Nogueira, Jomar Mesquita, Juliana Macedo Luciana Fernandes, Rodrigo de Castro, Thais Guimarães

Bailarinos - Estagiários: Rodrigo Marra, Juliana de Araújo

Ensaiadores: Jomar Mesquita, Jacqueline de Castro

Cenógrafo: Ed Andrade

Cenotécnicos: Joaquim Pereira, Adeirte Pereira

Figurino: Baby Mesquita, Heloísa Paixão

Assistentes de Figurino: Eloah Rodrigues, Vânia Lúcia Correia da Silva

Costureiras: Alciene Beatriz, Maria Helena Aguiar

Alfaiate: Floriano Lima Neto

Forração de Calçados: Anésia Santana

Flip Book: Rapidinha, de Rodrigo John

Vídeo: Rodrigo Mineli -adaptação do flip book 'Rapidinha'

Fotografia: Guto Muniz

Boneca: Cássia Macieira

Iluminação: Alexandre Galvão, Wladimir Medeiros, Geraldo Octaviano

Operador de luz: Chiquinho

Operador de som: Robson Marques

Projeto Gráfico: Denis Leroy, Cristiana Giroletti

Locução: João Baptista Mesquita, Angela Evans

Assessoria Cênica: Marcelo Bones

Produção Executiva: Baby Mesquita

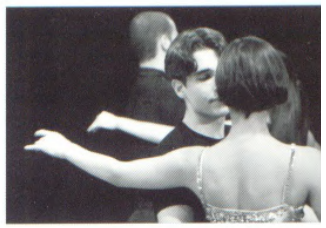
Assistentes de Produção: Fábio Ramos, Heloísa Paixão, Jacqueline de Castro, Alessandra Claro

Apoio Geral e Irrestrito: João Baptista Mesquita

Realização: Associação Cultural Mimulus

Oferecimentos Musicais

" Meu amor:
Ofereço-lhe o meu coração apaixonado, dos seus abraços jamais me esquecerei.
Se você me abandonar não sei do que serei capaz. Eternamente."
- Tango para Teresa (Jair Amorim . Evaldo Gouveia)
- Dos Meus Braços Tu Não Sairás (Roberto Roberti)
- Lua Branca (Chiquinha Gonzaga)
- Boa Noite Amor (José Maria de Abreu . Francisco Mattoso)
- Ninguém é de Ninguém (Umberto Silva . Toso Gomes . Luiz Mergulhão)
- Amante à Moda Antiga (Roberto Carlos . Erasmo Carlos)
- Outra Vez (Isolda)



" Lamento todas as nossas desavenças, mas considere o quanto você me provoca... "
- Vem Quente Que Eu Estou Fervendo (Carlos Imperial e Eduardo Araújo)
- Atraente (Chiquinha Gonzaga)
- Que Pena (Jorge Benjor)

... já que de minha parte farei de tudo para que o nosso romance seja eterno"
- Poema: Ai Se Sêsse (Zé da Luz)

... pergunto sempre para onde vai o nosso amor,
às vezes sinto que ele está se acabando"...
- Incompatibilidade de Gênios (João Bosco . Aldir Blanc)
- Almanaque (Chico Buarque)

..." Sinto a sua falta, por favor, reconsidere..."
- A Tua Presença Morena (Caetano Veloso)
- Flor da Pele e Vapor Barato (Zeca Baleiro . Jards Macalé . Wally Salomão)

" ... sei que não encontrarei outra pessoa com esse jeito que é só seu...
- O Meu Amor (Chico Buarque)

... mas, também que você não encontrará nunca um amor igual ao meu."
- Alguém Me Disse (Jair Amorim . Evaldo Gouveia)

Reafirmo meu eterno amor e agradeço o seu querer bem
e termino dedicando-lhe essa canção:
- Mania de Você (Rita Lee e Roberto de Carvalho)

FICHA TÉCNICA:

Direção e Coreografia: Jomar Mesquita

Bailarinos (elenco principal): Bruno Ferreira, Daniel Vidal, Fabiana Dias, Fernanda Nogueira, Jomar Mesquita, Juliana Macedo, Luciana Fernandes, Rodrigo de Castro, Thaís Guimarães.

Ensaiadores: Jomar Mesquita e Jacqueline de Castro

Cenógrafo: Ed Andrade

Cenotécnicos: Joaquim Pereira e Adeirte Pereira

Figurino: Baby Mesquita e Heloísa Paixão

Assistentes de Figurino: Eloah Rodrigues e Vânia Lúcia Correia da Silva

Costureiras: Aliciene Beatris e Maria Helena Aguiar

Alfaiate: Floriano Lima Neto

Forração de Calçados: Anésia Santana

Flip Book: Rapidinha, de Rodrigo John

Fotografia: Guto Muniz

Boneca: Cássia Macieira

Iluminação: Alexandre Galvão, Wladimir Medeiros e Geraldo Octaviano

Projeto Gráfico: Denis Leroy e Cristiana Giroletti

Locução: João Baptista Mesquita, Baby Mesquita e Ângela Evans

Assessoria Cênica: Marcelo Bones

Produção Executiva: Baby Mesquita

Assistentes de Produção: Fábio Ramos, Heloísa Paixão, Jacqueline de Castro e Alessandra Claro

Apoio Geral e Irrestrito: João Baptista Mesquita

Realização: Associação Cultural Mimulus

ESTADO DE MINAS

CULTURA

CRÍTICA DANÇA

"E ESSE ALGUÉM SABE QUEM", DA MIMULUS CIA. DE DANÇA, LOTA O GRANDE TEATRO DO PALÁCIO DAS ARTES, NA CAMPANHA, GRAÇAS A SUAS QUALIDADES

AMOR COREOGRÁFICO

MARCELLO CASTILHO AVELLAR

O número de pessoas que lotaram o Grande Teatro do Palácio das Artes para assistir a *E esse alguém sabe quem*, da Mimulus Cia. de Dança, pela Campanha de Popularização do Teatro e da Dança, é boa demonstração de que o grupo vem sendo bem sucedido no sentido de se comunicar com o público. Alguém pode argumentar que a força desta comunicação vem do fato de que a companhia e o coreógrafo Jomar Mesquita têm, no núcleo de seu trabalho, a dança de salão, algo que implicitamente seria "comunicativo", ou, ao menos, não tão hermético quanto a dança contemporânea que atualmente domina os palcos mineiros. Bobagem. Grupos e escolas de dança do País há aos montes Brasil afora; montar um espetáculo como *E esse alguém sabe quem*, só a Mimulus vem fazendo.

O erro do raciocínio dos incautos é pensar que a Mimulus não produz dança contemporânea. A relação de *E esse alguém sabe quem* com a dança de salão que lhe serve de base transcende o gênero e seu simulacro. O que vemos não é o baile (o que seria a "verdadeira" dança de salão) ou a representação do baile (o que seria um simulacro comum). Jomar Mesquita fragmenta o baile e transforma os pedaços em tijolos para construir uma obra à parte, que tem embrionários elementos autorais, ou seja, diz mais de quem a dança do que dos recursos adotados. Se a comunicação com o público é eficiente é porque, no processo de fragmentação do que seria o baile, coreógrafo e bailarinos preservam o carisma de cada elemento, tanto no sentido técnico (*E esse alguém sabe quem* tem elementos muito acrobáticos), que impressiona a retina, quanto no que se refere ao gestual interpretado pelo espectador como manifestação de afetividade, que provoca identificação do público.

A DOIS Beleza visual e expressividade se unem em "E esse alguém sabe quem"

DIVULGAÇÃO/GUTO MUNIZ

O processo em si não é novo. É base de uma série de espetáculos semelhantes que, em países com grande tradição em danças de salão, como França, Estados Unidos e Argentina, conquistam com freqüência os teatros. É análogo ao que vem sendo feito, também, por companhias como Deborah Colker (em relação às técnicas desportivas) ou Balé de Rua (com a dança de rua). Se seu valor, então, não se apóia na novidade (exceto para quem nunca viu algo semelhante), *E esse alguém sabe quem* legitima-se na beleza visual e na expressão. Em relação à primeira, impressiona pela maneira como combina seus recursos de maneira inesperada – o elemento cenográfico subitamente transforma-se em fonte de luz, o gesto que se esperaria em certa posição ocorre em outra. Em relação à última, transborda afetividade – Jomar Mesquita e seus bailarinos continuam intrigados com o amor, e não param de discuti-lo coreograficamente, entre o humor e o drama, mas sempre com paixão.

REESTRÉIA → Com o aval de vários prêmios, Espetáculo da Cia. Mimulus de Dança ocupa o palco do PA

'E Esse Alguém Sabe Quem...' dança o amor

O encontro entre um homem e uma mulher que, enlaçados, colocam em jogo as dificuldades em declarar o amor de um pelo outro é o tema do espetáculo "E Esse Alguém Sabe Quem...", que a Mimulus Cia. de Dança apresenta dia 8, às 21 horas, e dia 9, às 20 horas, no Grande Teatro do Palácio da Artes. Com direção e coreografias de Jomar Mesquita, o espetáculo estreou em novembro de 2001, no Teatro Klauss Vianna. Em 2002, obteve as premiações do Sesc/Sated de Melhor Coreógrafo para Jomar Mesquita; Melhor Cenário para Ed Andrade; e Melhor Espetáculo, eleito pelo Júri Popular.

"E Esse Alguém Sabe Quem...", que foi apresentado na Bienal de Dança Lyon, em setembro de 2002, faz uma abordagem dramática e ao mesmo tempo lúdica do tema, fundindo vários ritmos, num diálogo com técnicas de caracterização teatral e elementos circenses. "Esses recursos revitalizam e exploram a dança de salão no limite improvável, o que vem sendo conseguido pela Mimulus Cia de Dança com renovado sucesso", adianta a diretora-presidente da Cia., Baby Mesquita.

"Ao longo de 1h05, os bailarinos descrevem diversas formas de encontro, de abraço e de amor. Sem guardar rigores na ordem cronológica da execução, o início do espetáculo se prende às valsas, e o clima é mais inocente. Mais para o final, os bailarinos dançam mais forte, num clima mais sensual e agressivo. Paradoxalmente, as falas de amor permanecem as mesmas, ganhando o tom da modernidade apenas porque são interpretadas por cantores atuais", descreve Baby Mesquita.

"E Esse Alguém Sabe Quem..." toma emprestada a mensagem cifrada do namorado ou namorada que nos parques, quermesses ou através dos programas de rádio se ofereciam canções de amor, alimentando a expectativa do encontro. Nos intervalos das canções, jingles comerciais e o trecho de uma radionovela reforçam a idéia do espetáculo como um grande programa de rádio.

A Mimulus Cia de Dança participa da Campanha de Popularização do Teatro e Dança desde a sua 27ª edição. Em 2001 ocupou o Teatro Klauss Vianna com o espetáculo "Bagagem", esgotando os ingressos e recebendo as seguintes premiações: Prêmio Amparc/Bonsucesso de Bailarina Revelação para Thaís Guimarães; Bailarino Revelação, Rodrigo de Castro; Prêmio Sesc/Sated de Melhor Bailarino para Jomar Mesquita; Melhor Coreógrafo, Jomar Mesquita; e Melhor Espetáculo de Dança de 2000. Em 2002, a companhia apresentou o mesmo espetáculo no Grande Teatro do Palácio das Artes, sendo campeã de vendas da Campanha na modalidade Dança.

"E Esse Alguém Sabe Quem..." põe em cena os bailarinos Bruno Ferreira, Daniel Vidal, Fernanda Nogueira, Jomar Mesquita, Juliana Araújo, Juliana Macedo, Sílvia Lana; estagiários: Claudinei Virgem e Cláudia Jordão. Direção e coreografia: Jomar Mesquita. Cenógrafo: Ed Andrade. Figurino: Baby Mesquita. Em novembro de 2001, quando da estréia, o espetáculo não foi apreciado pela comissão avaliadora dos prêmios Amparc/Bonsucesso.

'E Esse Alguém Sabe Quem...' - Espetáculo da Mimulus Cia. de Dança. Grande Teatro do Palácio das Artes. Hoje, às 21 horas; domingo, às 20 horas. Ingressos: R$ 6 (postos da Belotur), R$ 12 (bilheteria do PA).

DIVULGAÇÃO/MIMULUS

3 - ano 2003

De Carne e Sonho

Uma criação que já teve o universo do tango como temática e fonte de inspiração desde o início da sua concepção. Piazzolla e a passionalidade do tango fazem parte das minhas primeiras memórias ligadas à vontade de manifestar emoções ao escutar uma música. Adolescente ainda, bem antes da dança fazer parte da minha vida, ao escutar Adios Nonino, de Piazzolla, numa fita cassete, viajando de carro com meus pais, me lembro pela primeira vez, de ser tocado por uma música... de sentir a necessidade de expressar aquela emoção de alguma forma. Muitos anos depois, eu pude entender o que era aquilo que eu sentia e como a dança foi o meio que encontrei para satisfazer aquela necessidade.

Esse trabalho foi o primeiro em que não nos ocupamos (ou nos preocupamos) mais em contemplar uma diversidade de gêneros de danças de salão. Além das danças portenhas - Tango, Milonga e Tango Vals - havia uma “pitada" do Choro brasileiro, pelas similaridades históricas e influências coreográficas. O primeiro espetáculo também - e único - que foi criado para ser apresentado com música ao vivo. Convidamos um grupo de jovens e excelentes músicos de Belo Horizonte que se dedicavam ao tango, o Quinteto Dialeto. O processo se deu, em grande parte, juntamente e a partir da definição do repertório em conjunto com os músicos. Muitas composições de Piazzolla (como não poderia ser diferente) e momentos importantíssimos de “quebra" no ritmo do espetáculo:

- Quando dançamos ao som original e com as imagens de Calos Gardel cantando, que eram exibidas num aparelho de tv antigo, que fazia parte do cenário;
- No momento em que um dos bailarinos se juntava aos músicos tocando cavaquinho e estes transmutavam aquela sonoridade tangueira em samba, em choro, em Pixinguinha;
- Ao som do solo de bandoneon composto por Daniel Binelli;
- No divertido momento em que o pianista simulava colocar um LP para tocar numa vitrola cenográfica. Então entrava uma versão de Gotan Project, de Last Tango in Paris e os músicos começavam a dançar. Foi uma das formas que encontramos de realizar uma intenção que vinha desde o início: que os músicos realmente participassem ativamente do espetáculo, que não fossem somente meros executores da trilha sonora;
- E, finalmente, num dos pontos mais altos do trabalho, na música final - O Inverno, de Vivaldi - tocada logo após o Invierno Porteño, de Piazzolla.

Dançar com a música sendo executada ao vivo era sempre uma emoção à parte, além de fazer com que cada apresentação fosse única, já que os músicos interpretavam ou mesmo tocavam em andamentos diferentes a cada vez. Todo o processo de ensaios foi muito mais trabalhoso que o “normal”, pois tínhamos que esperar as primeiras gravações do Quinteto para então experimentar e adaptar as coreografias. Eram muitas idas e vindas até podermos fazer ensaios juntamente com os músicos. E isso exigia uma produção e logística com as quais não estávamos acostumados.

Coreograficamente, o desafio inicial era fazer um espetáculo “de tango”, de uma hora de duração, que não ficasse repetitivo, monótono. Acabamos descobrindo que essa era a

parte mais simples. Também porque nunca tivemos como objetivo ou compromisso sermos “fiéis” ao tango tradicional, como música ou dança. Essa era a nossa fonte de criação, inspiração para chegarmos a diferentes lugares e resultados. Experimentamos as mais diversas formas de brincar com a riquíssima linguagem coreográfica do tango, além dos duos, também em solos e trios. Dos passos tradicionais às quebras dos abraços... da quase “câmera lenta” aos movimentos de grande destreza e velocidade. Mas mantendo sempre o que considero uma das marcas registradas do tango e dessa criação: a densidade... como clima e como qualidade de movimento. Quebrada em alguns momentos, como na música de Pixinguinha ou quando os músicos dançam, arrancando risos da plateia.

Como agora tínhamos cinco músicos integrando a equipe e também pelo fato da Cia estar trabalhando com um elenco mais reduzido que antes, decidimos que teríamos somente seis bailarinos, três pares no elenco. Isso foi importante para reduzir um pouco os custos de produção e viagens. E foram muitas viagens que esse espetáculo realizou, no Brasil e no exterior.

Convidamos como assessor artístico, o artista da dança Tuca Pinheiro. Acho que o Tuca nunca se imaginou participando de um trabalho tão distante do seu universo de criação! E essa talvez tenha sido a razão do convite... para que ele pudesse nos instigar, nos conduzir a lugares diferentes, nos tirar da zona de conforto. Pena que sua atuação durou pouco, pois acabou tendo que se ausentar para um trabalho fora de Belo Horizonte.

Ed Andrade propôs uma estética para o cenário inspirada nos armazéns, galpões portuários. Os diferentes elementos que compunham a cena possibilitaram diversas mudanças cenográficas durante o espetáculo. O grande biombo era o protagonista. Ora elemento decorativo, ora servia de filtro, anteparo para a contraluz, desenhando lindas sombras pelo chão. Possibilitava que o público enxergasse somente as pernas dos bailarinos em partes de grande efeito ou sensualidade. Passeava pelo palco escondendo ou revelando os músicos, além de possibilitar o lindo efeito de um *shark-teeth,* produzindo uma linda textura para a imagem que era criada quando iluminava-se os intérpretes que estavam por trás do seu tecido.

Foi um grande e complexo desafio definir o percurso que o biombo faria pelo palco durante o trabalho, até sair de cena, possibilitando mais um diferente visual para a caixa cênica - que era toda aberta, sem pernas, bambolinas, rotunda ou qualquer vestimenta. Esse percurso do biombo foi definidor para o roteiro e a criação do ritmo do espetáculo.

A "passarela" também tinha papel importante, possibilitando espaços para dança em níveis diferentes do usual, do palco. Foi também a solução ideal para posicionamento dos músicos e seus equipamentos. Além de dar o toque magnífico na cena final em que os refletores iluminavam por baixo dela. A luz vinha em direção à plateia, atravessando pilhas de papelão que supostamente sustentavam toda aquela estrutura. Vale frisar aqui o importante papel do iluminador Leonardo Pavanelo, que soube aproveitar

maravilhosamente todos esses elementos de cenário, criando ambientações que fugiam dos clichês do tango.

Essa foi a primeira montagem em que os bailarinos mais experientes tiveram uma participação bem mais ativa na criação coreográfica. Em que começamos a experimentar o que se concretizou na criação seguinte, ou seja, a minha atuação como diretor coreográfico, responsável pela visão macro do trabalho, delegando para os bailarinos parte da criação das sequências coreográficas.

Tínhamos três papéis bem definidos para os três casais de bailarinos. O casal principal; o segundo casal, que também tinha momentos de protagonismo, com duos exclusivamente para eles; e o terceiro casal, interpretado por bailarinos menos experientes, mas com atuação essencial nas coreografias de conjunto.

A criação dessa dramaturgia e as relações existentes entre esses personagens teve colaboração de Júlio Maciel, integrante do Grupo Galpão. Eram relações que iam sendo construídas e tornando-se cada vez mais intensas e passionais durante o espetáculo, por aqueles seis elementos que começavam o trabalho como que se conhecendo. E ao final se separavam, se despediam, cada um rumando para uma direção distinta. Como uma metáfora da maneira poética como as *tandas* de um tradicional baile de tango podem ser descritas. Em que a primeira música serve para os casais se conhecerem, então amadurecem a relação na segunda música; desfrutam, gozam da relação na terceira, quarta músicas; e se despedem, se separam na última.

CURIOSIDADES:

O espetáculo começa com uma grande cortina de veludo na frente dos músicos e de grande parte dos elementos do cenário. A plateia não percebe, portanto, que as músicas estão sendo executadas ao vivo. Num determinado momento, cerca de 15 minutos após esse início, a cortina sobe causando grande impacto visual e surpreendendo o público ao revelar os músicos.

Na tarde de ensaios para uma apresentação realizada em um lindo palco aberto, na cidade de Corumbá, o enorme biombo caiu sobre o piano, danificando o mesmo. Por sorte, não havia ninguém no palco, nesse momento em que uma rajada de vento provocou o incidente.

Tivemos uma temporada memorável, com dez noites de espetáculos, com teatro lotado na Maison de la Danse, em Lyon, França. País em que circulamos por outras cidades com muito êxito. Aliás esse espetáculo marcou o início de uma frutífera parceria com aquele que se tornou o consultor internacional da Mimulus Cia de Dança, Guy Darmet. Ele que já tinha nos levado para França com “E Esse Alguém Sabe Quem”, mas que com essa criação se apaixonou pelo nosso trabalho.

Também apresentamos “De Carne e Sonho” diversas vezes em versão adaptada, sem os músicos e com o cenário reduzido. Tivemos que fazer dessa forma, principalmente em ocasiões em que teatros pequenos não comportavam toda a estrutura. Claro que a emoção não era a mesma.

Usávamos uma fumaça tênue, que preenchia todo o palco durante as apresentações. A fumaça mais bonita que conheço, que era produzida na coxia, por um fogareiro e uma frigideira onde íamos colocando um pó branco durante o espetáculo todo: cloreto de amônio. Fizemos assim até quando esse método foi proibido. Mas antes disso acontecer, um dia o fabuloso bandoneonista Renato Hanriot, discípulo de Rufo Herrera, “resolveu descobrir" que a tal fumaça entranhava nas peças internas do seu bandoneon, o desafinando. Confesso que teve vez que o enganamos dizendo que era outro tipo de fumaça!

A afinação do piano era um problema, pois em cada teatro que chegávamos tínhamos que contratar um afinador que deveria chegar ao teatro horas antes do primeiro ensaio para afinar de forma precisa o instrumento. Mesmo que este tivesse sido afinado na noite anterior para algum outro espetáculo, me diziam que, na movimentação do piano pelo palco, para posicioná-lo, este desafinava e precisava ser afinado novamente... e isso custava caro. Um dia então, com pouquíssima verba disponível para a produção, falei com o Fábio, nosso competente assistente: "Dispensa o afinador... mas o deixa de sobreaviso e se precisar o chamamos de última hora. Mas quando os músicos chegarem, dizemos que o piano foi perfeitamente afinado nos 440 Hz que eles pediram”. O pianista então chega para o ensaio após o almoço, me pergunta se o piano foi afinado e eu digo que sim, todo apreensivo, pois se ainda tivéssemos que chamar o afinador, além de não termos dinheiro, iria atrasar todo o ensaio. Marcelo, o pianista, assenta ao piano, toca lindamente, eu pergunto como estava e ele sorri dizendo que estava perfeito! A partir desse dia, nunca mais mandamos afinar os pianos.

Esse foi o primeiro trabalho que deu início ao que se tornou uma tradição da Mimulus Cia de Dança: o bis, após o primeiro agradecimento.

RELEASE ORIGINAL:

Teve sua estreia em 2003. Nos anos de 2004 e 2005, recebeu um total de 11 premiações em diversas categorias, entre elas a de Melhor Espetáculo de Dança do ano.

Em 2006, fez turnê por várias cidades francesas, onde atingiu um púbico de cerca de 20000 pessoas. Merece destaque a série de 10 espetáculos realizados na Maison de la Danse, Lyon, França.

——-

Um tradicional baile de tango se divide em "tandas", seqüências de quatro ou cinco tangos, separadas por cerca de um minuto de uma outra música não dançante – a "cortina" -, para que a pista se esvazie e os pares voltem a se formar para uma nova seqüência e um recomeço. Cada cortina é um encontro e a síntese de uma relação, tal qual é em nossas vidas: a primeira música serve para os parceiros se conhecerem, a segunda para acostumarem-se um ao outro, no terceiro e quarto temas os pares desfrutam daquele encontro e no último tango despedem-se e se separam.

Esse é o fio condutor do espetáculo que fala da relação dos casais e os seus conflitos, disputas, os desejos, as traições. Fala principalmente da necessidade do outro e da solidão.

A Mimulus Cia de Dança, ao mesmo tempo que respeita as origens da dança de salão, quebra as suas tradições, na ousada concepção do espetáculo ***"De Carne e Sonho"*** *onde insere uma nova estética e uma temática contemporânea.*

Jomar Mesquita, coreógrafo e diretor da Cia, toma como base as danças portenhas, principalmente o tango e, com a música ao vivo, desafia os bailarinos a mostrar ao público a maturidade adquirida em 11 anos de trabalho da Mimulus Cia de Dança.

O desejo de trabalhar com os gêneros portenhos coincidiu com o encontro da Cia e o ***Quinteto Dialeto****, um grupo de músicos jovens, mas de apurada formação.*

O resultado mostra o lado visceral do tango em um espetáculo denso, enriquecido pela trilha sonora que envolve Gotan Project, Pixinguinha, Astor Piazzolla e o clássico Vivaldi.

A Mimulus Cia de Dança parte da essência das danças de salão, propõe uma linguagem inovadora, técnicas apuradas e apresenta ao público um espetáculo que faz jus ao nome: ***De Carne e Sonho****.*

LE FIGARO Lyon

07 FEV. 2006

Le poids des images

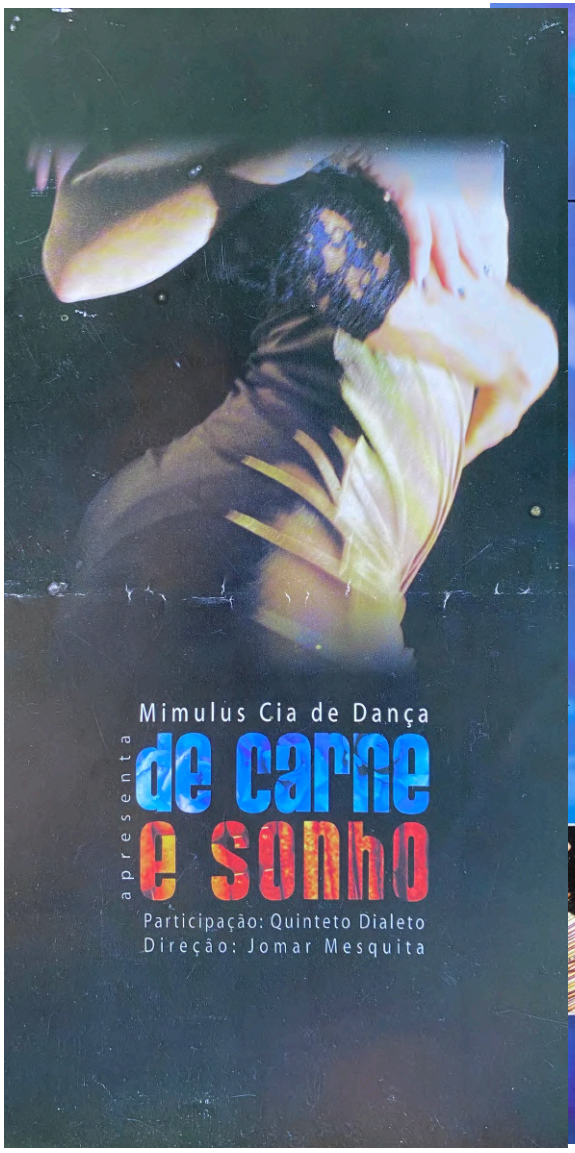
De Carne e Sonho, tango, Mimulus, à la Maison de la Danse
et Yasmeen Godder Strawberry Creamand Gunpowder au Toboggan, à Décines

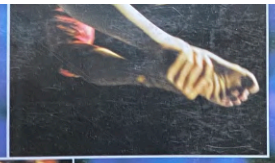
DANSE Quand on va voir un spectacle de tango, on a déjà des images de corps mêlés à l'esprit, une mélodie obsédante qui nous trotte dans la tête. Les Brésiliens de la compagnie de danse de salon Mimulus avec leur spectacle *De Carne e Sonho* n'ont pas déçu. Tout en ravivant la flamme du tango, en évitant les poncifs et proposant d'audacieuses variations. C'est une heure d'intensité pour six danseurs et des musiciens sur scène à laquelle ont eu droit pendant plus d'une semaine les spectateurs. Du bois brut pour l'estrade, du béton en fond de scène, un paravent surdimensionné style art déco, du tango en direct mais aussi à la télévision ou sur disque vinyle, Jomar Mesquita a joué avec intelligence entre hommage à un tango voisin de Belo Horizonte, la région du Brésil dont ils sont originaires. En évitant le kitsch et les poncifs. Son tango propose ce qu'il faut de duos intenses, jambes enchevêtrées sans s'entremêler, de variation de tonalité, du joyeux au romantique en passant par le passionné. Pieds nus ou sur talons, en jean ou en pantalon flanelle, à distance, ou en trio rageur, *De Carne e Sonho* a donné lieu à plusieurs moments forts. Avec Gardel, Piazzolla mais aussi un tango mâtiné de samba carioca et un final magistral sur l'hiver de Vivaldi ! La compagnie est homogène. Quant à Jomar Mesquita il a une présence électrisante, qu'il esquisse quelques pas dans un coin de scène ou qu'il se livre à une interprétation toute personnelle du tango avec sa partenaire complice… Un très joli spectacle à la durée maîtrisée.

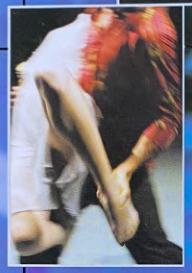
Dans le même temps, jeudi et vendredi dernier au Toboggan, la Maison de la Danse proposait un autre style de danse, contemporaine et israélienne. Illustrant le grand écart d'une programmation qui veut présenter toutes les danses. Un spectacle qui partait aussi d'images, celles des conflits armés dans lesquels la population civile est prise en otage. Avec sa jeune compagnie, Yasmeen Godder a travaillé à partir de photographies, illustrant des rapports de force, des revirements de position. La danse joue de moments d'immobilité, des tableaux qui se succèdent comme des diapositives. Des saynètes où l'on passe du tendre à l'humiliation, de la complicité à la violence dans un revirement soudain. Quelques cris d'ailleurs presque superfétatoires, mais une bonne idée sur une scène dépouillée où la barrière des frontières s'ouvre et se ferme sans cesse, une guitare grinçante et grimaçante à souhait qui emmène des danseurs très impliqués au-delà des territoires attendus. Le sujet est difficile et la chorégraphe le traite habilement en contrepoint. Jouant de gestes, une mise en joue comme un leitmotiv, et d'arrêts sur image qui sont les moments les plus forts de la pièce. Parfois dans la mobilité, le propos s'égare un peu, mais l'ensemble est courageux et intéressant. À resserrer un peu sans doute.

AGNÈS BENOIST

Mimulus sera le 11 février au Grand Angle à Voiron, du 12 au 20 février aux Hivernales d'Avignon. Puis à la prochaine Biennale de Lyon pour un nouveau spectacle.





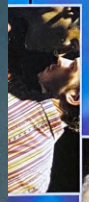


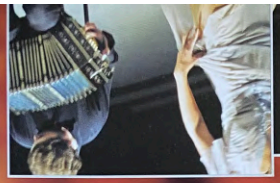
O resultado mostra o lado visceral do tango em um espetáculo denso, enriquecido pela trilha sonora que envolve Gotan Project, Pixinguinha, Astor Piazzolla e o clássico Vivaldi.

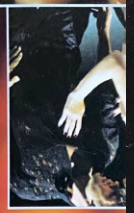
A Mimulus Cia de Dança propõe, assim, numa linguagem inovadora e apurada técnica, um espetáculo que faz jus ao nome.

de carne e sonho

1. CONTRABAJÍSIMO - A. Piazzolla
2. CORAZÓN DE ORO - F. Canaro / J. Fernández Blanco
3. EL DIA QUE ME QUIERAS - C. Gardel
4. MILONGA DE MIS AMORES - P. Láurenz
5. UM A ZERO - Pixinguinha / Benedicto Lacerda
6. FUGATA - A. Piazzolla
7. MILONGA DEL ÁNGEL - A. Piazzolla
8. PARIS DESDE AQUI - Daniel Binelli
9. MICHELANGELO 70 - A. Piazzolla
10. LAST TANGO IN PARIS - Gato Barbieri
11. INVIERNO PORTEÑO - A. Piazzolla
12. O INVERNO (Allegro non molto) - Antonio Vivaldi







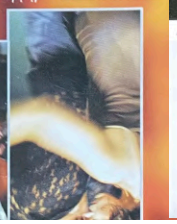
A Mimulus Cia de Dança ao mesmo tempo que respeita as origens da dança de salão, quebra as suas tradições, na ousada concepção do espetáculo "De Carne e Sonho" onde insere uma nova estética e uma temática contemporânea.

Jomar Mesquita, coreógrafo e diretor da Cia, toma como base os ritmos portenhos, principalmente o tango e, com a música ao vivo, desafia os bailarinos a mostrar o público a maturidade adquirida nesses 11 anos de trabalho da Mimulus Cia de Dança.

O desejo de trabalhar com os ritmos portenhos coincidiu com o encontro da Cia e o Quinteto Dialeto, um grupo de músicos jovens, mas de apurada formação.

Um tradicional baile de tango se divide em "coxtinas", sequências de quatro ou cinco tangos, separados por cerca de um minuto de uma outra música não dançante, para que o piso se esvazie e os pares voltem a se formar para uma nova sequência e um recomeço. Cada coxtina é um encontro e a síntese de uma relação, tal qual é em nossas vidas: a primeira música serve para os parceiros se conhecerem, a segunda para acostumarem-se um ao outro, no terceiro e quarto temas os pares desfrutam daquele encontro e no último tango despedem-se e se separam.

Esse é o ao conduzir do espetáculo que fala da relação dos casais e os seus conflitos, disputas, os desejos, as traições, fala principalmente da necessidade do outro e da solidão.



FICHA TÉCNICA

Direção e Coreografia:
Jomar Mesquita
Assistentes:
Bruno Ferreira
Fernanda Nogueira
Juliana Macedo

Mimulus Cia de Dança
Bruno Ferreira
Claudinei Cândido
Fernanda Nogueira
Jomar Mesquita
Juliana Macedo
Nielvis Correia
Silvia Lana

Quinteto Dialeto:
André Lodi
Camilo Christófaro
Daniel Christófaro
Marcelo Magalhães Pinto
Renato Hanriot

Ensaiadores:
Jomar Mesquita
Jacqueline de Castro

Preparação Corporal:
Orlando de Paula

Cenógrafo:
Osla Arquitetura
Ed Andrade

Cenotécnico:
Joaquim Pereira

Figurino:
Baby Mesquita

Assistentes de Figurino:
Heloísa Paixão
Vânia Lúcia Correia da Silva

Costureira:
Maria Helena Aguiar

Alfaiate:
Floriano Lima Neto

Forração de Calçados:
Anésia Santana

Adaptação de Calçados:
Sapataria do Futuro

Fotografia:
Guto Muniz

Iluminação:
Leonardo Pavanello

Sonorização e operador de som:
Jota Souza

Filmagem:
Claudinei Candido

Operador de luz:
Chiquinho

Operadora de Som:
Jacqueline de Castro

Projeto Gráfico:
Cognitiva Publicidade
Giovanni Damásio

Locução:
João Baptista Mesquita

Assessoria Cênica:
Tuca Pinheiro
Júlio Maciel

Produção Executiva:
Baby Mesquita

Assistentes de Produção:
Fábio Ramos
Fabi Serrate

Realização:
Associação Cultural Mimulus

Agradecimentos:
Alessandra Claro
Alunos da Mimulus
Beto e Nicinha
Celina Albano
Claudinei Aparecido
Eurico Justino
Geórgia Andrade
Grupo Meninos da Mimulus
Grupo Gente Grande
Leonor e Marta
Lívia, Lucas e Kekey
Marine Bueno
Naná Ferreira
Parceiros Mimulus
Rogério e Rosana
Rômulo Duque
Sérgio e Nicole
Tizumba e Beth Coutinho
Viviane Letícia de Souza
Welbert de Melo

Apoio geral e irrestrito: João Baptista Mesquita

ASSOCIAÇÃO CULTURAL MIMULUS: R. ITUIUTABA, 325 . PRADO . BH . FONES: (31) 3295.4367 . 3295.5213 . mimulus@uol.com.br

Realização:
MIMULUS MIMULUS

Patrocínio:
MGA SARITUR BERGMANN consul USIMINAS VIAÇÃO SERRO MINAS GERAIS

FICHA TÉCNICA:

Coreografia e Direção: Jomar Mesquita

Bailarinos (elenco principal): Bruno Ferreira, Daniel Vidal, Fabiana Dias, Fernanda Nogueira, Jomar Mesquita, Juliana Macedo.

Músicos - Quinteto Dialeto (formação principal): Camilo Christófaro, Daniel Christófaro, Renato Hanriot, André Lodi, Marcelo Magalhães Pinto

Assistentes de criação: Bruno Ferreira, Fernanda Nogueira, Juliana Macedo

Assessoria Cênica: Tuca Pinheiro, Júlio Maciel

Figurino: Baby Mesquita

Cenografia: Ed Andrade

Iluminação: Leo Pavanelo

Projeto Gráfico: Cognitiva Publicidade - Giovanni Damásio

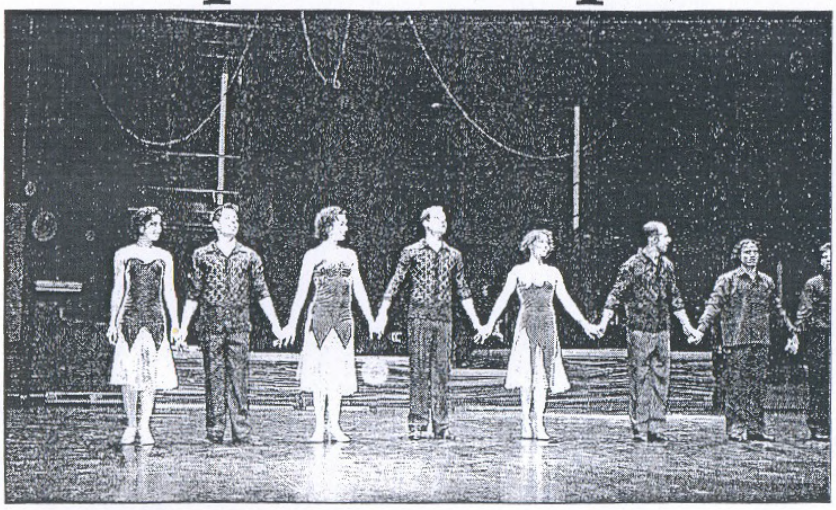
Produção: Fábio Ramos

Apoio Geral e Irrestrito: João Baptista Mesquita

Realização: Associação Cultural Mimulus

Succès du spectacle de tango présenté par «Mimulus»

BIBLIOTHÈQUE MUNICIPALE LYONNAISE

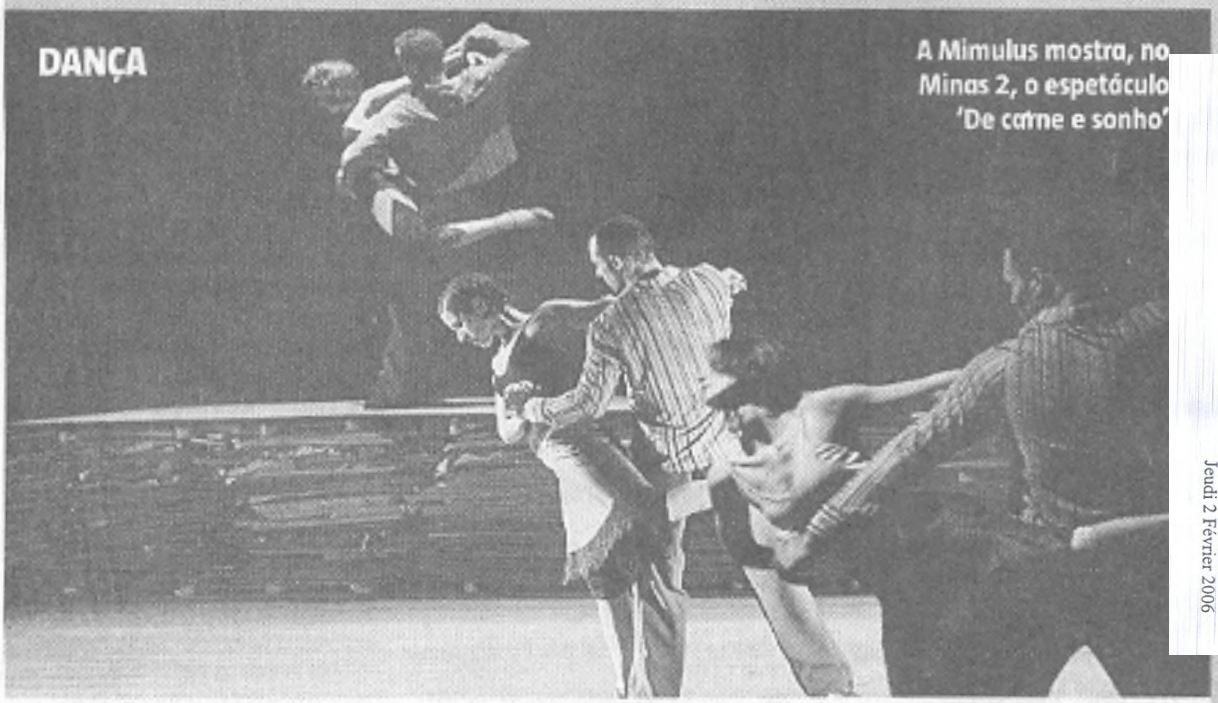


Danseurs et musiciens au service du tango

EN PENSANT TANGO, on associerait facilement : Argentin, bandoléon et Piazzolla qui a eux seuls pourraient assurer un spectacle.
Mais sur la scène du grand théâtre, la compagnie Brésilienne Mimulus montre comment on peut sortir du cadre et donner à cette danse d'autres aspects que la danse de salon. Avec de «Chair et de songe» les trois couples de danseurs, en imposent déjà dans leur présence scénique avant même les pas de danses, Puis les séquences déroulent avec autant d'originalité que d'ingéniosité. Dans un décors aussi sobre qu'inédit, l'orchestre perché sur des tas de cartons et le fond de scène exceptionnellement épuré de tous rideaux aux allures de hangar, mais à l'éclairage judicieux, le tango prend mille visages. Sensuel, tendre, romantique et langoureux, nostalgique ou provocateur selon que l'orchestre joue du Piazzolla (quand même) du Gardel, Project, Pixinguinha ou... Vivaldi.
Le bandoléon est accompagné de guitare, contrebasse, piano et violon ce qui concrétise tous les genres abordés. Les danseurs de Jomar Mesquita sont fascinants de précisions de la tête aux pieds, enchaînant duo solo et même un tango à trois et les portés non rien à envier à la danse classique. Un spectacle chaleureusement applaudi qui siégera des cette semaine dans les murs de la Maison de la Danse à Lyon. Excusez du peu...

LE PROGRES
Jeudi 2 Février 2006

DANÇA



OUTO MUNIZ/DIVULGAÇÃO

A Mimulus mostra, no Minas 2, o espetáculo 'De carne e sonho'

Nos passos do tango

MARCELLO CASTILHO AVELLAR

De carne e sonho, espetáculo da Mimulus Cia. de Dança, apresenta-se no salão de festas do Minas 2. A informação não teria nada demais se não fosse por um detalhe: a Mimulus é, essencialmente, uma companhia de dança de salão, mas o grande público viu *De carne e sonho* em palcos de teatros. Ocorreu com a Mimulus um processo perverso, muito comum em grupos de dança cujas raízes estão em manifestações populares dessa arte. Para se legitimar como "grande arte" frente ao público que paga ingressos ou aos patrocinadores, precisam abandonar o espaço de suas origens, históricas ou conceituais, e aceitar como regra o ambiente dos teatros. É a trajetória da Mimulus, dos grupos parafolclóricos, das companhias de dança de rua que tentam se profissionalizar. A apresentação no Minas traz *De carne e sonho* a seu espaço de verdadeira significação: não o lugar do espetáculo, mas o do baile.

Claro que *De carne e sonho* é espetáculo, e não baile. Mas boa parte da qualidade da Mimulus vem exatamente da maneira como consegue construir espetáculos sem nunca abandonar as origens. Suas criações, mais do que mostrar o baile, oferecem dele uma impressão, uma sensação. Se perdemos o próprio baile na transição entre o salão e o teatro, algo essencial dele terá sido sempre preservado. É por isso que bons espetáculos de dança inspirados nas danças de salão costumam dar vontade de dançar. E é possível que seja pela capacidade de lidar com tudo isso que a Mimulus vem conquistando o coração de tantas pessoas: a companhia, simbolicamente, preenche em nosso imaginário parte das mesmas funções de socialização que o baile verdadeiro preencheria, e das quais sentimos falta no mundo contemporâneo.

É nesse sentido que a apresentação de *De carne e sonho* num salão de festas adquire uma conotação especial. O salão também está carregado de significados sociais. Fala por si mesmo. Não traz os sentidos intrínsecos de "teatro". Naquele espaço, o que há de essencial em *De carne e sonho* pode encontrar eco nos sentidos que atribuímos ao lugar. O baile continuará ausente – mas a sensação dele, ali, estará brotando das informações que temos de duas fontes distintas.

DE CARNE E SONHO
Mimulus Cia. de Dança. Coreografia de Jomar Mesquita. Salão de Festas do Minas 2, Avenida Bandeirantes, 2.323, Mangabeiras, hoje, às 20h. Ingressos a R$ 2.

4 - ano 2006

Do Lado Esquerdo de Quem Sobe

A criação com o tom mais brasileiro da nossa trajetória. Resultado de pesquisa sobre as origens das danças de salão surgidas no continente Americano, especialmente na América Latina, no Brasil, nas últimas décadas do sução XIX e primeiras do século XX. Buscamos diversas referências nesse processo histórico para estarem presentes no trabalho:

- Os sapatos que permeiam toda a criação, por terem sido um grande objeto de desejo dos negros, ao se libertarem como escravos e virem para as cidades. Tornado um símbolo de status para aqueles que viveram no campo, trabalhando descalços. No ambiente urbano, poder comprar um par de calçados era também uma das formas de tornarem menos difícil sua aceitação naquela sociedade extremamente segregadora. Foi assim que os sapatos se tornaram um símbolo de preciosidade no universo das danças de salão, sempre impecáveis, brilhando. E com isso colaboraram para que caminhar no samba se tornasse esse jeito macio de se movimentar... o famoso andar do malandro.

- A caixinha de música representando o realejo, primeira tecnologia para execução mecânica de música. Produzidos na Europa, os realejos executavam músicas francesas ou inglesas... as culturas dominantes naquele período.

- Os elásticos como forma simbólica de representar a umbigada, esse passo presente em várias danças brasileiras de origem africana. A união, o laço que aproxima e funde as culturas europeias dos colonizadores e as culturas africanas dos escravos... que também une Brasil e África.

- Nas paredes do cenário, a calçada portuguesa, presente em todo o país e que, coincidentemente ou não, une as cores branca e negra em diferentes desenhos, formas. E onde todos deixamos as nossas marcas.

- Na única música cantada, o cantor de seresta simbolizando a importância das manifestações musicais que nasciam e aconteciam nas ruas, nas calçadas, nos quintais e terreiros. E não podia ser ninguém menos que meu pai, João Baptista Mesquita, o próprio cantor de seresta, a gravar "Rosa", de Pixinguinha, *a capella*.

- O saquinho utilizado pelo público para tocar samba em uma das cenas, representando a participação de todos os presentes nas festas, encontros, rodas de samba.

- O Choro como base principal da trilha sonora, primeira forma genuinamente brasileira de tocar música.

E assim, não teria melhor ponto de partida para a trilha sonora, que não o genial Yamandu Costa, com as músicas do seu CD "El negro del blanco", gravado com o também genial Paulo Moura. Nesse trabalho eles revisitam músicas argentinas, cubanas, brasileiras e nos fornecem o caminho ideal para a seleção musical da nossa trilha. Em um determinado momento da montagem, tínhamos cerca de 40 minutos de músicas e nos faltavam cerca de 20 para completá-la. Fui bastante pretensioso ao fazer contato com o próprio Yamandu Costa, cogitando a possibilidade de que ele compusesse especialmente para nós, esse restante de trilha sonora. Jantamos juntos, ele foi super solícito e

disponível, no entanto, não daria tempo para que o trabalho fosse realizado antes da nossa estreia, pois ele tinha o lançamento de um DVD. Então, com muita generosidade, ele me forneceu várias músicas inéditas, que acabaram sendo usadas no espetáculo.

Este trabalho marca o início de uma nova forma de criar, em que não tínhamos mais um casal principal - Jomar e Juliana. Todos tinham o mesmo "peso" durante o espetáculo, cada um dos quatro casais, com um duo exclusivo. Além disso, agora as sequencias coreográficas passam a ter a colaboração de todos os intérpretes. Isso tornou o trabalho ainda mais rico e também fez com que cada participante tivesse um cuidado especial com a limpeza e a qualidade do resultado final.

No figurino, pela primeira vez, Baby Mesquita teve um parceiro de criação: o estilista Ronaldo Fraga. Foi mais um dos figurinos da Mimulus de uma preciosidade imensa.

CURIOSIDADES:

As saias de rosas que as bailarinas usam no início do espetáculo possuem, cada uma, mais de 300 flores de tule feitas à mão.

A ideia de utilizar os elásticos em algumas partes da coreografia foi resultado de mais uma "adversidade" que, no decorrer dos processos artísticos, acabam gerando soluções criativas de grande importância e impacto. Rompi os ligamentos do meu ombro esquerdo em um acidente ocorrido durante o ensaio para a apresentação de um outro trabalho. Com isso, tive que passar grande parte do período de montagem de "Do Lado Esquerdo de Quem Sobe", fazendo intensos exercícios de fortalecimento e fisioterapia. Alguns deles utilizando o "thera tub", que, cobertos por um tecido vermelho, acabaram sendo os elásticos com os quais "brincamos" em uma das partes de grande efeito visual.

No dia da estreia desta criação, no Teatro Sesiminas, eu não tinha nenhuma dúvida que seria um fracasso. Já estava tentando me conformar internamente, dizendo para mim mesmo: "Toda companhia, todo coreógrafo, tem pelo menos um fracasso em sua carreira... ok". Essa sensação era resultado de um ensaio geral desastroso no dia anterior e na tarde da estreia. A iluminação não conseguia se acertar com o cenário muito claro, praticamente anulando os efeitos do mesmo; os figurinos ainda tinham muitos acertos para serem solucionados; os bailarinos, nervosos com todos esses desacertos, cometiam muitos erros em cena. Como em quase toda estreia, trabalhamos até poucos minutos antes de abrirem as cortinas acertando os detalhes. Ainda assim, eu seguia com a mesma certeza descrita anteriormente. Coloquei meu figurino, me maquiei e chamei o elenco para a nossa tradicional "rodinha"... momento em que damos as mãos, nos concentramos por alguns instantes e eu digo algumas palavras. Nesse dia, me lembro bem que eu disse somente: "Divirtam-se no palco!!! Merda para todos". Nos abraçamos e nos posicionamos na cena inicial, todos de ponta-cabeça. Fomos percebendo que o público estava adorando tudo, rindo e aplaudindo cada momento... num crescente. Com isso, realmente nos

divertíamos cada vez mais no palco. Ao final, a plateia estava em êxtase... e nós, no palco, igualmente! Aliás, o bis desse espetáculo é realmente de levantar qualquer audiência. Depois, ao assistir a filmagem, nos demos conta que tínhamos conseguido uma harmonia incrível entre iluminação, figurinos, cenário, coreografia e trilha sonora.

No dia seguinte, recebemos no teatro, flores com um cartão do professor Ernani Maletta, que tinha estado presente na estreia e, num entusiasmo imenso, se acabava em elogios. Estes, vindo dessa autoridade em artes cênicas e pelo qual detínhamos tão grande admiração, foi a real confirmação do nosso sucesso.

Tenho um carinho especial pela cena inicial em que as cortinas são abertas e o público vê todos os bailarinos em posição de parada de cabeça. Especialmente as meninas, com a linda saia deixando aparecer somente as pernas, formavam lindos abajures. Tinha essa ideia anotada no meu “banco de ideias” há alguns anos e, finalmente, consegui usá-la. Junto com as bailarinas, do lado direito, ficava a "boneca"... as pernas de um manequim que se encaixavam numa armação metálica onde vestíamos uma das saias, meia calça e sapatos. “Ela” sempre enganava o público, que ficava aflito com aquela “bailarina" que conseguia permanecer tão longo tempo, ali naquela posição de cabeça para baixo.

Normalmente busco cenas fortes, impactantes, para abrir e encerrar as minhas criações. Assim como encontrei essa cena inicial para o abrir das cortinas de “Do Lado esquerdo de Quem Sobe”, também fechamos com a “mágica” dos vários sapatos sendo lançados pela parede de fundo. É também mágica a parte em que as bailarinas dançam com somente um braço do seu parceiro, que fica posicionado do outro lado das paredes laterais.

Outra ideia que estava guardada há alguns anos e pude colocar em prática nesse momento, em conjunto com o querido Ed Andrade, foi aquela em que um casal de bailarinos “imprime” seus corpos nas paredes do cenário. Ed solucionou muito bem essa a transposição para o palco, em grandes dimensões, daquele brinquedinho captador de imagens em 3d “Pinart". Um dia, após uma das apresentações, uma das pessoas do público que tinha subido ao palco para nos parabenizar, decidiu fazer como os bailarinos e se jogou numa das paredes do cenário sem saber que essa possibilidade acontecia somente em duas placas específicas... o restante do cenário era todo rígido.

Foi muito difícil chegar aos saquinhos plásticos como solução para ser o “instrumento musical” que seria distribuído para o público tocar samba “contracenando" comigo e uma das bailarinas em um momento do trabalho. Buscamos diversos outros materiais, mas sempre tinha um problema: custo, logística, volume para transporte, dificuldade para ser distribuído na entrada ou para o público conseguir tocar. Um dia, fui tirar uma banana de um saquinho para lanchar durante o ensaio e ali estava a solução perfeita! E que se tornou um dos pontos altos da criação, em que a plateia se diverte junto conosco.

Esse foi o primeiro de três espetáculos que levamos para os EUA, mais especificamente para o maravilhoso Jacob’s Pillow Dance Festival. Uma experiência sem igual e que nos rendeu uma das críticas mais importantes da nossa coleção: meia página no The New York

Times, recheada de elogios. Comprei esse jornal em Nova York, no dia seguinte ao da última sessão no festival, com um verdadeiro buraco na minha testa, resultado de um choque com o dente da minha parceira Juliana Macedo. O pedacinho da minha testa foi encontrado no chão do palco após a apresentação. E eu, num dos momentos mais felizes da carreira guardando aquele jornal histórico.

No dia da estreia desse trabalho, na Bienal de Lyon de 2006, eu estava com a pior infecção intestinal que já tive na vida. Vinha de dois dias com febre altíssima e sem conseguir me afastar mais do que alguns metros de um banheiro. Consegui dançar, apesar de fraco fisicamente e usando um absorvente feminino tamanho “big, ultra, plus”! A adrenalina de uma apresentação não tornou necessário que a eficiência do absorvente fosse testada, felizmente. Aliás, um outro detalhe dessa temporada é que as imagens foram gravadas e exibidas por uma TV francesa que estudava cada movimento dos bailarinos milimetricamente para captar as imagens da melhor maneira possível com suas oito câmeras e duas carretas de equipamentos.

Por fim, vale ressaltar o carinho de Ernani Maletta com meu pai, João Baptista Mesquita, durante a preparação vocal e a gravação de “Rosa”. Essa música teve grande importância na composição da trilha sonora por fazer uma “quebra" contrastante com todas outras músicas instrumentais. E essa gravação acabou sendo o último e lindo registro vocal de meu pai, que faleceu no ano seguinte, mas permaneceu presente entre nós, nessa trilha sonora e de muitas outras formas.

RELEASE ORIGINAL:

Do Lado Esquerdo de Quem Sobe teve sua estreia em 2006. Vale destacar que esse espetáculo já foi apresentado nos seguintes eventos:

– Bienal da Dança de Lyon, França, setembro de 2006 (de onde seguiu em turnê por outras cidades francesas);

– Festival Madrid en Danza, Espanha, abril de 2007.

– Jacob`s Pillow Dance Festival, EUA, julho de 2007.

– Foi exibido na França, pela rede de televisão France 3.

– Nos EUA, fez parte do documentário sobre os 75 anos do Jacob's Pillow Dance Festival.

***Do lado esquerdo de quem sobe** a rua Ituiutaba, em Belo Horizonte, há um grupo de galpões e a Mimulus Cia de Dança comparece a um deles diariamente. Dali acompanha o pulsar da cidade, no seu estica, encolhe e na ocupação desordenada dos espaços urbanos. Nesse constante fazer, a Cia ocupa-se de forma semelhante: constrói e desconstrói, subverte, relê a dança e a vida.*

Vamos ao princípio:

No início do século XX, os negros buscam formas de se integrar a uma nova sociedade urbana e branca. Nesse processo, convergem as habilidades instrumentais européias e africanas e surge o Choro como gênero musical popular. Diferentes tradições musicais geram a mais genuína, brasileira e urbana das músicas. Ao mesmo tempo eruditas e populares, instigantes, despertam virtuosos instrumentistas, desafiam dançarinos na interpretação de todas as suas nuances.

Voltemos para o presente:

*A Mimulus Cia de Dança identifica olhares, se orienta e se localiza **Do lado esquerdo de quem sobe** a rua, de quem sobe o morro, de quem sobe a história, de quem sobe o corpo.*

Descobre que Yamandú Costa, além de imprimir a virtuosidade característica às músicas que toca, as faz soarem como choro, mesmo quando executa músicas que não são brasileiras. Como os negros do século passado, o compositor e instrumentista, catalisa a influência negra na música do continente latino americano à vertente ibérica do colonizador, interpreta o branco do negro e o negro do branco.

*O encontro entre o gaúcho Yamandú Costa e a mineira Mimulus Cia de Dança era previsível. A sede da Cia fica à esquerda de quem sobe a rua Ituiutaba que, por sua vez, corre paralela à rua dos Pampas. E, no infinito, as paralelas se encontram, mais exatamente **no lado esquerdo de quem sobe**.*

A Mimulus imprime um tom delicado e romântico a esse espetáculo marcado pela brasilidade e alegria do samba, pois ***do lado esquerdo de quem sobe*** *o corpo, localiza-se o coração.*

Faz referências aos sons que vinham das ruas, trilhadas pelos negros do final do século XIX e início do século XX, pela primeira vez em suas vidas, calçando sapatos que, se não lhe serviam nos pés desacostumados, eram dependurados nos ombros como símbolo de status e realização do primeiro sonho de consumo e da libertação. Estranho... livres, aprisionar os pés.

Revê o cantor de seresta, o realejo e os compositores e "batuqueiros" das portas das casas e bares. Traz para o cenário as pedras portuguesas que começam a cobrir nossas calçadas na mesma ocasião em que surge o choro e o samba e que, coincidência ou não, unem com tanta harmonia o negro e o branco. Brinca, corre nas ruas e joga bola nas calçadas, onde deixa as marcas dos pés.

Faz prevalecer o encontro dos corpos pelo umbigo, na busca das origens, na ligação umbilical com a terra mãe. Substitui as correntes que prendiam os escravos, por elásticos que promovem a sensação de liberdade – apenas a sensação – pseudo-livres que são, homens e mulheres de todas as raças. E encontra a direção para subverter a brasilidade coreográfica do choro.

Relê e "desrespeita" as origens, sem perder a brasilidade e a história. Orienta-se, fica ***do lado esquerdo de quem sobe,*** *mas, de repente, porque não correr pelo lado direito de quem desce?*

MIMULUS
Cia de Dança
apresenta:
do lado esquerdo de quem sobe
direção: jomar mesquita
7, 8 e 9 de abril / 2006 / sex, sáb às 21h e dom às 20h
teatro sesiminas
rua padre marinho, 60 / sta efigênia / (31) 3241.7181
ingressos na bilheteria do teatro e no galpão da mimulus: rua ituiutaba, 325 / prado / bh
(31) 3295.4367 - 3295.5213 / mimulus@uol.com.br
realização
Associação Cultural MIMULUS
BERGMANN
patrocínio
USIMINAS
ACESITA
msa
util
GOVERNO DE MINAS
BRASIL
PREFEITURA BH

MIMULUS Cia de Dança
do lado esquerdo de quem sobe
Ficha Técnica:
Agradecimentos:
BERGMANN
rua itiuiutaba, 325 / prado / bh
"mas, de repente, porque não correr pelo lado direito de quem desce?"

FICHA TÉCNICA:

Direção: Jomar Mesquita

Coreografia: Jomar Mesquita com a colaboração dos bailarinos da Mimulus Cia. de Dança

Bailarinos (elenco principal): Bruno Ferreira, Daniel Vidal, Fabiana Dias, Fernanda Nogueira, Jomar Mesquita, Juliana Macedo, Nayane Diniz, Welbert de Melo

Cenário: Ed Andrade

Assessoria Cênica: Júlio Maciel

Cenotécnico: Joaquim Pereira

Iluminação: Leonardo Pavanello

Fotografia: Guto Muniz

Preparação Corporal: Tíndaro Silvano, Orlando di Paula

Figurino: coordenação de Baby Mesquita, em parceria com Ronaldo Fraga

Costureiras: Vânia Lúcia Correia da Silva, Nilza Vilela

Sapatos: Paulo Moraes

Consultor Internacional: Guy Darmet

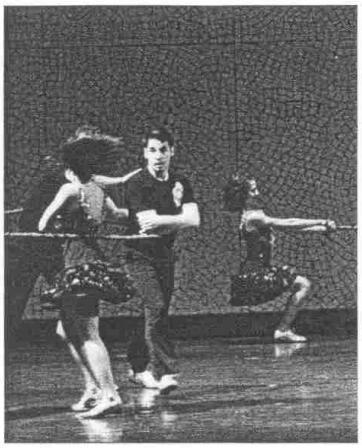
Apoio geral e irrestrito: João Baptista Mesquita

Produção Executiva: Baby Mesquita

Assistentes de Produção: Fábio Ramos

Realização: Associação Cultural Mimulus

SUSY Q
REVISTA DE DANZA
JUL-AGO 07



Cuerpos como flores

MIMULUS
Do lado esquerdo de quem sobe
Coreografía: Jomar Mesquita
Festival: Madrid en Danza
Teatro Albéniz (Madrid)
27 de abril de 2007

Al levantarse el telón, los cuerpos de los bailarines están suspendidos boca a bajo y sus trajes provocan antes nuestros ojos la sensación de flores que nacen del aire. Pronto, esa imagen se va diluyendo para desvanecerse a ras del suelo. A partir de aquí, un sinfín de combinaciones coreográficas irán ocupando simultáneamente la escena. La compañía brasileña de Belo Horizonte, Mimulus Dança, bajo la batuta coreográfica de Jomar Mesquita, desarrolla una serie de danzas a partir de los bailes de salón, transformándolos en un nuevo concepto de danza contemporánea. El ritmo frenético es el eje en cada pieza, consiguiendo que los pies vayan más rápidos que la vista. Acrobacias, combinaciones delirantes de movimientos y mucha sintonía entre los bailarines permite que el espectáculo sea ágil, aunque hacia la mitad se queda sostenido en un mismo plano que, por suerte, justo cuando puede decaer totalmente la atención del espectador, llega a ese final brillante. Habría que agradecer al Festival Madrid en Danza que haya traído esta compañía que nos ha permitido conocer en una velada la evolución de los bailes de salón y lo que pasa cuando salen al encuentro y mestizaje de otras danzas. Al unísono, permite disfrutar del trabajo entregado y virtuoso de un grupo de bailarines experimentados. ADOLFO SIMÓN

TIMES UNION
JULY 27, 2007

It's shoe time for all kinds of feats

By TRESCA WEINSTEIN
Special to the Times Union

BECKET, Mass. — Shoes are the theme that weaves through Mimulus' evening-length piece "Do Lado Esquerdo De Quem Sobe (On the Left-Hand Side of Who Goes Up the Street)." Stealing shoes off others' feet, throwing shoes, losing them, wedging shoes into walls, pairing them with one bare foot and, most of all, doing amazing things while wearing them.

But for this Brazilian company — which made its delightful U.S. debut Wednesday night at Jacob's Pillow, where the program will be performed through Sunday — shoes are not just objects to play with and to dance in. In "Do Lado," they also serve as reminders of freed African slaves in Brazil, for whom a pair of shoes, whether worn on the feet or slung over the shoulder, served as a symbol of liberty and status.

Choreographed collaboratively by the eight company members (including artistic director Jomar Mesquita), the piece is divided into more than a dozen short sections, set to music by Ibrahim Ferrer, Ernesto Nazareth, Hector Villa-Lobos and others. Samba and salsa are the building blocks of the movement, along with dashes of tango and swing, but the dancers take these traditional styles to a new place, retaining their sexiness, vibrancy and romance while adding humor, invention and clever special effects.

Luscious duets are marked by twirls, whirls and dips, bodies spiraling around and over each other, arms winding around necks, midair embraces, buoyant lifts and almost-kisses. Mesquita and his partner, Juliana Macedo — a 15-year veteran of the company, which was formed in 1990 — are particularly breathtaking in an extended pas de deux that includes a sort of fantasy soccer game in which they execute all sorts of feats with a very obedient ball (controlled by a third dancer).

In one section, the dancers are connected by giant rubber bands; meant to recall the chains of slavery, they read instead like children's playthings, encouraging the dancers to experiment with the laws of space and physics. Later, two women slow-dance with seemingly disembodied male arms that protrude from holes in the stage-set walls. The hands twirl them, cup their waists and glide over their shoulders in oddly sensual duets.

The company even invited the audience to get into the act, urging them to puff out a danceable rhythm with plastic bags that were handed out with programs. "Do Lado," in spite of its weighty historical allusions, turns out to be the equivalent, in culinary terms, of a molten chocolate cake — a surefire crowd pleaser that, when done just right the way Mimulus does it, offers up a little slice of heaven.

Tresca Weinstein is a freelance writer from Canaan and a regular contributor to the Times Union.

DANCE REVIEW

MIMULUS DANCE COMPANY

- **When:** 8 p.m. Wednesday
- **Where:** Jacob's Pillow, 358 George Carter Road, Becket, Mass.
- **Program:** "Do Lado Esquerdo De Quem Sobe (On the Left-Hand Side of Who Goes Up the Street)"
- **Length:** 60 minutes, no intermission
- **Continues:** 8 p.m. tonight through Saturday; 2 p.m. Saturday and Sunday; $52; 10 percent discount for seniors, students and children 13 and younger; $10, youth tickets for Saturday's matinee
- **Info:** (413) 243-0745 or http://www.jacobspillow.org

From Brazil With Brio, Soccer Balls And Samba

BECKET, Mass., July 28 — Jomar Mesquita and his Mimulus dance company ought to be bottled and sold as elixir. Forget about Vitaminwater and Red Bull. For an hour on Friday night at the Jacob's Pillow Dance Festival here, the sassy, charming young dancers of this Brazilian troupe filled the Ted Shawn Theater with infectious wit and energy as well as intriguing dance invention.

JENNIFER DUNNING
DANCE REVIEW

Founded in 1992 and based in Belo Horizonte, the company made its American debut with this engagement, in a full-evening dance called "Do Lado Esquerdo de Quem Sobe" ("On the Left Side of Who Goes Up"). Program notes suggested that the name had something to do with the street where Mimulus

Mimulus
Jacob's Pillow Dance Festival

(which means monkey flower) has its studios. Happily, no further explanations were made. None were needed.

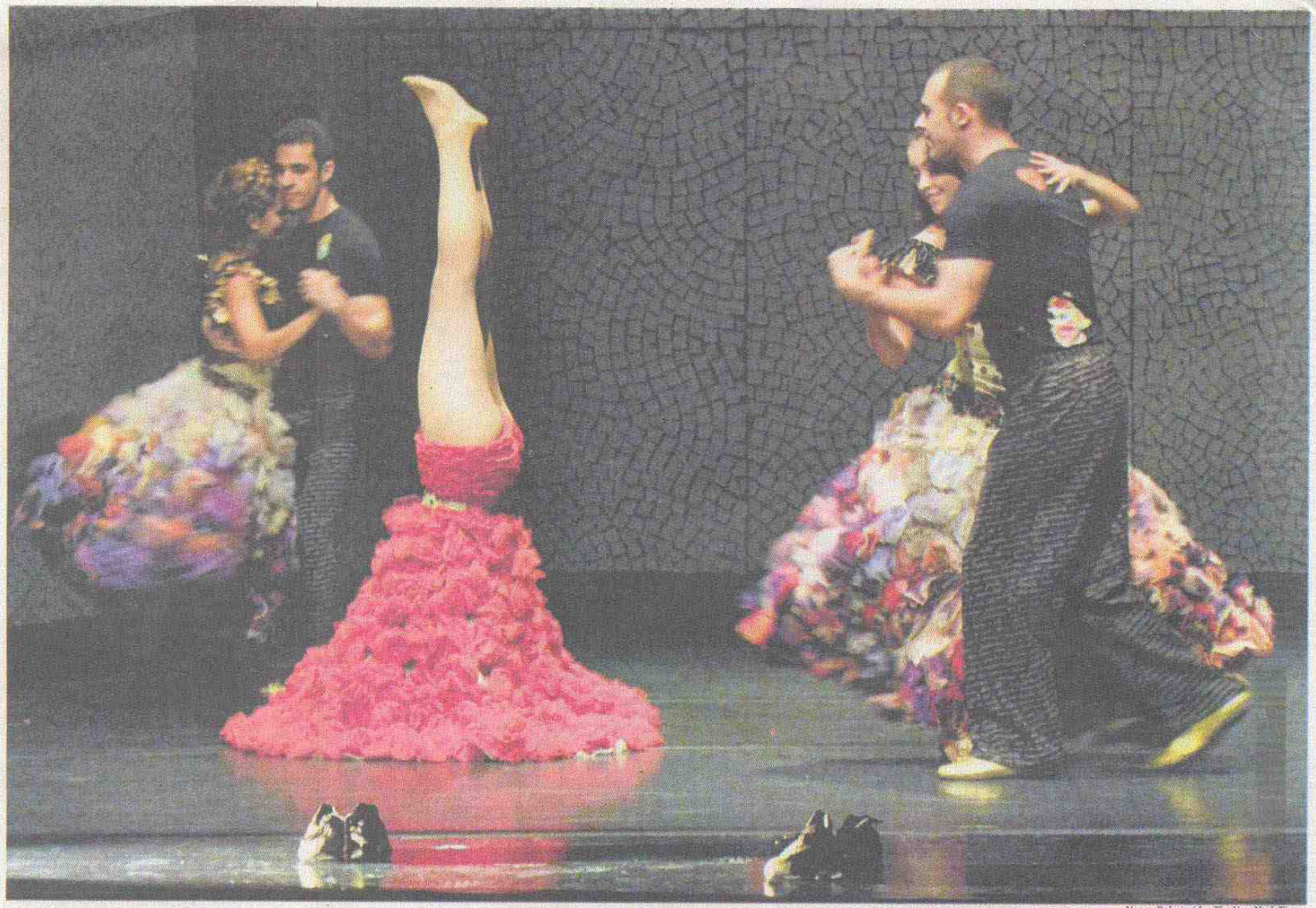
The curtain rose on a stage full of upended men and women, looking like upside-down standing lamps, in vivid costumes by Baby Mesquita and Ronaldo Fraga. Slowly the performers righted themselves and began to dance with one another, stepping in and out of social dancing.

This was choreography by accretion of details. Shoes figured prominently, an allusion to slaves in Brazil who, once freed, were proud to shoe their bare feet. Red elastic cords that linked and separated the dancers referred, according to program notes, to slave chains. At moments the effect was of double-dutch jump-roping. At one point soccer balls whizzed about the stage.

The scenic design, by Osla Arquitetura and Ed Andrade, incorporated references to the sidewalk tiles made by Portuguese colonizers. Yamandú Costa's adaptation of indigenous music drew from the choro and samba, and Mr. Mesquita blended in social dances from other cultures, a bit of tango here, some jitterbugging there. Acrobatic dancing popped up, as did Pilobolus-style walks and zany encounters.

And in one inspired segment toward the end, a dancer scrunched a plastic bag to provide syncopated accompaniment for a feisty female dancer, urging the audience to join him with the bags tucked into their programs. That went on a little too long, but the sound of the rubbed plastic was also very like the sound of soft rain, to magical effect. Amusingly articulate hips and bottoms got extra time.

The greatest fascination of "Do Lado" is the slippery way Mr. Mesquita and his collaborating dancers managed to join all these elements into a smooth, bouncy flow. They have taken the music and dance of their history and made something new but recognizably old of them. Mr. Mesquita provided a touching postscript to the evening when, his dancers spinning around him, he thanked the Pillow staff and encouraged the audience to sing along in a chorus of "Happy Birthday" for a member of the stage crew. This was dance with a human face, and superhuman energy.



Nancy Palmieri for The New York Times

Jomar Mesquita and Fabiana Dias, right, and the Mimulus dance company in "Do Lado Esquerdo de Quem Sobe" ("On the Left Side of Who Goes Up") at Jacob's Pillow.

London Theater Journal
BY BEN BRANTLEY

A blog by The Times's chief theater critic, writing from London while on a 21-day marathon in which he is seeing more than 25 plays.
nytimes.com/artsbeat

5 - ano 2007

Dolores

“Dolores” foi uma das criações mais difíceis e desafiadoras da minha carreira em vários aspectos. Primeiramente, pelo universo polêmico que escolhemos como tema: a filmografia de Pedro Almodóvar. Lidar com questões ligadas à sexualidade, religião, gêneros acarretou inúmeras discussões entre os integrantes da equipe. Discordâncias e, principalmente, o desafio de conseguir um resultado que tivesse bom humor, leveza, mas ao mesmo tempo não tratasse a temática de forma rasa.

Escolhi esse universo a partir de um CD que minha mãe, Baby Mesquita, me entregou dizendo: “Isso dá uma bela trilha sonora”. Era uma seleção com o “the best of” Almodóvar, todas músicas dos seus filmes. Concordei na hora, não somente que eram músicas perfeitas para uma trilha sonora, mas também que o universo genial de Almodóvar, serviria como inspiração para nossa nova criação. No entanto, dessa vez havia uma peculiaridade... tínhamos decidido entrar com um projeto em um edital voltado para o desenvolvimento de “novas” habilidades no elenco. Pela primeira vez, eu não iria dirigir uma criação da Mimulus Cia de Dança. Daniel Vidal, então o bailarino de maior experiência, tinha sido o escolhido. Rodrigo de Castro seria seu assistente, Fabiana Dias cuidaria da produção, Juliana dos figurinos, eu ficaria responsável pelas fotografias e filmagens... e todos dançariam, obviamente. Não fomos aprovados no edital, mas a ideia era muito boa e decidimos levá-la adiante. No entanto, em poucas semanas, Daniel desistiu da missão e me passou a direção do trabalho. Relutei em princípio, pois estava adorando a ideia de ser dirigido, não ter que tomar tantas decisões difíceis durante o processo. Mas eu não tinha outra escolha a não ser reassumir a minha função como responsável pela criação. A partir disso, foi um dos espetáculos que demandou mais trabalho de pesquisa. Além de assistir todos os filmes de Almodóvar, inclusive os primeiros e pouco conhecidos da sua carreira, foi bastante difícil conseguir todas as trilhas sonoras e fazer a seleção musical tendo material tão vasto e rico, mas que nem sempre era adequado para o que buscávamos em termos de coreografia. Vale frisar que era um momento ainda difícil de se conseguir esse material pela internet. Nos ajudou bastante a coincidência de termos uma temporada em Madrid, com o espetáculo “Do Lado Esquerdo de Quem Sobe”. Pude comprar muitos CDs e livros com preciosas entrevistas com Almodóvar... estas foram de enorme valia para o processo de criação. Além disso, meus amigos professores e proprietários da escola Círculo de Baile, em Madrid, onde costumávamos dar aulas com frequencia, já tinham me dito que um dos seus alunos era Agustín Almodóvar, irmão e produtor do cineasta. Pude então ter contato direto com ele, o que me ajudou para esclarecer algumas referências e também para, no ano de 2009, de volta a Madrid, agora com “Dolores”, conseguir convidar o próprio Pedro Almodóvar pra ir nos assistir. Imaginem a responsabilidade! Todas as noites da nossa temporada era aquele burburinho antes da apresentação... se ele iria ou não. No final das contas, nem sei se foi... muito provavelmente não, pois sua secretária tinha me dito que, infelizmente, tinha coincidido com o lançamento de seu filme “Los Abrazos Rotos”.

O clima de passionalidade, a exploração do universo *kitsch,* o tênue limite que Almodóvar explora entre o drama e a comédia, entre o cafona e o belo. Foram todas fontes de

inspiração de grande importância para o trabalho. Essa última inclusive, proporcionou uma grande e fascinante identificação com o universo das danças de salão, cujas músicas, roupas, figurinos, também transitam nessa linha que separa (separa?) o belo do brega, o tocante do ridículo...

A passionalidade veio a calhar com o nosso universo das danças a dois e com o meu gosto por essa forma de se relacionar em uma coreografia. Também foi a solução para algumas sequencias coreográficas que, se não fossem temperadas e aquecidas por essa visceralidade, continuariam sendo danças sem muita graça. Com isso, exploramos a manipulação de peças de roupas, cabelos, pulseiras, colares, prendedores de cabelos, toalhas de banho, posições bizarras de abraços de dança... Os giros incessantes que iniciam e terminam o espetáculo também traduzem bem essa passionalidade, além de angústia, histeria. Aliás, foram a solução perfeita para o abrir das cortinas e para preencher a linda versão de Cucurrucucu Paloma.

Cada bailarino criou um personagem próprio, obviamente inspirado nos filmes de Almodóvar, mas não necessariamente em algum específico. E foram esses personagens que estabeleceram o gestual próprio de cada um, os trejeitos que se repetiam durante o trabalho e as relações entre o elenco, produzindo uma rica dramaturgia.

Uma ideia que dá um toque especial para essa criação é a inserção de uma “mãe" em cinco ou seis pequenas cenas do espetáculo. Isso partiu do fato de que Almodóvar costumava colocar sua mãe, que não era atriz, participando de formas bem inusitadas em seus filmes. Decidimos, portanto, que nosso elenco teria, além dos oito bailarinos, uma “mãe”. Em princípio, eram as mães dos bailarinos que faziam essas participações especiais. Depois, passamos a convidar “mães” das próprias cidades onde nos apresentamos. Elas chegavam no teatro no início da tarde, aprendiam seus papéis, recebiam seus figurinos, participavam do ensaio geral e em cada noite tínhamos uma "surpresa" diferente interpretando à sua maneira aquelas partes.

O cenário possui alguns elementos notáveis, sendo o principal deles, os elásticos que cobrem toda a boca de cena, separando o palco da plateia. Estes proporcionam uma "textura" especial para a imagem que o público enxerga e também causam uma sensação de estarem assistindo uma tela de cinema. Fora isso, proporcionam o que Almodóvar costuma utilizar em seus filmes: a câmera que se posiciona por trás de algo, que faz com que o espectador assista à cena como um *voyeur*. Os elásticos também enriqueceram momentos da coreografia em que são “ultrapassados" pelos bailarinos ou balançados, criando um lindo efeito com a iluminação. As famosas "cores de Almodóvar” e sua geometria também foram exploradas por Ed Andrade e Baby Mesquita, respectivamente no cenário (com a movimentação dos painéis de fitas e de bolas no fundo do mesmo - que inclusive se transformavam em flores) e no figurino.

Encontrar o título para o trabalho, também foi uma das grandes dificuldades. Por fim, encontramos nessa palavra o que, além de representar um nome feminino, já que a

mulher é sempre tão reverenciada por Almodóvar, também significa dor. E a dor, para o cineasta, é como uma religião, é algo compreendido por todos os povos. Seja ela física ou emocional, a dor é sentida de forma igual, está presente em todas as culturas. Para além disso, é um nome próprio utilizado em português, espanhol e inglês, o que facilitou nossa circulação internacional.

CURIOSIDADES:

Esse espetáculo fez temporada no Joyce Theater, em New York, no ano de 2014, ocasião em que foi um dos indicados para o prêmio Bessie Awards.

Meu pai faleceu dez dias antes da estreia de “Dolores”... nunca foi tão doloroso, finalizar e estrear um espetáculo. Mas ao mesmo tempo, ter esse trabalho para realizar e me ocupar foi o que me salvou naquele momento. Quando ele foi hospitalizado, eu já não conseguia mais ir aos ensaios. E quando seu estado de saúde piorou, eu cheguei a falar com o elenco que me perdoasse, mas eu não teria condições de seguir com eles... deixei-os à vontade para decidirem cancelar ou levar adiante. Sou muito grato pela coragem e colaboração de todos, que seguiram em frente, prontos para estrear, com Rodrigo de Castro fazendo o meu papel... substituição que acabou não sendo necessária.

Após uma das apresentações em Madrid, fui chamado na entrada do teatro, pois minha presença estava sendo solicitada pelo responsável pelo escritório local de arrecadação de direitos autorias das músicas. Fiquei muito aflito, pois imaginei que poderíamos estar incorrendo em alguma irregularidade quanto a isso. Era um sujeito super simpático que queria me dar os parabéns, pois tinha adorado o espetáculo que tinha acabado de assistir... e apenas precisava que eu enviasse a lista das músicas para o seu email... ufa!

Durante o processo de criação, convidamos o jornalista e crítico de arte Marcelo Castilho Avellar, para ministrar uma aula sobre Almodóvar para a Cia. Sabíamos do seu profundo conhecimento sobre a obra desse cineasta, mas não imaginávamos a genialidade desse professor, que passou quase duas horas somente nos fazendo perguntas. Não nos deu nenhuma resposta, porém as reflexões que nos suscitou, gerou luz para muitas soluções da montagem que estava em andamento.

Tomamos a liberdade de “plagiar” Pina Bausch em um momento de “Dolores”. Usamos uma movimentação de uma de suas coreografias, cujas imagens aparecem em um dos filmes de Almodóvar, que era apaixonado pela trabalho dessa coreógrafa. Acho que isso é suficiente para justificar nosso pequeno “plágio".

O dia da estreia de "Dolores" foi tão desgastante e enlouquecedor que não poderia ter desfecho diferente. O público já estava assentado na plateia do teatro, já eram 21:00, mas eu ainda estava com roupa de ensaio, na cabine de controle de som e luz fazendo os últimos ajustes. Então perguntei ao técnico do teatro como poderia chegar aos camarins

sem passar pela plateia... ele me respondeu que não tinha outro caminho que não fosse “escalando” e “caminhando" pela estrutura do teto do teatro, até chegar no urdimento do palco. Lá fui eu, olhando a plateia lotada lá embaixo e torcendo para que ninguém olhasse para cima. Figurino, maquiagem e lá estávamos todos no palco, com alguns bons minutos de atraso.

A participação na circulação nacional realizada pelo Sesc de São Paulo, "Palco Giratório", possibilitou que esse trabalho circulasse por cerca de 40 cidades no Brasil.

A passionalidade no gestual e na relação entre os pares acabou gerando, em alguns momentos, más interpretações por parte de pessoas que enxergavam “violência contra a mulher” em algumas coreografias. Não somente esse o motivo, mas também o desconhecimento da essência de algumas danças de salão, como o Zouk, por exemplo. Nos EUA, uma crítica “entendeu” que os homens conduzindo as mulheres a fazerem os conhecidos movimentos de coluna e cabeça dessa dança, era na verdade “maus tratos e violência” com as bailarinas. No dia seguinte à publicação dessa crítica em um jornal, fui chamado pela gentil diretora do Jacob’s Pillow Festival, Ella Baff, que já sabia que haveria alguma explicação da minha parte para o mau entendido. Nas noites seguintes, Ella, que sempre abria os espetáculos com uma breve introdução para o público, sobre a criação e a companhia que iriam assistir, passou a acrescentar na sua fala uma breve “aula” sobre como funcionam as danças de salão... e que estava tudo bem com as bailarinas no palco!

A coreografia que Juliana e eu criamos e dançamos com a música Ne Me Quitte Pas, acabou se tornando, se não o maior, um dos maiores sucessos das nossas carreiras. Apresentada inúmeras vezes em muitos lugares pelo mundo.

Achei genial a fala de Almodóvar em uma entrevista, quando ele diz que sempre que lança um filme, os jornalistas perguntam pelos “significados”, intenções, as razões que o levaram a ter colocado um determinado objeto cênico ou um diálogo muito marcante em uma cena específica. Ele então fica inventando “significados" para determinadas coisas que foram inseridas no filme simplesmente porque ele as achou bonitas, engraçadas, interessantes. Me trouxe um conforto enorme, pois, como criador, me canso de fazer o mesmo... algumas vezes as correlações com a temática, os significados acabam surgindo no decorrer do processo. Entretanto, nem sempre isso acontece... e não vejo problema algum, a não ser por ter que discutir algumas vezes com bailarinos mais imaturos que pensam que todo movimento, gesto ou escolhas que fazemos durante uma criação precisam necessariamente ter “significados profundos”.

Temos a lista de todas as “mães” que participaram das apresentações de “Dolores”... mais de cem. Cada uma com sua personalidade própria para interpretar as cenas. Algumas poucas com conhecimento em dança e ou teatro, mas a grande maioria completamente cruas. E isso traz sempre um sabor diferente durante as apresentações... temos que ficar tomando conta para que elas entrem em cena nos momentos corretos, para que não se

percam ou se machuquem na escuridão das coxias. Porém, todas cumprem seus papéis com grande competência e dedicação!

No ano de 2016, criamos uma releitura de fragmentos de “Dolores" chamada “Inversões”, onde trocamos os papéis: mulheres no lugar dos homens e vice-versa. Simultaneamente, exibíamos num telão as imagens do espetáculo original. Foi uma grande experiência.

RELEASE ORIGINAL:

Teve sua estréia em novembro de 2007 e já foi apresentado no Jacob´s Pillow Dance Festival, EUA; Festival des Arts de Saint-Sauveur, Canadá; Festival Internacional Madrid en Danza, Espanha; Maison de La Danse, França; diversos outros teatros da França, Bélgica, Itália e em cerca de 40 cidades brasileiras.

——

Um espetáculo de dança atrevido, no qual a Mimulus Cia de Dança visita Dolores (das dores, das pequenas e ridículas dores) embalada no mundo e na trilha sonora dos filmes de Almodóvar, no bom humor e na caixa de surpresas que os bailarinos sempre colocam à disposição do seu público.

Inspirando-se na obra cinematográfica do espanhol Pedro Almodóvar, a Mimulus se reinventa. Não há pretensão de levar para o palco repetição do trabalho do cineasta, mas explorar as relações entre pessoas sob a atmosfera "almodovariana"; onde predominam paixões, desejos, o ambiente kitsch, e os absurdos – que na verdade, nada mais são do que o excesso de realidade.

A obra de Almodóvar torna-se referência mundial tanto pelo formato estético quanto pelo formato narrativo. Embora apresente diversas das características do cinema pós-moderno (como apontam os críticos e historiadores), Pedro Almodóvar desenha um universo absolutamente próprio, construído a partir de elementos tão simples quanto elaborados: vale-se de alguns princípios narrativos do cinema clássico, lança mão de uma estética pop e abusa dos enredos dramáticos, onde o sexo e a morte revelam uma essência aparentemente deformada do ser humano; essência esta que é, na verdade, o ponto de identificação de todos nós.

Almodóvar é kitsch, absurdo, amoral, surpreendente e subversivo. A base de sua comunicação está sempre na linguagem popular. Se Almodóvar explora o absurdo é porque ali reside a alma do espetáculo popular. Ele utiliza o kitsch porque o kitsch é permanente como o pecado e está ligado à cultura de massa de maneira indissociável. Sua estética inconfundível e essencial está nas cores carregadas, nas estampas, nos objetos kitsch, e na exaltação das mulheres, sempre exaltadas em seus filmes, não como super heroínas, mas como super mulheres que realmente são.

A Mimulus Cia de Dança, após estudar sua obra, entrevistas, ver e rever os filmes, inspira-se nesse mundo, que nada mais é que uma versão da realidade; toma como empréstimo suas músicas e cores, seu humor ácido, sua plasticidade peculiar, seus personagens "demasiadamente humanos" e, claro, assumidamente imperfeitos e distanciado dos padrões.

"Dolores" é um espetáculo que exige dos bailarinos, desde o começo de sua criação, um envolvimento intenso. Não é um espetáculo unicamente de dança, mas há personagens

que dançam. Daí sua demanda tão intensa. Há que se recriar no espetáculo, e realmente viver aquilo que seus personagens propõem. Personagens estes, não retirados dos filmes de Almodóvar, mas neles inspirados, saídos de dentro de cada um dos intérpretes da dança a ser apresentada.

Segundo Almodóvar, a dor é universal... todos os povos, independente de cultura ou idioma, entendem e sabem o que é dor, seja ela física ou emocional. Dolores é também um espetáculo dolorido. Porque sentir a dor é perceber-se vivo. É saber-se humano, pois criar dói. Implica em doar-se, em expor-se, implica em, acima de tudo, amar. É um espetáculo feito com paixão, densidade e intensidade, e pretende arrebatar o público com uma multiplicidade de emoções.

"Dolores é compreensível para qualquer pessoa, independente de se conhecer ou não Almodóvar, que foi o instrumento para se chegar aonde chegamos... à mistura do drama com a comédia, à ambigüidade dos desejos e sentimentos e ao limite (tênue) entre o bom gosto e o cafona, entre o belo e o kitsch. Como Almodóvar se refere aos seus filmes, Dolores é um espetáculo 'para os genitais e para o coração'." ***Jomar Mesquita***

"Se Almodóvar explora o absurdo é porque ali reside a alma do espetáculo popular. Em Dolores há algo de improvável, de inusitado, de trágico, de cômico e de lúdico." ***Ed Andrade***

"Tudo bem, mas a mãe no elenco... isto está me cheirando a nepotismo." ***Baby Mesquita***

Direção
Jomar Mesquita

Coreografia
Criação coletiva da Cia.

Assessores
Mário Nascimento
Tindaro Silvano

Bailarinos
Aline Tombini
Bruno Ferreira
Daniel Vidal
Fabiana Dias
Fernanda Nogueira
Juliana Macedo
Jomar Mesquita
Nayane Diniz
Rodrigo de Castro
Welbert de Melo
Participação especial:
Minha mãe

Projeto gráfico
Cognitiva Publicidade

Cenário
Osla Arquitetura
Ed Andrade

Cenotécnico
Joaquim Pereira

Iluminação
Rodrigo Marçal
Assessoria: Ed Andrade

Fotografia
Guto Muniz

Preparação Corporal
Mário Nascimento
Tindaro Silvano

Figurino
Coordenação: Baby Mesquita
Apropriação: integrantes da Cia
Assistente: Nanã Ferreira
Costureira: Gê Marques
Alfaiate: Floriano Lima Neto
Sapatos (cobertura): Cléria Boy Bastos

Produção Executiva
Baby Mesquita

Assistentes de Produção
Fábio Ramos
Regina Moura

Agradecimentos
Ana Domitila, Circe Canedo, Círculo de Baile (Madrid), Daniel Dias Lima, Dona Marly, Eliane Parreiras, Emani Maletta, Eunice Lessa Carvalho Ganem, Gabrielle Weisbuch, Gilson Silveira, Graça Otonni, Guido Emiliano, Guy Darmet, Hélio Dias, Marcelo Beltrão Nunes, Marcello Castilho Avellar, Mário Nascimento, Marília Pereira Gama, Renata Amaral, Virgínia Salete de Faria, Viviane Leticia, Zip Zum, Alunos, Monitores, Professores, Grupo Amador da Mimulus e integrantes da Associação Cultural Mimulus, funcionárias da Tippo e Adriano da Classivideo.

Patrocinadores Pessoa Física:
Alexander Santos Dionisio - Marisa Bicalho Pinto Rodrigues
Nicinha e Carlos Humberto Ganem - Rosana e Rogério Tadeu Albuquerque

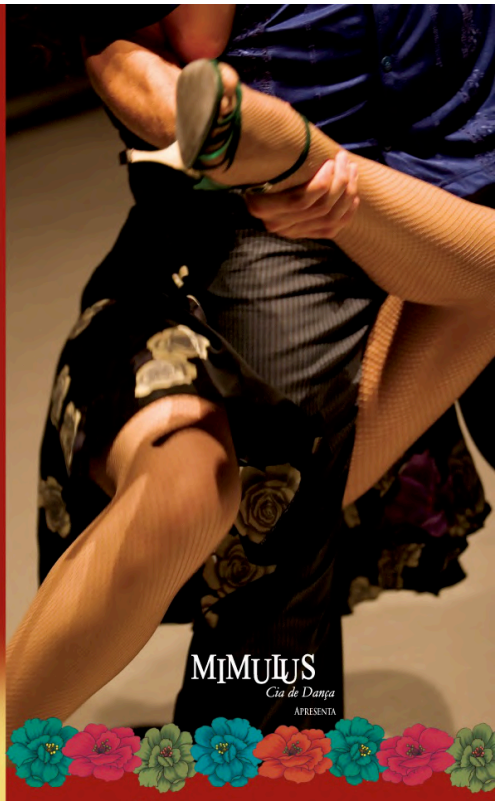
Apoio eterno:
João Baptista Mesquita

Realização:
MIMULUS
ASSOCIAÇÃO CULTURAL

Patrocínio:
msa
USIMINAS
ArcelorMittal
Governo de Minas
Ministério da Cultura
BRASIL EM PRIMEIRO LUGAR GOVERNO FEDERAL

Apoio:
NOVA LIMA

Associação Cultural Mimulus - Rua Ituiutaba, 325 - Prado - BH
Informações: (31) 3295.5213 - mimulus@uol.com.br



MIMULUS
Cia de Dança
APRESENTA

dolores

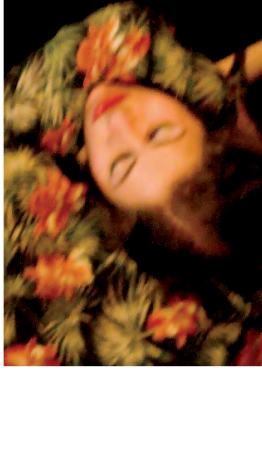
Não recomendado para menores de 14 anos

Um espetáculo de dança atrevido, no qual a Mimulus Cia de Dança visita Dolores (das dores, das pequenas e ridículas dores) embalada no mundo e na trilha sonora dos filmes de Almodóvar, no bom humor e na caixa de surpresas que os bailarinos sempre colocam à disposição do seu público.

DIREÇÃO: JOMAR MESQUITA

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL: MINHA MAE

Dolores é compreensível para qualquer pessoa, independente de se conhecer ou não Almodóvar, que foi o instrumento para se chegar aonde chegamos... à mistura do drama com a comédia, a ambigüidade dos desejos e sentimentos e ao limite (tênue) entre o bom gosto e o cafona, entre o belo e o kitsch.
JOMAR MESQUITA



ROTEIRO MUSICAL
Cucurrucucu Paloma - Thomás Mendez
Encadenados - Carlos Arturo Eritz y Lucho Gatica
Gorrión- Dino Saluzi
Soy Infeliz - Ventura Rodrigues
Moquito a Moco - Pedro Almodovar y Fabio MacNamara
En El Ultimo Trago- José Alfredo Jimenez Sandoval
Espérame en el Cielo, Corazón - Francisco López
I Woke Up - Nicolette
La Cumparsita - Mateos Rodrigues
Concierto para Bongo - Dámaso Pérez Prado
Ne Me Quite Pas - Jacques Brel
Sufre como yo - J.M.Follonosa/A. Pla Alvarez
Once I Loved - Vinicius de Moraes/ Antonio Carlos Jobim/ Gilbert R.
Whirl - Y - Reel 2 - Simon Emmerson / Davey Spillane
Piensa en Mi - Agustin Lara
Raquel - Rufino Almeida
Volver - Carlos Gardel y Alfredo Le Pera

Dolores não quer a dor embora as provoque – o que ela quer é ser feliz. A Dolores não é uma só. São várias pessoas em uma.
WELBERT DE MELO

Mais do que mulher, Dolores é a alma que habita homens e mulheres e na qual se mesclam dores e amores e tudo o mais o que há para ser.
ALINE TOMBINI

Sentir a dor é perceber-se vivo. É saber-se humano, porque criar dói. Implica em doar-se, em expor-se, implica em, acima de tudo, amar.
FERNANDA NOGUEIRA

Como diria Paty Diphusa: "o que é mais difícil para uma pessoa como eu, que tem tantas coisas para contar, é começar ". Dolores é uma mulher e ela tem a idade que quiser."
FABIANA DIAS

FERNANDA NOGUEIRA

NAYANE DINIZ

DANIEL VIDAL

RODRIGO DE CASTRO

ALINE TOMBINI

BRUNO FERREIRA

WELBERT DE MELO

FABIANA DIAS

JULIANA MACEDO

Se Almodóvar explora o absurdo é porque ali reside a alma do espetáculo popular. Em Dolores há algo de improvável, de inusitado, de trágico, de cômico e de lúdico.
ED ANDRADE

Tudo bem, mas a mãe no elenco... isto está me cheirando a nepotismo.
BABY MESQUITA

FICHA TÉCNICA:

Direção: Jomar Mesquita

Coreografia: Jomar Mesquita com a colaboração dos bailarinos da Mimulus Cia. de Dança

Bailarinos (elenco principal): Bruno Ferreira, Daniel Vidal, Fabiana Dias, Fernanda Nogueira, Jomar Mesquita, Juliana Macedo, Nayane Diniz, Welbert de Melo

Assessores: Mario Nascimento / Tíndaro Silvano

Participação especial: A mãe

Identidade Visual: Cognitiva Publicidade

Cenário: Ed Andrade

Cenotécnico: Joaquim Pereira

Iluminação: Rodrigo Marçal (Assessoria: Ed Andrade)

Fotografia: Guto Muniz

Figurino: Coordenação de Baby Mesquita / Apropriação: integrantes da Cia / Assistente: Nana Ferreira / Costureira: Gê Marques / Alfaiate: Floriano Lima Neto / Sapatos, cobertura: Cléria Boy Bastos

Consultor Internacional: Guy Darmet

Produção Executiva: Baby Mesquita

Assistentes de Produção: Fábio Ramos / Fabiana Dias

Apoio eterno: João Baptista Mesquita

Realização: Associação Cultural Mimulus

DANÇA

Melodrama em movimento

MARCELLO CASTILHO AVELLAR

No fim de semana, a Mimulus Cia. de Dança apresentou seu novo trabalho, *Dolores*, no Palácio das Artes. O espetáculo leva a novo patamar o esforço do grupo em propor estética própria para a dança teatral construída a partir de elementos da dança de salão.

Desde o início da criação de *Dolores*, os integrantes da Mimulus manifestaram interesse em levar ao palco um balé inspirado nos filmes do espanhol Pedro Almodóvar. Essa referência pode ser desnecessária a quem assiste ao espetáculo, completamente autônomo em relação a seu inspirador. Mas aquele interesse, ao obrigar o grupo a conciliar sua formação em dança com um olhar externo a ela, levou à criação das estruturas necessárias àquela conciliação. A mais nítida delas é um tipo de fragmentação da cena que, por mais simples que pareça, é extremamente funcional, tanto em termos da expressão quanto no que se refere à unidade do espetáculo.

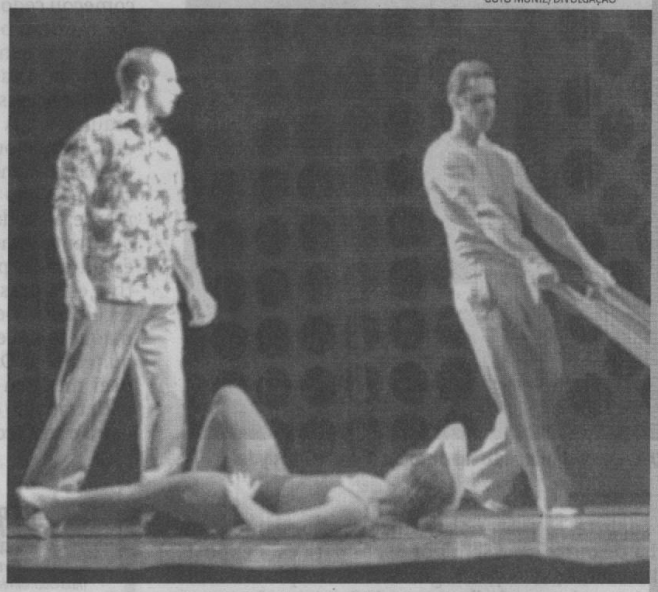
A primeira imagem que vemos em *Dolores* nos dá uma pista sobre o processo. Uma bailarina gira pelo palco. Outro bailarino, entrevisto pelas aberturas do cenário, observa os giros. São duas ocorrências simultâneas, uma mais próxima do que geralmente representamos como dança, outra mais distante. Essa simultaneidade vai ocorrer ao longo de todo o espetáculo, sempre com jogos entre elementos mais próximos ou mais distantes de alguma de nossas representações: dança de salão e dança, dança e movimento não coreográfico, dança e pantomima, e por aí vai. Um dos elementos do jogo pode parecer central e outro periférico – casal que dança e bailarinos que observam, por exemplo. É apenas uma impressão, pois a construção aparentemente periférica nunca é neutra, sempre tem sentido próprio, seja como movimento que completa a outra ação, seja como pantomima que a comenta.

O jogo se repete em infindáveis variações. Ao fazê-lo, consegue eventualmente construir cenas que atingem o espectador em dois sentimentos: o que ocorre à frente pode estar nos comovendo, por exemplo, ao mesmo tempo em que a cena ao fundo provoca nosso riso. Ao mesmo tempo, quando o jogo é tirado de cena e nosso olhar, forçado a se concentrar em uma única ação, o resultado é pura intensidade, como no duo central da obra.

DE SALÃO Boa parte dos grupos que investigam alguma nuance da contemporaneidade no Brasil focam seu olhar no corpo e no movimento. A Mimulus é uma das exceções: quando se apresenta em público, qualquer conquista que realize no sentido da renovação da dança de salão, vista apenas como conjunto de corpos com determinados movimentos, é pensada como elemento de um espetáculo que transcende a própria dança. *Dolores*, nesse sentido, supera os trabalhos anteriores da companhia. Sua complexidade, desde a estrutura até o jogo de movimento no cenário e entre este e a luz, resulta em algo particularmente espetacular. Há um preço a pagar, claro: pela primeira vez em sua trajetória, a companhia parece estar dançando para nós, em contraposição à capacidade de produzir a impressão de que assistíamos a um baile, presente em outras de suas criações. *Dolores* fascina os olhos, mas não envolve – alternativa que não significa uma perda, apenas uma opção de como se relacionar com o público.

Mesmo com essa diferença sutil, a Mimulus está lá por inteiro. A Mimulus que a gente conhece. A escolha de repertório musical pode ter sido influenciada por Almodóvar, mas é a cara do grupo – aquela seqüência de músicas que fica a um milímetro da cafonice, mas nunca chega lá, porque a ação a transforma em humor antes que ocorra a chegada, ou nos lembra, no exato instante em que a barreira seria superada, de todos os amores com que sonhamos e nunca vivemos. O sentimento é melodramático, mas nas mesmas condições: no instante em que parece se aproximar do novelão, uma ironia ou um elemento poético desviam seu rumo. Estas duas estratégias, juntamente com diversos elementos caricaturais que a Mimulus espalha por *Dolores*, servem de advertência: se nada parece novo no mundo atual, não é porque tudo é clichê ou lugar-comum na contemporaneidade, mas porque a maioria dos artistas usa os signos disponíveis de maneira previsível. Como a Mimulus não pretende se render a isso, os rumos de cada cena de *Dolores* são agradavelmente imprevisíveis.

GUTO MUNIZ/DIVULGAÇÃO



Coreografia da Mimulus mergulha no universo de Pedro Almodóvar, sem perder a poesia e o humor

CULTURE

Something cool, sexy from Brazil

Mimulus performs duets inspired by romantic relationships in movies of director Almodovar

VICTOR SWOBODA
SPECIAL TO THE GAZETTE

The Brazilian group Mimulus comes to Canada for the first time early next month in what might well be the coolest, sexiest dance show that Montrealers will see all year. Dance fans were first alerted to Mimulus last year by a rave New York Times review of a performance at the Jacob's Pillow summer festival in Massachusetts.

The group returns to Jacob's Pillow this year, and the keen-eyed producers at the St. Sauveur Arts Festival grabbed the chance to bring the Brazilians directly afterward for two performances under the festival tent in St. Sauveur.

Montrealers know dance in Brazil from Grupo Corpo, a large, vibrant troupe whose colourful, ebullient shows have drawn enthusiastic local audiences. Although its costumes sometimes look like something out of the Rio Carnival, Grupo Corpo comes across as a serious contemporary dance company.

Mimulus is a smaller troupe – nine dancers whose roots extend to social dance: Brazilian samba, of course, but also a heavy dose of tango (in its latest nuevo version), salsa and even '50s-style acrobatic rock 'n' roll. Mix them together with a pinch of contemporary dance aesthetics and something quite exciting emerges.

"Our company started out with ballroom dances many years ago," artistic director Jomar Mesquita, 37, said in a recent telephone interview in English from his company headquarters and dance school in Brazil's third-largest city, Belo Horizonte.

"All the dancers are social dancers, mostly 20 to 30 years old. We try to mix contemporary dance with social dancing along with styles from the theatre and circus."

Until 2005, Mesquita was chief choreographer, but since then, the dancers share choreographic duties, introducing moves that they have developed through working with guest teachers at home and on tour. Couples might start out with arms intertwining like pretzels in salsa style and an instant later the woman is climbing her partner's leg like a tree only to fall prone on the floor. Similarly, tango's quick leg kicks or leg displacements can develop into samba hip gyrations.

"We try to mix contemporary dance with social dancing along with styles from the theatre and circus."

Jomar Mesquita, artistic director

The choreographic inventiveness is breathtaking, as wildly innovative as the best hip-hop moves, but it's made even more gripping by its layer of sexual politics, South American style. Just before a tender clinch, the man might grab a clutch of the woman's hair, for example, to bring her around.

The pervading air in international dance circles is cultural fusion, and the temptation to conjoin distinctly different styles can lead to a mishmash rather than to a synthesis. Other groups and choreographers have hurriedly tried fusion with variable results. Somehow, Mimulus puts all the pieces into a constantly fascinating whole.

Mesquita's explanation was charmingly off-hand:

"When we're creating a new show, we don't worry about fusion. We just create a dance. It doesn't matter in which style."

Presumably, they "just create a dance" with the help of hard training, years of stage experience and strong intuitive feelings.

The group's show in St. Sauveur is called Dolores, mainly a series of duets inspired by the knotty romantic relationships in the movies of Spanish director Pedro Almodovar. The show's music also comes directly from his films (those who have seen Parla Con Ella will recognize the direct reference to the film's chorus line finale choreographed by dance-theatre pioneer Pina Bausch).

Mimulus, by the way, is the name of a plant with brightly coloured blossoms whose common name is monkey flower.

To paraphrase Wordsworth, to see Mimulus at any age is a treat, but to see it when one is young is very heaven.

Mimulus, Aug. 7 at 8 p.m. and Aug. 9 at 9 p.m. in Le Grand Chapiteau of the St. Sauveur Arts Festival in St. Sauveur, one hour's drive from Montreal. Tickets $50. Call 1-866-908-9090 or see www.fass.ca

COURTESY OF MIMULUS CIA. DE DANÇA

Brazilian dance group Mimulus takes its show, called Dolores, to St. Sauveur next month.

6 - ano 2009

Por um Fio

Quando buscamos um tema para um nova trabalho, queremos algo desafiador, que possa nos levar a lugares nunca antes explorados, que possa nos tirar da zona de conforto. Um coreógrafo, como qualquer outro profissional, vai amadurecendo seu trabalho, ganhando cada vez mais experiência ao longo dos anos. Em teoria, os processos vão ficando cada vez menos difíceis e sofridos. No entanto, na medida em que cresce o número de criações em seu currículo, cresce também o desafio de não se repetir.

Tivemos inúmeras reuniões durante o início do processo de criação de “Por um Fio” até conseguirmos chegar ao tema escolhido: vida e obra de Arthur Bispo do Rosário. Tudo convergiu para essa escolha quando descobrimos que em 2009, Bispo do Rosário comemoraria 100 anos de idade e também completavam-se 20 anos de sua morte. Pronto! Era a nossa homenagem para esse artista genial. Além de nos possibilitar um universo amplo e diferente para pesquisar: criar dança a partir das artes plásticas, a partir da arte “da loucura”, das sombras da esquizofrenia. Até então, tudo ótimo... mas e agora?! Como a gente faz isso? Encontrar soluções, referências que fugissem da obviedade, estudar, experimentar muito! E assim fizemos, a partir da leitura das biografias do artista, do estudo das suas obras e da sua forma de criar. Também foi de fundamental importância estudar sobre os doentes mentais, sobre a mente de um esquizofrênico, sobre como era a vida na Colônia Juliano Moreira, onde Bispo viveu e compôs sua genial obra. Aliás, a visita a esse local, no Rio de Janeiro, ao museu que ali se encontra foi fato de grande relevância.

Os laboratórios de movimentos, na maior parte das vezes, tinham três motes principais: o trançar de braços e pernas, criando “bordados" coreográficos; o diálogo com os elementos de cenário e luz, tão próximos e com grande força visual; o exercício de imaginar como seria a dança para um doente mental, como seriam os corpos e gestual dos intérpretes a partir disso. Mas de repente, me dei conta de algo de extrema importância para a forma como iríamos criar e interpretar em cena... A não ser por uma paixão bastante peculiar que Bispo nutriu por uma das psicólogas que cuidou dele, não havia nenhum sinal em sua biografia, de relações amorosas, namoros ou coisa parecida. Sempre nos parecendo um ser humano quase assexuado, totalmente inocente, ingênuo. Aliás, o artista sempre considerou que a mulher deveria ser casta, “pura”. Então, pela primeira vez em nossas vidas, tínhamos que encontrar uma forma de dançar a dois que não envolvesse nenhum tipo de passionalidade, sensualidade e até mesmo relação com o outro. Encontrar esse “lugar" foi uma enorme dificuldade!

Para os efeitos de projeções e sombras, mais uma vez optamos por soluções simples e, principalmente, que pudessem ser operadas pelos próprios bailarinos. Não dependendo de técnicos para esta parte evitamos despender tempo de ensaio para isto, além de correrm os menos riscos de esquecimentos, atrasos. O mesmo não conseguimos fazer com a operação precisa das várias lâmpadas que variam suas alturas em cena. Neste caso, um dos nossos técnicos fica responsável por estas operações munido de um detalhado roteiro.

Os vídeos usados nas projeções foram produzidos por mim mesmo, de forma “caseira”. Sempre que possível, opto por esse tipo de solução, não somente por economia de

recursos financeiros, mas também para evitar “idas e vindas” até chegar ao resultado ideal. Ou seja, como eu sei exatamente o que precisamos para o trabalho, consigo rapidamente produzir o material.

A exemplo de “E Esse Alguém Sabe Quem”, aqui usamos um retroprojetor para uma das cenas de sombras de um fio que é puxado. E na cena final em que as sombras são distorcidas e “dançam”, utilizamos uma placa de policarbonato com película espelhada, para brincar com a luz que é direcionada para o painel... para isso, vergamos a placa em diferentes direções.

Uma das soluções mais importantes e notáveis para a trilha sonora, é o “fio de som”, que permeia todo o espetáculo, mixado do início ao fim, é “cortado" no encerramento. Ideia originada do CD “Le Fil”, de Camille Dalmais. Foi o que deu unidade para esta trilha tão eclética... e que gerou a cena final. Interessante notar o incômodo que muitas pessoas da plateia relatam por causa do “barulho”, do “zumbido" que escutam durante todo o espetáculo... o que me faz crer que o som do “fio" também cumpre com seu objetivo de fazer referência às alucinações e outras relações com as doenças mentais.

A coreografia final, ao som de Chopin, teve sua música trocada diversas vezes durante o processo de criação. Não satisfeito com o resultado, segui experimentando músicas de diversos estilos e gêneros até o último momento, poucos dias antes da estreia, quando cheguei a esta *Ballade #1 in G Minor* que, na minha opinião, sintetiza de forma perfeita as diversas nuances da loucura, perpassando por variadas emoções, com uma beleza sublime.

CURIOSIDADES:

Nunca me esquecerei das sensações ao ler as críticas publicadas no Jornal Estado de Minas, por Marcelo Castilho Avellar; e no O Estado de São Paulo, por Helena Katz. Ambas escritas de forma linda e super elogiosas. Apesar de que, ao me deparar com a manchete do Estado de Minas: “Do Sonho ao Pesadelo”, num primeiro momento, imaginei que pudesse ser o contrário.

Quando fui ao Rio de Janeiro para visitar a Colônia Juliano Moreira, onde Bispo viveu e criou sua obra, peguei um táxi no aeroporto, que me levou diretamente ao local. Por um desses acasos do destino, o motorista do táxi foi me contando que ele morava bem perto da colônia, que passava sempre por lá chegando até mesmo a conhecer o artista. Esse motorista acabou passeando comigo dentro da colônia por um longo tempo, me mostrando os locais mais importantes. Então me deixou no museu e foi à sua casa descansar, enquanto me aguardava chamar para que ele mesmo me levasse de volta. Ao chegar ao museu, o vigia me disse que ele estava fechado para reformas. Então fiquei muito decepcionado e expliquei que tinha viajado desde Belo Horizonte somente para visitar o local, pedi (sem muita esperança) que me deixasse conhecer, pelo menos parte do

acervo. E não foi que ele abriu o museu somente para mim, me deixando totalmente à vontade para ver as obras?!!

Costumo guardar os restos de lã que sobram de cada espetáculo. Alguns deles se transformaram em lindos quadros criados pela minha mãe, Baby Mesquita.

"Por um Fio" é uma das únicas criações cuja montagem pode ser realizada, sem a necessidade de adaptações, dentro do nosso próprio galpão. A temporada de estreia ali aconteceu... e foi o que levou à construção dos dois níveis ("arquibancadas") para acomodar melhor a plateia.

Já remontamos o trabalho em nosso galpão diversas outras vezes para receber públicos muito especiais de crianças, adolescentes, estudantes de escolas públicas. Muitos que nunca tinham assistido a um espetáculo de dança anteriormente, nunca tinham ido a um teatro. Essas apresentações são parte importante de nossos projetos educacionais de formação de público. As apresentações são seguidas de um bate papo com o elenco, onde os estudantes podem fazer perguntas e depois conhecer os bastidores. Previamente, são enviados para as escolas participantes, materiais de estudo sobre a obra de Arthur Bispo do Rosário e a nossa criação. Assim a dança cumpre seu papel educacional, que vai além do espetáculo artístico.

O piso do cenário foi confeccionado com lonas de caminhão. Ele é cuidadosamente esticado e fixado no chão do teatro. E tem escritos, desenhos, registros de bailarinos que já passaram pelo elenco, técnicos dos diversos teatros onde já trabalhamos e também de pessoas do público.

Numa das peças de figurino, está bordada toda a ficha técnica do espetáculo. Nos painéis do cenário estão pintados, bordados, escritos os nomes de todos os colaboradores e outras pessoas queridas que já passaram pela história da Mimulus. Assim como Bispo fazia em seus mantos, orientado por Deus a criar um "inventário do mundo".

Essa foi a primeira criação, com exceção de "Bagagem", que todo o cenário e material da montagem do espetáculo pode ser transportado como bagagem acompanhada, sem a necessidade, portanto, de transporte por caminhão ou como carga aérea ou marítima. Programamos dessa forma, desde o início da criação, para possibilitar que pudéssemos circular mais com o trabalho, viabilizando viagens a um custo mais baixo e tornando possível que a montagem pudesse ser realizada em teatros menores, sem adaptações.

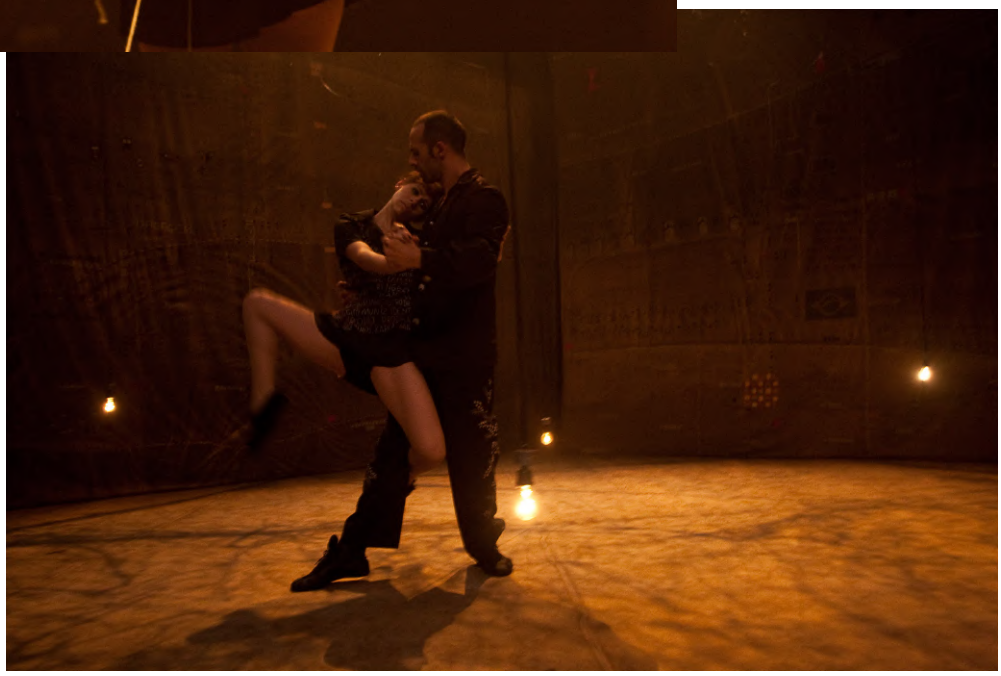
A trilha sonora possui momentos em que a voz do próprio Bispo foi mixada com as músicas. Essas falas foram extraídas de um antigo documentário em VHS, gravado quando o artista ainda era vivo.

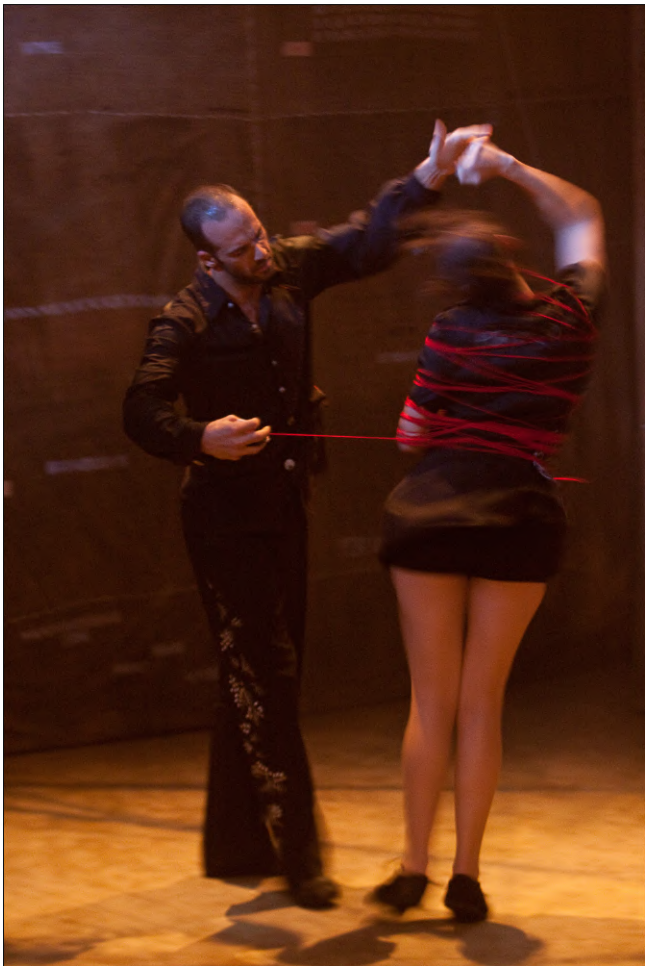
Num dos momentos de bom humor da criação, que acabou se tornando um dos pontos altos do trabalho, brincamos de fazer *assemblages* com os corpos dos bailarinos. Técnica de escultura utilizada por Bispo do Rosário em muitas de suas obras. A coreografia se harmonizou com todo o contexto e a música "Bienal", de Zeca Baleiro. Foi muito divertido

e desafiador criar essas esculturas humanas, que começam com um bailarino sustentando dois outros corpos, então passamos para três, quatro e terminamos com um bailarino e quatro bailarinas, milimetricamente posicionados e sustentados por um sexto elemento que serve como base.

A temporada de estreia foi realizada com um elenco de 13 bailarinos: os 8 da companhia mais 5 bailarinos em formação (para experiência e treinamento), integrantes do antigo Grupo Experimental Mimulus, na época dirigido pelo bailarino Bruno Ferreira.

O cenário possui uma importante parte que nem sempre é percebida de forma clara pela plateia, que acabou sendo batizada como: "bololô". Trata-se de uma grande rede que foi confeccionada como um enorme emaranhado de fios. O bololô fica preso entre as varas de luz e o palco, formando uma "nuvem" acima das lâmpadas incandescentes (que são parte integrante tanto do cenário quanto da iluminação), não somente intensificando a sensação de estarmos todos envoltos nesse emaranhado, mas também criando sombras no chão.





RELEASE ORIGINAL:

O espetáculo "Por Um Fio" foi apresentado na Bélgica, França e Itália. No mês de junho de 2012, fez a abertura do 80º. Jacob's Pillow Dance Festival, EUA. Sua estréia se deu ano de 2009.

——

A companhia transpõe o fascínio pelos bordados, escritos, amontoados de Arthur Bispo do Rosário, para o emaranhado de braços e corpos que bordam coreografias. Emaranhado de fios elétricos, filamentos das lâmpadas incandescentes que se confundem com os fios condutores das coreografias e com a sucata do trabalho dos bailarinos, que lhes servem de matéria prima para a composição da obra.

Cenário e luz partem do emaranhado que tece a memória das coisas, dos inventários do mundo e de suas coleções, das repetições que reverberam o anonimato. Nele se fazem presentes a luz e a sombra, a loucura, a memória, o outro lado da vida intrincada no seu fazer.

O figurino inspira-se na forma como os internos vestiriam-se para os bailes da Colônia Juliano Moreira... é confeccionado em sua maior parte com o aproveitamento de retalhos e tecidos descartados.

A exemplo das obras do Bispo, as peças são bordadas com textos, palavras e inventários. Trabalho realizado pelas "Meninas do Cafezal".

O espetáculo POR UM FIO é uma homenagem ao centenário de nascimento de Arthur Bispo do Rosário, aos 20 anos de sua morte e a todos aqueles que fazem arte sem saber que fazem. E são muitos!

EM 2008

a Associação Cultural Mimulus apresenta à Comissão de Avaliação de Projetos da Lei Estadual de Incentivo a Cultura, o projeto "Siga-me", que propõe a apresentação de resultados de um trabalho de aproximação entre o Grupo Experimental e os bailarinos da Mimulus Cia de Dança. O projeto é aprovado e parcialmente incentivado pela USIMINAS.

Quase na mesma ocasião, o projeto Mimulus, Belo Horizonte, 2009 é aprovado pela Fundação Municipal de Cultura e patrocinado pela Contax, possibilitando a apresentação do trabalho do Grupo Experimental e da Mimulus Cia de Dança, então denominado DUOS, no galpão da Mimulus.

A idéia cresce e se transforma em um espetáculo da mesma qualidade dos já realizados pela Mimulus Cia de Dança.

O que era pra ter sido somente um projeto, não foi. O que era pra ser o inventário do mundo e foi arte. O artista Arthur Bispo do Rosário, que era pra ter sido tratado como gênio e não foi... Essas questões sugerem o nome ERA PRA SER E NAO FOI para o novo trabalho.

A Associação Cultural Mimulus busca um teatro em Belo Horizonte para realizar a montagem e não encontra pautas ou condições satisfatórias. Bispo do Rosario dizia que o louco é como um beija-flor que fica todo o tempo pairando a dois metros do chão e nunca pousa. O bailarino é aquele que busca diariamente formas de não pousar.

A idéia de apresentar o novo trabalho no galpão da Mimulus é retomada, definindo que ERA PRA SER assim mesmo e ponto final.

Surgem novas necessidades e circunstancias. Os ensaios são acompanhados por pedreiros, que quebram parte do galpão da Mimulus para construir plataformas e melhorar a visibilidade da cena.

Ha um emaranhado de fios no teto do galpão; alguns trazem, quase ao piso, lâmpadas incandescentes. O tempo voa mais rápido do que o beija flor e, embora Mimulus seja a planta da coragem, percebemos que todos nos estamos presos a realidade apenas POR UM FIO.

O espetaculo POR UM FIO é uma homenagem ao centenario de nascimento de Arthur Bispo do Rosário e aos 20 anos de sua morte e a todos aqueles que fazem a arte sem saber que fazem.
E são muitos.

FICHA TÉCNICA

1 Direção Artística e Coreográfica:
Jomar Mesquita

2 Coreografia:
Integrantes da Mimulus Cia de Dança

3 Diretor do Grupo Experimental Mimulus
Bruno Ferreira

4 Bailarinos da Mimulus Cia de Dança:
Andrea Pinheiro
Bruno Ferreira
Ceres Canedo
Jomar Mesquita
Juliana Macedo
Rodrigo de Castro
Mariana Fernandes
Murila Borges
Nayane Diniz

5 Bailarinos do Grupo Experimental:
Emerson Nogueira
Igor Brant
Luiza Alvarenga
Paula Pazos

6 Assessoria de Direção Artística:
Mário Nascimento
Tindaro Silvano

7 Assessoria Cênica:
Ana Domitila

8 Figurino:
Baby Mesquita e Juliana Macedo

9 Alfaiate:
Sr. Floriano

10 Costureiras:
Helena Martins e Maria Inês

11 Bordadeiras - Meninas do Cafezal:
Vera Lucia, Isabela Cristina, Cristiane dos Santos, Maria José, Rosimeire da Silva, Maria Aparecida e Eliane Pereira

12 Cenografia:
Ed Andrade - Osla Arquitetura

13 Estagiários de Cenografia:
Alunos do Curso de graduação em Teatro da UFMG
Adriana Januário
Carloman Bonfim
Clarice Rena
Kely Oliveira
Marcos Moura

14 Iluminação:
Rodrigo Marçal

15 Seleção Musical e Mixagem:
Jomar Mesquita

16 Fotografia:
Guto Muniz

17 Projeto Gráfico:
Agência Cognitiva

18 Produção:
Baby Mesquita
Fábio Ramos
Karla Danitza

19 Assistente:
Angela Linhares

20 Agradecimentos:
Equipe Usicultura, Espaço Hara, Alexander Dionisio, Cassia Duarte, Cristiane Mesquita, Carlos Humberto Ganem e Eunice Lessa Ganem, Daniel Dias Lima, Eduardo Augusto, Erica Rosa, Graça Otonni, Jone Barbosa, Ismene Duarte, Mary Arantes, Mauricio Tiumba, Livio Bambozzi, Nana Ferreira, Rubia Marçal, Tia Adélia, Saulo Motta, Vania Tavares, Wagner Bandeira, Dona Herminia.

21 Apoio Eterno:
João Baptista Mesquita

Mimulus – Rua Ituiutaba, 325 – Prado
Belo Horizonte – MG - CEP: 30411-023
Tel.: (31) 3295-4367
Telefax: (31) 3295-5213
mimulus@uol.com.br

REALIZAÇÃO: MIMULUS

PATROCÍNIO: USIMINAS, contax

Realizado com os benefícios da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Construindo um novo tempo
CULTURA

MIMULUS
Cia de Dança
APRESENTA

POR UM FIO

Direção:
JOMAR MESQUITA

A companhia transpõe o fascinio pelos bordados, escritos, amontoados de Arthur Bispo do Rosario, para o emaranhado de braços e corpos que bordam coreografias. Emaranhado de fios elétricos, filamentos das lâmpadas incandescentes que se confundem com os fios condutores das coreografias e com a sucata do trabalho dos bailarinos, que lhes servem de matéria prima para a composição da obra.

CONCEPÇÃO DE CENÁRIO E LUZ:

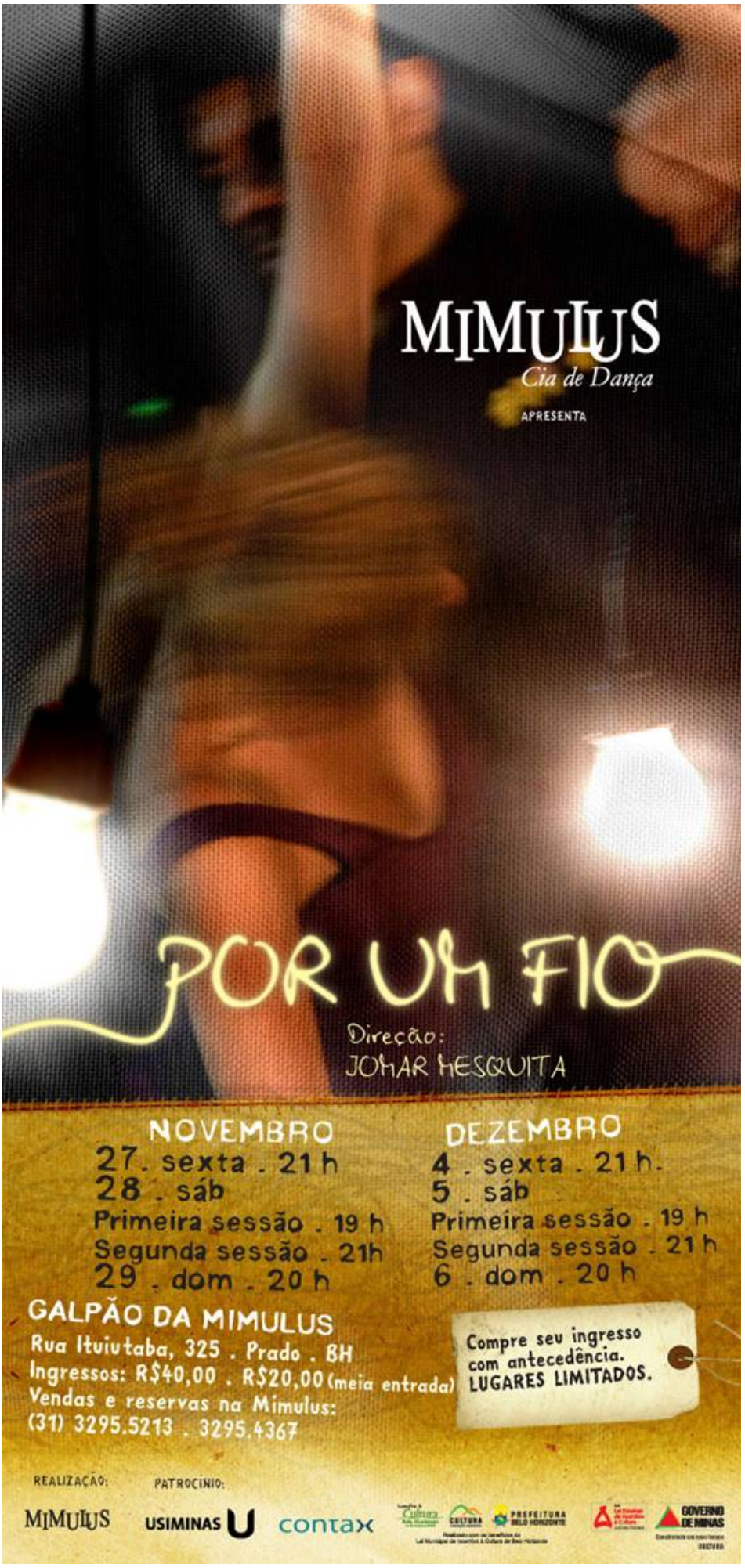
"CENÁRIO E LUZ PARTEM DO EMARANHADO QUE TECE A MEMÓRIA DAS COISAS, DOS INVENTÁRIOS DO MUNDO E DE SUAS COLEÇÕES, DAS REPETIÇÕES QUE REVERBERAM O ANONIMATO. NELE SE FAZEM PRESENTES A LUZ E A SOMBRA, A LOUCURA, A MEMÓRIA, O OUTRO LADO DA VIDA INTRINCADA NO SEU FAZER."
ED ANDRADE

CONCEPÇÃO DO FIGURINO:

INSPIRA-SE NA FORMA COMO OS INTERNOS VESTIAM-SE PARA OS BAILES DA COLÔNIA JULIANO MOREIRA. É CONFECCIONADO EM SUA MAIOR PARTE COM O APROVEITAMENTO DE RETALHOS E TECIDOS DESCARTADOS. A EXEMPLO DAS OBRAS DO BISPO, AS PEÇAS SÃO BORDADAS COM TEXTOS, PALAVRAS E INVENTÁRIOS. TRABALHO REALIZADO PELAS "MENINAS DO CAFEZAL".

TRILHA SONORA

QUAND JE MARCHE - CAMILLE DALMAIS
SENZA - CAMILLE DALMAIS
JUIZO FINAL - NELSON CAVAQUINHO E GUILHERME DE BRITO
TANGA... - ORQUESTRA DOS MUSICOS DAS RUAS DE SÃO PAULO
RUNNING IN THE SUN - FREEWORM
PSYCHO MALOCA - CARLOS CAREGA
SAUDOSA MALOCA - ADONIRAN BARBOSA
TRIBUTO A VALTINHO DAS BAIANAS - TABAJARA ROSA
SAMBA DE MORRO - MAESTRO JOAO BATISTA MARTINS
YOU DON'T KNOW ME - CAETANO VELOSO
VEGETATION-FUEL - FREEWORM
BIENAL - ZECA BALEIRO
CACHAÇA - CALEXICO
INTRO V - O RAPPA
BALLADE n°1 IN G MINOR, OP 23, CT 2 - FRÉDÉRIC CHOPIN
MINHA TRIBO SOU EU - ZECA BALEIRO
TRECHOS DO FILME "O PRISIONEIRO DA PASSAGEM", DE HUGO DENIZAR
DURAÇAO DO ESPETACULO: 58 MINUTOS


MIMULUS
Cia de Dança
APRESENTA
POR UM FIO
Direção:
JOHAR MESQUITA
NOVEMBRO
27 . sexta . 21 h
28 . sáb
Primeira sessão . 19 h
Segunda sessão . 21h
29 . dom . 20 h
DEZEMBRO
4 . sexta . 21 h.
5 . sáb
Primeira sessão . 19 h
Segunda sessão . 21 h
6 . dom . 20 h
GALPÃO DA MIMULUS
Rua Ituiutaba, 325 . Prado . BH
Ingressos: R$40,00 . R$20,00 (meia entrada)
Vendas e reservas na Mimulus:
(31) 3295.5213 . 3295.4367
Compre seu ingresso com antecedência.
LUGARES LIMITADOS.
REALIZAÇÃO:
MIMULUS
PATROCÍNIO:
USIMINAS
contax
PREFEITURA BELO HORIZONTE
GOVERNO DE MINAS

FICHA TÉCNICA:

Direção Artística e Coreográfica: Jomar Mesquita

Coreografia: Jomar Mesquita com a colaboração dos bailarinos da Mimulus Cia de Dança

Bailarinos (elenco principal): Andréa Pinheiro, Bruno Ferreira, Jomar Mesquita, Juliana Macedo, Mariana Fernandes, Murilo Borges, Nayane Diniz, Rodrigo de Castro

Assessoria de Direção Artística: Mário Nascimento e Tíndaro Silvano

Assessoria Cênica: Ana Domitila

Figurino: Baby Mesquita e Juliana Macedo / Alfaiate: Sr. Floriano / Costureiras: Helena Martins e MariaInês

Bordadeiras: Meninas do Cafezal > Vera Lucia, Isabela Cristina, Cristiane dos Santos, Maria José, Rosimeire da Silva, Maria Aparecida e Eliane Pereira

Cenografia: Ed Andrade – Osla Arquitetura

Estagiários de Cenografia: Alunos do Curso de graduação em Teatro da UFMG > Adriana Januário, Carloman Bonfim, Clarice Rena, Kely Oliveira, Marcos Moura

Iluminação: Rodrigo Marçal

Seleção Musical e Mixagem: Jomar Mesquita

Fotografia: Guto Muniz

Consultor Internacional: Guy Darmet

Produção Executiva: Baby Mesquita

Assistente de Produção: Fábio Ramos

Apoio eterno: João Baptista Mesquita

Realização: Associação Cultural Mimulus

VOLUME 281
NUMBER 175
Suggested retail price
$1.25
$2.00 outside of Greater Boston

The Boston Globe

SATURDAY, JUNE 23, 2012

COOLING-OFF PERIOD
SATURDAY: Partly sunny. High 77-82. Low 63-68.
SUNDAY: Sun, clouds, a shower. High 78-83. Low 62-67.
HIGH TIDE: 2:12 a.m. 2:48 p.m.
SUNRISE: 5:08 SUNSET: 8:25
FULL REPORT: PAGE B11

Mimulus creates and navigates a dramatic web

By Janine Parker
GLOBE CORRESPONDENT

BECKET — Depending on its trajectory, a thread can bind or it can unravel. In his assemblages of disparate objects and his elaborately constructed robes, the late artist-cum-schizophrenic Arthur Bispo do Rosário lived within those extremes: He was a weaver of materials while his mind often spooled away from reality.

At Jacob's Pillow Dance Festival, the Brazilian company Mimulus celebrates the curious life and work of Bispo do Rosário in "Por Um Fio" ("By a Thread"). An hour-plus-long dance, it is itself a tapestry that vividly renders a line between ease and struggle, sanity and the loss thereof. Choreographed by artistic director Jomar Mesquita and the company's dancers, it has a movement vocabulary heavily inflected with the playfully sexy push and pull of social dances such as samba and tango. The physical and emotional weightiness of contemporary dance takes us out of the realm of exhibition and into the world of dance theater.

The score — a medley spicy with dancehall beats and spiky with husky, lived-in voices — is subtly freighted by a constant droning, both ominous and sad. Baby Mesquita's patched and layered costumes and scenic designer Ed Andrade's hanging panels are the piece's most direct references to Bispo do Rosário's creations. Tumbleweeds of tangled wire hang from above, while Rodrigo Marçal's lighting design creates shadows and corners that make the stage feel at times like a dark alleyway, momentarily turning the panels into pitiless walls. Wonderfully, different lengths of thread are pulled from the panels, then snaked, now into the eyelets of a woman's blouse, now around a neck. A dancer is laced up to the panels, like a fly caught in a spiderweb.

Indeed, in the series of duets that make up much of "Por Um Fio," intertwining and entrapment are twin physical metaphors. The women in particular — less embraced than manipulated — are often indifferently tossed and turned about, their male partners pushing them into an extravagant arch by the palm of his hand against her forehead, or propelling them into a turn by his hand on her neck.

Occasionally, however, the women flick their legs up sharply between the men's legs, missing a crucial mark by just enough to serve notice.

There is great drama in the choreography, but the tone of the dance never dips into melodrama. The solid men crouch into delicious grand pliés with women cocooned in their laps, or suddenly pitch a woman above, so that she hovers over him, her body tucked up and fetus-curved. Though the group sections are often the same duet mirrored by two or more couples, each duo is wrapped in tense intimacy; the atmosphere ranges from a steamy, smoky dance club to a wild Walpurgis Night.

Throughout the dance, lone figures move surreptitiously on the edges or in shadowy recesses, while the other dancers whirl and toss, thrust and lunge; these background creatures work like the darker corners of memory, shrouded until we can no longer avoid turning our gaze to them.

The heart of "Por Um Fio" beats most palpably in the central figure performed by company veteran Juliana Macedo, who moves her strong, long limbs with a generous looseness. The beautiful duet she dances with Mesquita is cloaked with an aura of fatefulness, and manages to be both poetic and show-stopping, limning a tightrope walk between control and abandon.

Janine Parker can be reached at parkerzab@hotmail.com.

GUTO MUNIZ

Dancers from the Brazilian company Mimulus perform "Por Um Fio" ("By a Thread").

DANCE REVIEW

MIMULUS DANCE COMPANY
At: Jacob's Pillow Dance Festival, through Sunday.
Tickets: $39-$64.
413-243-0745,
www.jacobspillow.org

TIMES UNION

Date: Friday, June 22, 2012
Location: ALBANY, NY
Circulation (DMA): 65,710 (56)
Type (Frequency): Newspaper (D)
Page: 6
Keyword: Jacob's Pillow Dance

Mimulus company sizzling and soulful

By Tresca Weinstein

BECKET, Mass. — Mimulus Dance Company's evening-length piece, "Por Um Fio (By a Thread)," onstage at Jacob's Pillow this week, is inspired by the work of outsider artist Arthur Bispo do Rosario. During the 50 years he spent in a psychiatric facility in Rio de Janeiro, Rosario used found objects, such as scraps of clothing and bedsheets, to create elaborate embroidered pieces. Not a typical inspiration for dance, perhaps, but as translated into movement by Mimulus' artistic director/choreographer Jomar Mesquita and his dancers, the result is sizzling, soulful and endlessly inventive.

The Brazilian troupe, which made its U.S. debut at the Pillow five years ago, was the perfect company to open the festival's 80th anniversary season, on a sultry June evening that previewed the coming dog days. The nine gorgeous dancers and the piece itself embody much of what contemporary dance is about these days, including fusion, theatricality, the skillful use of props, and choreography that demands unbelievable technical proficiency.

Drawing from the vocabulary of Latin social dance as well as ballet and modern dance, "Por Um Fio" progresses like a ribbon of silk unfurling. The movement is gliding and sensual, yet never slick or glitzy, even when the men toss the women up onto their shoulders with a single easy movement, or when the women spin like tops or curve backwards to touch the floor like living croquet hoops.

The building block of the work is the duet. Partners, dressed in quilted and embroidered costumes, entwine and wrap around each other again and again, in a myriad of different ways. Strapping dancer Murilo Borges lifts and swings the petite Nayane Diniz as if she was feather light. In a repeated motif, the men guide the women not by their hips but by their heads and necks, using one or two hands — it's a chilling and riveting image.

The theme of entwining is also presented more literally, with the dancers pulling lengths of thread off the backdrop (two freestanding walls covered with hand-drawn diagrams and writing) and using it to affix each other in place. In the last moments of the piece, Mesquita holds one end of a cord whose other end is wrapped around Juliana Macedo's waist; as she whirls joyfully in pirouette after pirouette, she's encircled in multiple loops of string. The fanciful set features nest- and foliage-like constructions hanging above, and light bulbs dangling from long wires to nearly touch the floor.

At one point, as the stage darkens, they glimmer and flutter like fireflies among the dancers. If only Rosario — trapped, one imagines, in his own mind — could have seen the freedom and beauty his art has inspired.

► *Tresca Weinstein is a freelance writer and frequent contributor to theTimes Union.*

Dance review

MIMULUS DANCE COMPANY

- **When:** 8 p.m. Wednesday
- **Where:** Jacob's Pillow, 358 George Carter Road, Becket, Mass.
- **Length:** One hour, no intermission
- **Repeats:** 8 p.m. Thursday through Saturday; 2 p.m. Saturday and Sunday
- **Tickets:** $39–$64
- **Info:** (413) 243-0745 or http://www.jacobspillow.org

BELO HORIZONTE/ MG-BRASIL **"POR UM FIO"** will be presented at Jacob's Pillow in Beckett, Mass., by the Mimulus Dance Company through Sunday.

© 2012 TIMES UNION
All Rights Reserved.

Account: 35315AA (100)
NY-10
For reprints or rights, please contact the publisher

Dança. Destaque

CORPOS QUE BORDAM NAS LINHAS DE BISPO

Numa costura de precisão e requinte, a Cia. Mimulus traz *Por um Fio*

GUTO MUNIZ/DIVULGAÇÃO

Precisão. *Por um Fio* é marco a trajetória da companhia, que reúne elenco impecável dirigido pelo coreógrafo Jomar Mesquita

*

Crítica: Helena Katz

OOOO ÓTIMO

Arthur Bispo do Rosário é a inspiração de *Por um Fio*, espetáculo que a Mimulus Cia. de Dança apresentou no Sesc Pinheiros no último fim de semana. Bispo nasceu em Sergipe, em 1911, e morreu no Rio de Janeiro, em 1989, na Colônia Psiquiátrica Juliano Moreira, onde esteve internado por diversas vezes, até 1964, quando para lá voltou e permaneceu até a sua morte.

A matéria-prima de seu trabalho vinha do lixo do hospital: sucata de todos os tipos, restos, trapos de pano que eram desfiados e reutilizados nos estandartes e mantos que bordava. Mumificou seus objetos pessoais, como escovas de dente, talheres e tesouras; amontoou em caixas-vitrines o que encontrava, como canecas, garrafas, pentes de plástico e abajures.

O jeito tão especial de Bispo juntar palavras, objetos, tecidos e bordados levou a companhia de Belo Horizonte a procurar fazer o mesmo com a sua dança, o que transformou *Por um Fio* em um marco de uma trajetória coerente, que o preparou.

Obras anteriores como *De Carne e Sonho* (2003, a partir do tango), *Dolores* (2007, sobre o universo dos filmes de Almodóvar) ou *Do Lado Esquerdo de Quem Sobe* (2009, com a música de Yamandú Costa), indicam que o foco da Mimulus sempre esteve na busca de um vocabulário próprio, que avançasse o que habitualmente se pratica em dança de salão. Agora, não resta mais qualquer dúvida de que está inventando um futuro para a dança a dois. Tudo começou em 1990, quando foi fundada a Mimulus Escola de Dança. Dois anos depois, seus alunos formaram um Grupo Experimental, e dedicaram-se tanto ao projeto, que dele acabou resultando a Mimulus Cia. de Dança.

Elenco. Em *Por um Fio*, estimulados pelos usos geniais do mais trivial que Bispo fazia, o impecável elenco, formado por Andrea Pinheiro, Bruno Ferreira, Ceres Canedo, Juliana Macedo, Rodrigo de Castro, Murilo Borges, Nayane Diniz e também pelo seu coreógrafo e diretor Jomar Mesquita, nos faz ver o tanto que cabe nessa dança. O material coreográfico produzido é rico, requintado e dançado com muita precisão.

Às vezes, partes do corpo parecem funcionar como a linha com que Bispo vai bordando. Braços tecem percursos para articulações intrincadas, que ecoam nos fios pendurados com lâmpadas incandescentes que, mais adiante, se tornam partners de cada bailarino; pescoços exploram mobilidades inusitadas, expandindo a função de segurar a cabeça; pernas-agulhas vão costurando o espaço com os seus passos, parecendo escritas que estão sendo bordadas. Mais adiante, os próprios corpos dos intérpretes se transformam em vitrines de objetos-corpos acumulados, em um exercício de tradução cênica das obras de Bispo.

Jomar Mesquita, além de dirigir, coreografar e dançar também assina a trilha sonora, criada no mesmo timbre que dá o tom desta nova produção, o da coleta do que está em torno para produzir uma mistura inusitada. Reúne, por exemplo, Adoniran Barbosa (*Saudosa Maloca*), Zeca Baleiro (*Bienal* e *Minha Tribo Sou Eu*), O Rappa (*Intro V*), Caetano Veloso (*You Don't Know Me*) e Chopin (*Balada N.º 1*).

O duo de Jomar com Juliana Macedo, ao som de Chopin, tem a consistência daquele tipo de momento que ilumina caminhos e aponta para o que pode se desdobrar a partir do que já existe. No seu fluxo de novos encadeamentos, quem sabe venha a repensar o papel masculino na sua dança, ainda aprisionado em um entendimento típico de um tempo que não mais corresponde ao do Mimulus de *Por um Fio*.

O tempo de agora é o de enfrentar a construção de uma nova dramaturgia, capaz de lidar com o mundo novo que estão a produzir.

ARTES CÊNICAS

Espetáculo *Por um fio*, do Grupo Experimental Mimulus, traz para os dias de hoje a impressão de estranhamento constante que se esconde por trás da obra criada por Arthur Bispo do Rosário

DO DELÍRIO AO PESADELO

MARCELLO CASTILHO AVELLAR

Crítico DANÇA

Pouco antes do fim de *Por um fio*, espetáculo da Mimulus Cia. de Dança e do Grupo Experimental Mimulus, começa a tocar, na trilha sonora, uma versão da *Première ballade*, de Frederic Chopin. Por trás dela, um ruído de fundo, ininterrupto, obsessivo, sem qualquer relação com Chopin ou suas baladas, nos lembra que sempre é possível um novo olhar sobre qualquer objeto – mesmo uma obra que já integra há quase dois séculos a tradição.

Simultaneamente, um casal de bailarinos dança, num ritmo muitas vezes distinto do da balada, e com dinâmica bem diferente da que temos no jogo entre ela e o ruído de fundo. Antes do fim da música, outros bailarinos estarão em cena. O conjunto caminha para um paroxismo em que os clímaxes de cada uma das camadas que constroem o conjunto se recusam a coincidir uns com os outros, numa das sequências mais belas que a dança em Minas criou nos últimos anos.

Por um fio é isso, uma construção profunda, em camadas, que serão dissecadas uma por uma diante dos espectadores, em momentos que vão da angústia ao humor. *Por um fio* inspira-se na obra do artista plástico Artur Bispo do Rosário (1909-1989), um daqueles raros casos na história em que a loucura não prejudicou a criatividade de um gênio. O espetáculo não pretende contar a história de Bispo do Rosário, mas trazer, para os dias de hoje, a impressão de estranhamento constante que se esconde por trás dos objetos e coleções com que o artista antecipou boa parte da arte contemporânea.

E a impressão, mais estranha ainda, do que poderia ser a mente que os criou. O resultado dessa proposta é um conjunto de imagens completamente oníricas. *Por um fio* vai do sonho mais delirante a instantes do mais puro pesadelo. Possivelmente será difícil a qualquer espectador não reconhecer, em meio à profusão de signos que o espetáculo apresenta, algum que lhe seja bem familiar – sendo que a familiaridade possivelmente resulta da evocação de seus próprios sonhos, e não necessariamente resultante de algum contato com a obra de Bispo de Rosário.

As bailarinas que caminham pelo ar, os casais que parecem nunca se olhar (embora se relacionem corporalmente o tempo todo), o vestido esticado, quase dilacerado pelos fios enganchados nele, as luzes que vêm, vão ou parecem ser desfiadas, o jogo entre sombras e realidade – tudo isso e muito mais, *Por um fio* parece extrair diretamente dos mais doces ou dos mais horríveis fantasmas de nosso inconsciente.

É o trabalho mais ousado que a Mimulus já realizou. Primeiro, porque deve ter sido quase impossível ao grupo de artistas capitaneado por Jomar Mesquita criar aquilo sem que cada um dos criadores tenha enfrentado seus próprios fantasmas no processo. E eles sabem que estão falando de si mesmos, que estão se expondo como nunca fizeram antes, se levarmos em conta a profusão de elementos autorreferenciais e confessionais presentes no cenário.

Depois, *Por um fio* é um salto no escuro do ponto de vista técnico. Se a base proporcionada pelas danças de salão continua nos corpos dos bailarinos como em todos os espetáculos da Mimulus, esta é a criação que menos se parece com aquela base e aquela técnica, que demanda dos intérpretes outros modos de movimento e interpretação.

Por fim, a Mimulus decidiu seguir um caminho que, frequentemente, representa um marco na vida de grupos de teatro ou dança: transformou em sala de espetáculos seu espaço de aula e ensaio. Não se trata apenas de apresentar ali o espetáculo, mas adequar o próprio espaço às necessidades dele, numa declaração de autonomia do grupo (que não pretende se submeter às condições de operação ou às formas das salas de espetáculos tradicionais) e da criação (que busca o espaço feito para ela, que diz o que ela quer dizer, e não um espaço supostamente neutro).

No fim das contas, o prédio na Rua Ituiutaba, "do lado esquerdo de quem sobe", como diz o título de outro dos espetáculos da companhia, acaba se tornando o signo maior de *Por um fio* – algo vivo no não lugar em que aqueles quarteirões ocupados quase exclusivamente por galpões e comércio parecem se converter depois do horário de trabalho, luz no meio de um deserto noturno, fantasma afetuoso em que reconhecemos a presença humana e personalizada de seus ocupantes – num espetáculo que parece gritar contra a escuridão e a favor do sentimento.

POR UM FIO

Espetáculo da Mimulus Cia de Dança. Em cartaz sábado, em duas sessões: a primeira sessão às 19h; a segunda às 21h; e domingo, às 20h, no Galpão da Mimulus Rua Ituiutaba, 325, Prado. Ingressos: R$ 40 (inteira) e R$ 20 (meia-entrada) – capacidade de 150 pessoas por sessão. Informações: (31) 3295-5213 e 3295-4367.

GUTO MUNIZ/DIVULGAÇÃO

***Por um fio* é o trabalho mais ousado que a companhia mineira Mimulus já realizou**

7 - ano 2012

Entre

Essa criação nasceu sem um tema definido num primeiro momento, porém com um universo sonoro muito claro: o Soul norte-americano. Músicas com um intenso grau de passionalidade, pelas quais sempre fui apaixonado e há anos tinha vontade de utilizar em uma trilha sonora: Etta James, Nina Simone, Ella Fitzgerald...

A temática do trabalho acabou sendo descoberta durante o percurso da criação. Uma temática abstrata, mas muito condizente com o momento de reflexão e questionamentos pelo qual a Mimulus Cia de Dança passava a respeito do seu próprio trabalho, da sua própria identidade. O que fazemos, o que dançamos afinal? Isso continua sendo dança de salão? É dança contemporânea? Nunca me preocupei muito com essas questões... criamos dança tendo como essência, sem dúvida, a nossa base principal de formação: danças de salão. Dentro desse contexto, foi muito interessante uma conversa que tive com a pesquisadora Helena Katz nesse período. Ela me disse: "Jomar, a dança de salão está impregnada nos corpos de vocês... então, por mais que vocês desconstruam, viagem por outros caminhos e acabem chegando em lugares aparentemente distantes, a essência das danças de salão continua presente".

Entretanto, não podemos negar que ocupamos um lugar "entre" as danças de salão e as danças contemporâneas (no plural, porque também são muitas). E foi esse lugar (ou não-lugar) que acabou sendo escolhido como metáfora na concepção do cenário e coreografias, que dialogam constantemente nessa criação. Duas imensas plataformas, desenhadas por Ed Andrade, configuram esse espaço de muito afeto "entre" ambas. Os bailarinos, num primeiro momento, estranham, experimentam, se sentem atraídos... e terminam "entrando", se apropriando, tomando conta desse espaço metafórico que está "entre" o contemporâneo e o salão, entre o conhecido e o desconhecido. Essa abstração temática foi incômoda para alguns bailarinos menos experientes, mas para mim foi de uma enorme riqueza.

Fui descobrindo formas de fazer dialogar a trilha sonora com esse jogo de apropriação do espaço entre as plataformas. Durante a primeira parte do trabalho, momento em que essa apropriação do espaço ainda não se concretizou, toda vez que a plataforma inferior é tocada, acontecem chiados nas músicas ou então essas sofrem perdas bruscas de qualidade sonora. Isso fez com que a mixagem final da trilha tivesse uma complexidade singular. Mais uma vez, poupamos tempo (e dinheiro) pelo fato de que eu gosto e prefiro assumir esse trabalho de criação sonora, de mixagem. Foram muitas experimentações até chegar aos efeitos e intensidades ideais. Além disso, tivemos que sincronizar de forma muito precisa os momentos exatos em que os bailarinos tocam ou sobem na plataforma com as mudanças sonoras.

Há então um marco divisório no meio de "Entre", que divide essa primeira parte da segunda, onde os bailarinos conquistam definitivamente aquele espaço de estranhamento... as interferências sonoras cessam. Essa divisão acontece ao som de "La Vie en Rose", propositalmente uma quebra na unidade sonora alinhavada pela Soul Music. Mas que ao mesmo tempo traz mais uma grande diva - Edith Piaf - para fazer companhia

para Etta James, Nina Simone, Ella Fitzgerald. Nesse momento, a bailarina Fabiana Dias é responsável pelo solo que concretiza essa “invasão" do espaço “entre”.

Uma característica importante dessa criação é que temos menos momentos de danças em grupo. São muitos duos, o que também contribuiu para a grande exigência técnica e física a que os bailarinos são submetidos ao interpretarem “Entre”. Outro ponto de grande complexidade no trabalho são as operações de cenário. A plataforma inferior é movimentada e colocada nas mais diferentes posições pelos próprios bailarinos em cena. E a plataforma superior sobe, desce, tem seus ângulos de inclinação modificados e também possui refletores. Isso é realizado através de operação das varas de cenário pelo técnico responsável. Como ambas as plataformas têm um peso considerável, são operações difíceis e de grande responsabilidade.

Um dos pontos mais importantes do processo criativo foi explorar todas as possíveis formas de “dançar” com as plataformas. Elas partem de uma posição central e transversal e são colocadas na vertical, em pé, como uma rampa, um escorregador. Há um momento inclusive, em que os bailarinos trocam seus figurinos atrás da plataforma inferior, que, em pé em cena, esconde esse “camarim”, enquanto um casal dança na frente da mesma. Desde o início do espetáculo, os figurinos e acessórios ficam guardados em compartimentos fixados na parte debaixo da mesma. Vale também chamar atenção para o momento em que uma corajosa bailarina - Nayane Diniz - sobe correndo pela plataforma, que é colocada como uma rampa, e salta de uma altura de 3 metros para o colo de seu parceiro. Em um dos momentos que considero mais lindos em “Entre”, a bailarina Fabiana Dias escorrega sensualmente deitada sobre a plataforma, que é levantada por dois bailarinos... a iluminação em contraluz, criada por Rodrigo Marçal, completa o visual.

Outro momento relevante para quebra do ritmo do espetáculo é a cena do “circo”. Ali os bailarinos brincam com acrobacias, equilibrismo, tudo muito lúdico e engraçado. Sempre considero muito relevantes essas alterações na atmosfera das criações.

CURIOSIDADES:

“Entre” foi a minha única criação que sofreu algumas alterações significativas após sua temporada de estreia. Decidimos reformar a plataforma superior, que se tornou muito mais “leve" e bonita. Também retirei uma das músicas e modifiquei uma parte inteira de coreografia, que considerei “imaturas" para o trabalho.

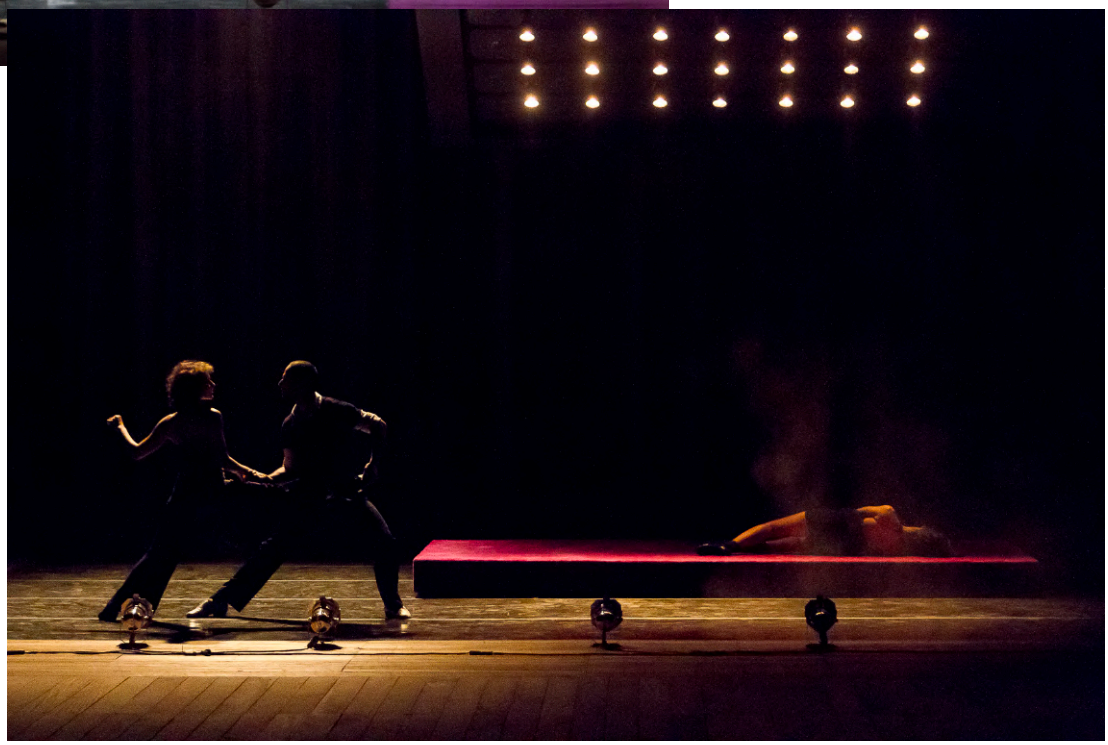
Temos uma cena em que alguns vestidos giram por detrás da cortina translúcida, dependurados em cabides. Rodrigo Marçal criou essa maquinaria com parafusadeiras, mais uma vez, de forma bem “artesanal”, mas funcional.

Tivemos uma importante, mas tensa apresentação no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Por ser um palco antigo e, portanto, com uma grande inclinação que desce em direção à

plateia, foi enorme a dificuldade para manter a plataforma inferior estável em algumas posições.

Já no Teatro Paulo Autran, SESC Pinheiros, São Paulo, tivemos uma estreia desastrosa. Esse excelente teatro, onde já apresentamos quase todos os nossos trabalhos, possui um avançado sistema automatizado de operação de varas de cenário. Ou seja, em vez dos técnicos subirem e descerem as varas de forma manual, todas as cenas são programadas, como acontece numa mesa de controle de iluminação, por exemplo. O problema, que até hoje não compreendemos a causa, foi que o sistema desprogramou de alguma forma durante a apresentação. Quando nosso técnico acionava a cena seguinte, nunca sabíamos para onde as varas iriam levar a plataforma superior... sobrevivemos!

Até hoje, quando surge a possibilidade de apresentar "Entre", os bailarinos suam frio com receio da exigência física e técnica que o trabalho demanda.



RELEASE ORIGINAL:

ENTRE reflete alguns dos significados que essa palavra possa sugerir, seja por denotar um território fronteiriço ocupado pela Mimulus Cia de Dança e que tem propiciado grande estímulo às suas inovações, seja como um convite para estreitar relações. Portanto, atravessa as questões da identidade e do encontro.

Quanto à identidade, a Cia procura-se em lugares de criação, entre a dança de salão e a dança contemporânea, um não-lugar que atinge os dois mundos.

O espetáculo se desenvolve em zonas de contatos, tanto em termos materiais e estéticos quanto aos aspectos emocionais e simbólicos.

ENTRE pode ser entendido também como um convite para o espectador "entrar" e se deixar tomar pela carga simbólica e emocional de um espetáculo traçado pelo carinho de todo o grupo.

Trilha Sonora:

Solitude - Duke Ellington (Duke Ellington)
Summertime - Ella Fitzgerald e Louis Armstrong (George Gershwin)
At Last - Etta James (Mack Gordon e Harry Warren)
Dark End of the Street - Diamanda Galas (Dan Penn e Chips Moman)
Feeling Good - Nina Simone (Anthony Newley e Leslie Bricusse)
Swing Valse - Gus Viseur (Gus Viseur)
All I Could Do Was Cry - Beyoncé (Billy Davis, Gordy Berry e Gwen Gordy)
La Vie en Rose - Edith Piaf (Edith Piaf)
Sleepwalk - The Brian Setzer Orchestra (Santo e Johnny Farina)
I Put a Spell on You - Nina Simone (Screamin' Jay Hawkins)
Stormy Weather - Etta James (Harold Arlen e Ted Koehler)
Gimme Some - Nina Simone (Andy Stroud)
Java - (E.Marnay y E. Stern.)
Do I Move You? - Nina Simone (Nina Simone)
I Just Wanna Make Love to You - Etta James (Willie Dixon)
Try a Little Tenderness - The Commitments (Harry Woods, Jimmy Campbell e Reg Connelly)
Besame Mucho - Elvis Presley (Consuelo Velásquez)

MIMULUS
Cia de Dança
Apresenta:
ENTRE
DIREÇÃO ARTÍSTICA:
JOMAR MESQUITA
COREOGRAFIA:
MIMULUS CIA DE DANÇA
REALIZAÇÃO:
ASSOCIAÇÃO CULTURAL MIMULUS

ENTRE, insinua um lugar fronteiriço de criação artística ocupado pela **Mimulus Cia de Dança** e que tem propiciado grande estímulo para inovações. O espetáculo se desenvolve em zonas de contatos tanto em termos materiais e estéticos quanto aos aspectos emocionais e simbólicos. Dessa forma, o que se transforma, se uma parte de nós sempre nos ultrapassa quando o desejo é de ir ao encontro do outro? **ENTRE** pode ser entendido também como um convite para o espectador se deixar tomar pela carga simbólica e emocional de um espetáculo traçado pelo carinho de todo o grupo.

Não podemos contar mais.

Agradecemos a sua presença e desejamos a todos um ótimo espetáculo.

Muito beijo,
Mimulus Cia de Dança

Direção Artística:
Jomar Mesquita
Coreografia:
Mimulus Cia de Dança
Bailarinos:
Jomar Mesquita, Juliana Macedo, Rodrigo de Castro, Andréa Pinheiro, Murilo Borges, Nayane Diniz, Fabiana Dias e Lucas Veríssimo
Assessoria Artística:
Tíndaro Silvano
Cenografia:
Ed Andrade
Cenotécnico:
Joaquim Pereira
Figurino:
Baby Mesquita e Juliana Macedo
Assistentes:
Juliano Cândia, Maria Inês Lopes e Maria Helena Santos
Fotografia:
Guto Muniz
Iluminação:
Rodrigo Marçal
Seleção Musical e Mixagem:
Jomar Mesquita
Identidade Visual:
Gustavo Domingues
Produção Executiva:
Fabiana Bergamini e Fábio Ramos
Produção:
Baby Mesquita
Realização:
Associação Cultural Mimulus

ENTRE

ENTRE

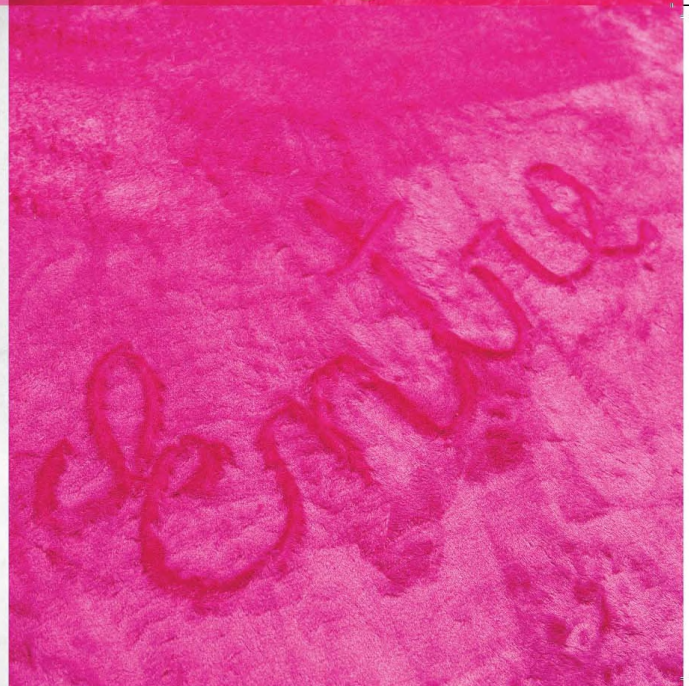
Agradecimentos:
Antônio Carlos de Oliveira; Brenda Vaz; Carol Cavalcanti; Cristiane Mesquita; Daniel Dias; Deborah de Paula Souza; Dona Luiza; Graça Otoni; Elaine Romanhol; Giovanni Damásio; Junior Cervilla; Léo Coelho; Leonor e Marta da Capezio; Loja Tippo; Marcello Castilho Avellar (in memorian); Mário Nascimento; Maracujá by Scofield; Paula Pazos; Ruana; Telma Famezi; Parceiros Mimulus: Eunice Lessa Ganem e Carlos Humberto Ganem, Adriana Alves Lara e Marcelo Fontan, Luciene Azeredo Silveira e Savio Henrique Silveira, Sonia Regina Pinheiro; Integrantes do Grupo Experimental Mimulus; Professores e Alunos da Mimulus Escola de Dança; **João Batista Mesquita (apoio eterno e irrestrito).**

Realização:
Associação Cultural MIMULUS

Apoio Cultural:
Encontro acadêmia · Hara · ATTIVITA

Patrocínio:
contax · USIMINAS

Incentivo:
Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte · Prefeitura Belo Horizonte · Governo de Minas Cultura



FICHA TÉCNICA:

Direção Artística: Jomar Mesquita

Coreografia: Jomar Mesquita com a colaboração dos bailarinos da Mimulus Cia de Dança

Bailarinos (elenco principal): Andrea Pinheiro, Fabiana Dias, Jomar Mesquita, Juliana Macedo, Lucas Veríssimo, Murilo Borges, Nayane Diniz, Rodrigo de Castro.

Cenografia: Ed Andrade

Iluminação: Rodrigo Marçal

Figurino : Baby Mesquita; Juliana Macedo

Assistentes: Maria Inês Lopes; Maria Helena Santos

Cenotécnico: Joaquim Pereira

Assessoria Artística: Tíndaro Silvano

Fotografia: Guto Muniz

Seleção Musical e Mixagem: Jomar Mesquita

Identidade Visual: Gustavo Domingues

Produção Executiva: Fábio Ramos

Produção: Baby Mesquita

Apoio Eterno: João Baptista Mesquita

Realização: Associação Cultural Mimulus

ARTES CÊNICAS

Mimulus mostra que ultrapassou fronteiras da dança contemporânea. *Entre*, nova coreografia da companhia, mergulha nos espaços permitidos entre dois ou mais corpos

GUTO MUNIZ/DIVULGAÇÃO

Os duos são os destaques de *Entre*, espetáculo da Mimulus com direção artística de Jomar Mesquita

Contatos possíveis

CAROLINA BRAGA

crítica

A proposta da Mimulus Cia. de Dança é se entregar a um tema abstrato em *Entre*, seu novo espetáculo. Assim, sob ruídos nas caixas de som, as cortinas do teatro se abrem ao público também como um convite. Que tal entrar em uma atmosfera incógnita? No centro do palco há um platô rosa, fonte de estranhas interferências. É a dúvida que paira no ar acompanhada do elegante piano de Duke Ellington em *Solitude*. Os bailarinos também estão ali. Praticamente parados. Mas e a dança?

Pois é. De cara, *Entre* lança a mensagem: dizer que a Mimulus é um grupo de dança de salão já é limitado. As fronteiras com a dança contemporânea foram ultrapassadas e o novo trabalho coloca os bailarinos na, por vezes desconfortável, zona do descobrimento. O público passa a ser cúmplice dessa entrega abstrata. Em vez de só mostrar casais executando belos passos, *Entre* instiga os espectadores a buscarem significados para cada elemento posto em cena.

Assim, o platô não é só um platô no funcional cenário criado por Ed Andrade. É território demarcado, que, ao ser explorado, revela outro tema em cena: as relações. Entre uma coisa e outra, sempre ocorre algo. Entre as pessoas não é diferente. A coreografia trata, então, de mergulhar nos espaços possíveis entre dois ou mais corpos.

Além de Jomar Mesquita, que assina a direção artística, o elenco da Mimulus é formado por Juliana Macedo, Rodrigo de Castro, Andréa Pinheiro, Murilo Borges, Nayane Diniz, Fabiana Dias e Lucas Veríssimo. Embora a maior parte fique em cena o tempo todo, são os duos que se destacam. É quando fica mais claro que os passos tradicionais da dança de salão aparecem muito mais como referência na criação do espetáculo do que propriamente em seu resultado. Inclusive, os momentos em que todos dançam juntos parecem carecer um pouco mais de tempo para amadurecimento.

Sempre muito explícita em outros espetáculos do grupo, desta vez a sedução aparece em menor medida do que um carinho mais afetuoso. Os bailarinos se tocam, se beijam o tempo todo. Os movimentos de *Entre* chamam a atenção para as zonas de contato possíveis no corpo e é difícil não reconhecer a ousadia das criações. Duas cenas, particularmente, são memoráveis: o momento em que *La vie en Rose*, com Edith Piaf, embala o solo horizontal da bailarina entre o platô e a caixa de iluminação, e durante *Stormy weather*, com Etta James, quando a bailarina desliza no mesmo platô que passa a servir ao espetáculo de outras maneiras, seja na diagonal, na vertical etc.

TRANSFORMAÇÃO Apesar da dramaticidade da trilha sonora, não há tensão em *Entre*. Pelo contrário. Do clima desconfiado do início, à medida que o espetáculo se desenrola parece que os criadores vão se encontrando naquele espaço e, no fim, há lugar para humor, brincadeira e alegria. O figurino, de Baby Mesquita e Juliana Macedo, embarca nessa onda. A sobriedade dos primeiros momentos – aquela atmosfera de filme de suspense americano, homens com gravatas frouxas, blusas soltas e mulheres de preto – ganha novos elementos, como borboletas aplicadas nas camisetas, por exemplo. Aliás, borboleta é referência bem interessante quando se fala em transformação.

A trilha sonora é um caso à parte. Jomar Mesquita pinçou pérolas do jazz e do R&B. Além de divas como Edith e Etta, Nina Simone, Ella Fitzgerald, Louis Armstrong e outros compõem o set list, digno de ser reproduzido em casa. E vale ressaltar entre as veteranas a presença de Beyoncé na dramática *All I could do was cry*, gravada por Etta James em 1961. O encerramento com *Besame mucho*, na voz de Elvis Presley, coroa o resultado. Entrar em ambientes diferentes trouxe novos ares à dança – agora inclassificável – da Mimulus.

8 - ano 2014

Pretérito Imperfeito

PRETÉRITO IMPERFEITO

Tudo começou com a leitura do livro “Pequeno Tratado das Grandes Virtudes”, de André Comte-Sponville. Uma obra riquíssima. Seguiram-se a esse momento, uma série exaustiva de conversas e laboratórios de criação de movimentos, cujo objetivo era transpor aquele universo maravilhoso e abstrato das virtudes para a dança. Nos deparamos com essa enorme dificuldade... e onde, mais uma vez, eu tinha que colocar para os bailarinos a pergunta que tantas vezes eu repetia, quando me traziam algumas ideias: “Como”? Ou seja, em termos práticos, “como” traduzir em dança, em cenas, imagens, colocar no palco aquilo que vinham me dizer, as ideias que me traziam? Uma das poucas soluções que foram sugeridas (e que acabou nem entrando no espetáculo), foi a de uma pena que caísse do urdimento. Isso ilustra muito bem, a meu ver, a dificuldade de um diretor coreógrafico. Montar sequencias de movimentos que irão preencher o espetáculo é a parte mais simples, por incrível que possa parecer. A grande angústia é buscar o “algo mais”, o resultado harmônico, o surpreendente, a visão macro da obra, o tocante, os diálogos com as outras vozes. Na maior parte dos nossos processo artísticos, passamos por momentos em que tínhamos material (sequencias de movimentos) para três horas de espetáculo. No entanto, ainda não tínhamos conseguido concluir sequer meia hora com consistência.

Fiquei muito inspirado pela virtude da Fidelidade, cujo capítulo do livro me chamou a atenção por tratar esse tema, principalmente relacionado ao elo que temos com as nossas origens, o nosso passado, a nossa história, nossos antepassados. Ao princípio que nos impele a sermos fieis à nossa essência, aos que vieram antes de nós. Isso me levou a uma vontade imensa de falar da nossa história, dos 22 anos que, naquele momento, o grupo que originou a Mimulus Cia de Dança já tinham percorrido. História esta, que sempre esteve intrinsecamente ligada à minha família, aos meus pais que fundaram a Mimulus. E também a todos os meus princípios éticos aprendidos com eles e colocados em prática na forma como sempre funcionou a Mimulus. Encontramos então a matéria-prima para essa criação nas nossas memórias, lembranças, referências tiradas de espetáculos já criados antes e também da vida pessoal de cada um dos participantes do processo. Entrevistamos pessoas que passaram pela trajetória da companhia e também da Mimulus Escola de Dança. Voltamos às nossas infâncias em busca de fatos, passagens que nos fizeram ser quem somos hoje. Agora sim tínhamos algo palpável em mãos... e que nos trouxe muitas “penas caindo do urdimento” como soluções. E, coincidência ou não, descobrimos o que faria tudo fazer sentido (se é que “fazer sentido” é necessário): Terpsícore, a deusa de dança, é filha de Mnemósine, a deusa da memória. A mitologia grega também foi uma das referências para esse processo criativo.

Como trilha sonora, pesquisamos a música brasileira instrumental, do popular ao erudito. Encontramos como instrumento protagonista o piano... e como intérpretes e compositores principais: André Mehmari e Vítor Araújo. Como de costume e é fundamental que aconteça, temos algumas quebras importantes nessa unidade. A voz de minha filha Nina, em gravações realizadas quando ela tinha cerca 2 anos. Nem preciso dizer a forte representação que ela traz como continuidade daquela fidelidade ao nosso passado... e ao

mesmo tempo, a renovação. Além disso, a linda interpretação de “Risque”, por Linda Batista... que me remete às influências musicais recebidas de meus pais... memórias.

As janelas foram escolhidas por Ed Andrade como simbolismo do meio pelo qual podemos olhar para o passado. Porém, talvez os grandes protagonistas do cenário sejam os pequenos pedaços de papel com a frase: “Eu nunca vou me esquecer de...”. O painel de fundo do cenário, que somente é revelado após decorrido metade do tempo do espetáculo, é como um gigantesco quadro onde pregamos *post its,* lembretes... lembranças. Um grande mosaico que é alimentado pelo público a cada apresentação de “Pretérito Imperfeito”... cada pessoa da plateia recebe um desses papeizinhos ao entrar no teatro e então pode completar a frase ali impressa com uma de suas memórias pessoais. Estes são colocados em pequenas caixas (que fazem parte do cenário) posicionadas no proscênio, são utilizados pelos bailarinos nas coreografias e, posteriormente, são selecionados para serem integrados ao imenso painel de fundo, se tornando parte da nossa história.

Alguns signos que nos remetem ao tempo e à memória, foram sendo integrados de formas marcantes ao trabalho, no decorrer do processo:

- A ampulheta, que é virada, marcando o início da primeira dança do espetáculo;
- O som do tic tac de um relógio, que o público escuta desde que entra no teatro, mesmo antes do início do espetáculo. Vai se tornando cada vez mais presente até que todo o elenco está em cena e é feita a gradual transição para o início da apresentação;
- Os laços de fita, que são amarrados (e desamarrados, já que esquecer também é fundamental) nos dedos, inclusive do pé de uma das bailarinas;
- O gigantesco pêndulo de luz, que surpreende o público ao balançar atrás do painel translúcido de fundo, na cena final;
- O som do relógio de cuco;
- A cena em que os bailarinos executam uma coreografia cujos braços remetem a pêndulos de relógios ou a hastes de metrônomos.

Como o processo artístico esteve desde o início ligado a registros de memórias, surgiu a vontade de incluir trechos de gravações das vozes de pessoas entrevistadas ou mesmo as falas dos bailarinos ao vivo. Acabamos optando pelas gravações e também diminuindo a quantidade de vezes em que elas são usadas durante “Pretérito Imperfeito”. Essa decisão se deu, em parte, pela dificuldade que o nosso perfeccionismo teve em lidar com o despreparo de alguns bailarinos para falar em cena. Também para não ser um dificultador ao levar o trabalho para países de outros idiomas. Mais uma vez, o genial Ernani Maletta esteve presente auxiliando como assessor cênico e preparador vocal.

Em todas as vozes de "Pretérito Imperfeito" - figurino, cenário, iluminação, trilha sonora e coreografia - estão presentes elementos e referências retiradas de outros trabalhos do repertório da Mimulus Cia de Dança. Inclusive, teve momentos em que revi os vídeos de vários trabalhos em busca de movimentos e imagens significativas e merecedoras de estarem presentes nessa homenagem à nossa história.

A frase que encerra "Pretérito Imperfeito", de autoria do bailarino Rodrigo de Castro, define muito bem, como corroboraram as reflexões de Ernani Maletta, o paradoxo de como a técnica e o conhecimento, muitas vezes nos levam em direção oposta à felicidade. Quanto mais sabemos, conhecemos sobre algo, menos conseguimos relaxar e desfrutar dos prazeres que aquilo poderia nos proporcionar: "Eu queria esquecer que eu sei dançar, pra poder só dançar, sem saber". Não foi escolhida racionalmente com esse intuito, no entanto, finaliza com perfeição esse trabalho que fala da história da Mimulus e da minha família. Digo isto porque a Mimulus foi concebida em 1990, para ser somente um espaço de lazer para os meus pais, sem maiores pretensões profissionais. Acabou crescendo como empreendimento, tanto como escola quanto como companhia. E a dança, que era pra ser somente diversão, acabou se tornando o trabalho, a profissão. Essa frase nos lembra, portanto, da importância de cuidar para que a dança permaneça em nossas vidas como fonte de prazer.

CURIOSIDADES:

A frase que escolhi como minha fala na cena inicial de "Pretérito Imperfeito", veio de um cartão recebido de meu pai, em que ele escreveu:

"Filho, Hoje é 23 de outubro de 2003. Um dia como outro qualquer. Nada de especial. Porém, foi o dia em que fiz uma reflexão e me dei conta do quanto me orgulho de você, de ser seu pai. Obrigado por me proporcionar esse sentimento. Um beijo amigo. Seu Pai."

Numa das apresentações que realizamos na cidade de São Paulo, cerca de uma hora antes de começar o espetáculo, durante o ensaio, Rodrigo e eu quebramos a ampulheta. Foi uma correria para tentar comprar outra, em pleno domingo, num teatro afastado. Tivemos que adaptar o trabalho para ser feito sem a ampulheta. E nesse dia nos demos conta de que quebrar a ampulheta na cena final, seria perfeito e impactante! Entretanto, comprar uma ampulheta como essa para cada apresentação geraria uma despesa proibitiva.

Como já citado anteriormente, gosto muito de soluções caseiras para problemas que gerariam significativos gastos financeiros e de tempo. Assim fizemos com as gravações de todas as falas que são mixadas com a trilha sonora. Pedimos emprestado o espaço do nosso vizinho Tambor Mineiro, do querido Maurício Tizumba. E ali conseguimos nos isolar suficientemente do barulho da rua para realizar as gravações em meu próprio notebook.

Uma das dificuldades encontradas durante esse processo de criação específico foi a presença de alguns elementos no elenco, cuja formação e princípios eram incompatíveis com a minha forma de trabalhar e com a essência da Mimulus. O que acabou gerando a mudança no elenco, imediatamente após a temporada de estreia. Afinal, não estamos falando de virtudes, fidelidade à nossa história e princípios?

RELEASE ORIGINAL:

"Pretérito Imperfeito" faz alusão ao tempo verbal utilizado para a descrição de fatos passados não concluídos inteiramente ("imperfeitos"), enfatizando a idéia de que as lembranças do passado se reverberam no presente.

A Cia utiliza-se do espetáculo para apresentar suas memórias e lembranças, depois de muito investigar e refletir sobre os seus mais de vinte anos de vida.

O público participa e alimenta o espetáculo compartilhando o que jamais irá esquecer, em pequenos pedaços de papel, bilhetinhos que são incorporados à cena.

O espetáculo teve como primeira inspiração a leitura do livro "Pequeno Tratado das Grandes Virtudes", do filósofo francês Andre Comte-Sponville. Em seguida, caminhou pela mitologia grega, na qual a Dança se apresenta como filha da Memória. Laboratórios de poesia e de música erudita brasileira contribuíram para que o diretor artístico Jomar Mesquita harmonizasse a trilha sonora, a fala, cenário e luz às pesquisas corporais desenvolvidas em conjunto pelos bailarinos, gerando mais um trabalho surpreendente da Mimulus Cia de Dança. A trilha sonora é composta por músicas instrumentais brasileiras, indo do erudito ao popular.

Se o que nunca vamos esquecer se faz presente em nós todo o tempo, o passado não chegou perfeitamente ao seu final.

Pois somos feitos pelas memórias, pelos pretéritos não concluídos, pelas lembranças que, como janelas, se abrem, iluminam e modificam a realidade.

E sobre essa urdidura tênue de lembranças e vestígios, o espetáculo se constrói. Presentifica de tal forma as pequenas e grandes memórias, que ele próprio se modifica em cada uma de suas apresentações. Pela presença do corpo de cada um dos bailarinos, pelas lembranças dos expectadores registradas no cenário, faz-se a história da própria Mimulus.

Lembrar-se do que nunca foi esquecido é matéria e consistência do ser humano, que produz em cada geração a repetição e a elaboração das mesmas experiências.

Então, a qual desesquecimento amarra-se um laço no dedo?

MIMULUS
Cia de Dança
apresenta
PRETÉRITO IMPERFEITO
Direção Artística: Jomar Mesquita
Dias 25 e 26 de outubro de 2014
sábado às 21:00 horas e domingo às 20:00 horas. Teatro Bradesco, Rua da Bahia, 2244
Inteira 30,00 | Meia 15,00.
À venda na bilheteria do teatro de segunda a sábado (12h às 20h) e domingo (12h às 19h).
Rua da Bahia, 2244, Lourdes. tel.:3516-1360
Informações: 3295-4367
Parceiros
Apoio Cultural
encontro academia
Instituto Unimed
Realização
Produção
Patrocínio
Incentivo
Associação Cultural MIMULUS
amor
oBoticário na Dança
Lei Estadual de Incentivo à Cultura
GOVERNO DE MINAS
CULTURA

"Eu não me esqueço de..." — foi a partir desta frase que a Mimulus Cia de Dança idealizou o espetáculo que iremos assistir dentro de instantes. Segundo seus criadores, quando começaram a trabalhar sobre esta ideia, elas foram extraindo da memória "alegrias e tristezas, sentimentos profundos, que passaram a ser o mote do espetáculo". Baby Mesquita, Presidente da Associação Cultural Mimulus, faz questão de esclarecer que não se trata, absolutamente, de um retorno ao passado, mas de lembranças que se fazem presentes.

Pretérito Imperfeito **transforma em arte, em ação cênica, as recordações de amores, de familiares, das dores e realizações que persistem na memória, sejam elas dos bailarinos ou do público. A proposta do título é traduzida pelo grupo através do corpo e de textos, com o auxílio de uma trilha sonora que vai da música erudita à popular brasileira.**

Ainda segundo Baby, "as falas trouxeram forte dimensão emocional à montagem". E é a partir da fusão de texto, música e dança que o grupo construiu algo de novo. Eles levam ao palco a dança de salão de uma forma diferente da que o público está acostumado a ver, e que desafia qualquer classificação mais acadêmica.

Com vocês o presente do *Pretérito Imperfeito*.

Bom espetáculo!

Myrian Dauelsberg
Presidente da Dell'Arte

MIMULUS
Cia de Dança

PRETÉRITO IMPERFEITO

"Pretérito Imperfeito" faz alusão ao tempo verbal, enfatizando a ideia de que as lembranças do passado se reverberam no presente. Nesse espetáculo, a Companhia se propõe a apresentar suas memórias e lembranças, depois de mergulhar a fundo na investigação e refletir sobre os seus mais de vinte anos de estrada. A participação do público gera uma retroalimentação e amplia o alcance do espetáculo compartilhando o que jamais será esquecido em pequenos pedaços de papel, bilhetinhos que são incorporados à cena.

O espetáculo teve como primeira inspiração a leitura do livro Pequeno Tratado das Grandes Virtudes, do filósofo francês André Comte-Sponville. Em seguida, enveredou pela mitologia grega, onde a Dança se apresenta como filha da Memória. Laboratórios de poesia e de música erudita brasileira contribuíram para que o diretor artístico Jomar Mesquita harmonizasse a trilha sonora, a fala, cenário e luz às pesquisas corporais desenvolvidas em conjunto pelos bailarinos, gerando mais um trabalho surpreendente da Mimulus Cia de Dança. A trilha sonora é composta por músicas instrumentais brasileiras, indo do erudito ao popular.

O espetáculo recebeu os prêmios de "Melhor Cenário" e "Melhor Figurino" no Copasa/Sinparc de Artes Cênicas de 2015.

MIMULUS
Cia de Dança

Fundada em 1992, a companhia mantém a dança de salão como base para seus trabalhos. No entanto, movida por sua inquietação natural, desconstrói e transpõe os limites formais de cada gênero, o que resulta em uma linguagem própria e inovadora, um estilo contemporâneo, vibrante e único.

A Mimulus mantém-se permeável às múltiplas possibilidades que lhe oferece o mundo contemporâneo, apresentando sempre resultados surpreendentes, como se pode ver nos espetáculos de repertório que segue apresentando continuamente: Dolores, Por um Fio, Do Lado Esquerdo de Quem Sobe, De Carne e Sonho e Entre.

PRETÉRITO IMPERFEITO

Tempo verbal utilizado para a descrição de fatos passados não concluídos inteiramente ("imperfeitos").

Se o que nunca vamos esquecer se faz presente em nós todo o tempo, o passado não chegou perfeitamente ao seu final. Pois somos feitos pelas memórias, pelos pretéritos não concluídos, pelas lembranças que, como janelas, se abrem, iluminam e modificam a realidade.

E sobre essa urdidura tênue de lembranças e vestígios, o espetáculo se constrói. Presentifica de tal forma as pequenas e grandes memórias, que ele próprio se modifica em cada uma de suas apresentações. Pela presença do corpo de cada um dos bailarinos, pelas lembranças dos expectadores registradas no cenário, constrói-se a história da própria Mimulus.

Lembrar-se do que nunca foi esquecido é matéria e consistência do ser humano, que produz em cada geração a repetição e a elaboração das mesmas experiências.

Então, a qual desesquecimento amarra-se um laço no dedo?

Direção
Jomar Mesquita

Coreografia
Bailarinos da Mimulus Cia de Dança

Bailarinos
Andréa Pinheiro • Jomar Mesquita • Juliana Macedo
Lorena Tófani • Murilo Borges • Rodrigo de Castro
Rodrigo Schifini • Sofia Gonzalez

Assessoria Artística
Mário Nascimento • Tíndaro Silvano

Assessoria Cênica
Ernani Maletta

Assistentes de Pesquisa
Música Brasileira: **Ana Cláudia de Assis**

Análise do livro *O Pequeno Tratado das Grandes Virtudes* de André Comte-Sponville: **Marco Antônio Sousa Alves**

Poesia Biossonora: **Wilmar Silva de Andrade**
Aikidô: **Rômulo Lagares**
Mitologia: **Débora Pazetto**
Danças Populares Brasileiras: **Gustavo Cortes**
Criatividade, nexo com a Percepção: **Baby Mesquita**

Cenografia
Ed Andrade

Assistentes de Cenografia e Criação de Imagens
Morgana Mafra
Juarez Dias

Produção de Imagens e Cenografia
Criata

Confecção de Cenário
Artes Cênicas - **Joaquim Pereira**

Iluminação
Ed Andrade • Junior da Mata • Jomar Mesquita

Figurino
Baby Mesquita • Juliana Macedo • Ednara Botrel

Técnico de luz
Junior da Mata

Fotografia
Guto Muniz

Seleção e Edição Musical
Jomar Mesquita

Identidade Visual
Arte&Moderna

Consultor Internacional
Guy Darmet

Agente Internacional
Stéphane Hivert

Produção
Amora Produções Artísticas: **Fábio Ramos**

Apoio Eterno
João Baptista Mesquita

Trilha Sonora
Valsa pra Lua - **Vitor Araújo**
Nostalgia - **André Mehmari**
Na - **André Mehmari**
Improviso, op. 27 No. 2 - **Alberto Nepomuceno**
Solidão Nº 3 - **Vitor Araújo**
Ouro Sobre Azul - **Ernesto Nazareth**
Risque - **Ary Barroso**
Manhã de Carnaval - **Luiz Bonfá / Antônio Maria**
Na Gafieira - **Thiago França**
Paulistana Nº 1 - **Cláudio Santoro**
Carinhoso - **Pixinguinha**
Valsa da Dor - **Heitor Villa-Lobos**
Solidão Nº 2 - **Vitor Araújo**
Garrafieirando - **Darcy da Cruz**

"Nesta temporada, a Associação Cultural Mimulus não conta com nenhum patrocínio. No entanto, pelo apoio que recebemos em outras de nossas ações, gostaríamos de agradecer: Pessoas físicas que apoiam a Mimulus Cia de Dança; Instituto Cultural Unimed BH; O Boticário na Dança."

Associação Cultural Mimulus
Rua Ituiutaba, 325 – Prado – Cep: 30411-023
Belo Horizonte – MG – Telefones: 31-3295-5213 / 31-3295-4367

www.mimulus.com.br

JOMAR MESQUITA

Diretor, coreógrafo e bailarino

Professor, coreógrafo e bailarino, é diretor da Mimulus Escola de Dança desde 1990 e da Associação Cultural Mimulus desde 2000, espaços em que desenvolveu uma linguagem própria e inovadora com as danças a dois.

Seus espetáculos, coreografados e dirigidos para a Mimulus Cia de Dança de Belo Horizonte, já receberam inúmeras premiações e reconhecimento por parte da crítica especializada, sendo apresentados em teatros e festivais ao redor de todo o mundo.

No Brasil, já se apresentou em mais de 80 cidades, passando por todos os estados. No exterior, foram inúmeras turnês em países como Estados Unidos, Canadá, França, Holanda, Espanha, Inglaterra, Bélgica, Finlândia, Portugal, Itália, Argentina, Venezuela e Chile.

Paralelamente contribui para uma melhor formação dos profissionais da área, atuando como professor de curso de pós-graduação, diretor da Semana da Dança Mimulus e do Curso de Qualificação em Criação, Ensino e Produção — iniciativas pioneiras em oferecer uma formação e uma visão mais ampla e abrangente da dança na área artística e da educação.

Fora da Mimulus, já coreografou para a São Paulo Companhia de Dança, Balé Teatro Castro Alves, Bolshoi do Brasil, G2 do Teatro Guaíra, Sociedade Masculina, Companhia de Dança de Minas Gerais, Grupo Galpão, entre outros.

BABY MESQUITA

Presidente da Associação Cultural Mimulus, responsável pela produção, projetos e figurino

Psicóloga e Pedagoga com especialização em Criatividade Profissional, foi fundadora e dirige a Mimulus Escola de Dança, em funcionamento desde 1990, tendo sido a principal responsável pela profissionalização do ensino das danças de salão em Minas Gerais.

Colabora na formação psicopedagógica dos professores, cria condições para o desenvolvimento de talentos, busca suprir as necessidades da Mimulus Cia de Dança em sua formação de pessoal; mantém intercâmbio com outros estados e países levando a Belo Horizonte professores e artistas. Realiza a supervisão de projetos e de pessoal na área pedagógica.

Em 2000 fundou e assumiu a presidência da Associação Cultural Mimulus, que realiza os projetos artísticos-culturais da Mimulus Cia de Dança e atua como coordenadora de produção e de figurino do grupo.

FICHA TÉCNICA:

Direção Artística: Jomar Mesquita

Coreografia: Jomar Mesquita com a colaboração dos bailarinos

Bailarinos (elenco principal): Alexandre Tadra, Andrea Pinheiro, Fabiana Dias, Jomar Mesquita, Juliana Macedo, Lorena Tófani, Murilo Borges, Rodrigo de Castro.

Cenografia: Ed Andrade

Assistentes: Morgana Mafra, Juarez Dias

Iluminação: Ed Andrade, Junior da Mata, Jomar Mesquita

Figurino: Baby Mesquita, Juliana Macedo, Ednara Botrel

Assessoria Artística: Mário Nascimento, Tíndaro Silvano

Assessoria Cênica: Ernani Maletta

Técnico de luz: Junior da Mata

Fotografia: Guto Muniz

Seleção e Edição Musical: Jomar Mesquita

Vozes: Bailarinos do elenco e Nina Mesquita

Identidade Visual: Arte&Moderna

Consultor Internacional: Guy Darmet

Produção: Fábio Ramos

Direção Geral: Baby Mesquita

Apoio Eterno: João Baptista Mesquita

Realização: Associação Cultural Mimulus

Dia 01 - Críticas 26º Festival de Dança do Triângulo

Futuro do pretérito presentificado na dança

Uma trajetória construída a partir da fidelidade ao que se pode denominar como memória. No caso da dança, essa tradução poderia ser descrita como uma coleção de procedimentos que, enfeixados e identificados, se traduzem em linguagem artística, assinatura, riqueza estética, poesia coreografada. Este é um percurso a ser identificado na obra Pretérito Imperfeito, que a Cia Mimulus, de Belo Horizonte, trouxe à abertura da 26ª edição do Festival de Dança do Triângulo, terça-feira à noite, no Teatro Municipal de Uberlândia.

Ao revisitar sua trajetória, a Mimulus traz à cena uma de suas principais contribuições à dança contemporânea brasileira: reorganizar as informações da dança de salão em diferentes contextos, com a ajuda das muitas possibilidades e técnicas que a linguagem da dança oferece, incluindo do clássico às habilidades do jogo circense. Essas habilidades são explicitadas nos profusão de passos imbricados entre a delicadeza e a ginga, com nuances de drama, brejeirice e humor. O subversão das formações tradicionais dos casais borra as formalidades dos papeis atribuídos aos gêneros na dança de salão numa deliciosa construção de outros possíveis duos, trios para outras danças e contextos.

Nessa perspectiva, como memória é seleção de fatos a serem reafirmados como história, há também uma hábil seleção de engates corporais, saídas inusitadas, repetições de gestos e aberturas de vetores inusitados que desconstroem (o verbo é imperioso) as convenções dos bailado de salão. Em vários momentos da obra, com a ajuda da iluminação, é como se o público espiasse pela janela estas frestas do tempo codificadas em movimentos hábeis, em engenhosas imagens dos tantos bailes da vida, em diálogos dançados à boca de cena.

O humor e a leveza também são dados potentes do trabalho. A narração de um aprendizado de fala entre um adulto e uma criança sugere a ideia de construção de um vocabulário – coreográfico e sentimental. As colunas e os jogos de movimentos de mãos e braços mostram as engenharias possíveis para o gesto dançado, arejando ainda mais a perspectiva dessa confluência de diferentes sensações provocadas pela companhia: do riso às nuances do drama, tudo flui com habilidade e reverbera.

A ideia da anotação de lembranças em bilhetes que viram parte do cenário, os laços amarrados nos dedos das mãos e dos pés que citam um hábito recorrente de apelo à memória, são engenhosas peças de comunicação e interação com o público. Quando revelado, o grande painel dos bilhetes evoca a tessitura das emoções anotadas no decorrer do tempo, aquilo que emociona, o que quer ser eternizado, o que se almeja à condição e permanência. E, ao som de Risque, de Ary Barroso, há um lirismo profundo e tocante que ecoa. Talvez a Mimulus sinalize, nesse como em vários momentos, o ponto de partida de sua dança e os muitos caminhos que se desdobraram para esta linguagem já codificada.

E seguem as alavancas corporais, as sensualidades sestrosas, as gambiarras entre os corpos, os engates e enlaces, os toques que, mesmo mínimos, ampliam os códigos da movimentação que às vezes começa num bailarino e se expande no outro. As silhuetas de casais num primeiro plano e a luz mostrando outros atrás: frente e fundo – e lados, e diagonais – de partituras corporais e tempos de dança que se completam, se ajustam num chão para as muitas variações que amalgamam as tantas possibilidades da dança brasileira – se permitindo, inclusive, a dança show, a gafieira escancarando os tais requebros do que se convencionou chamar de brasilidade na dança, conceito, aliás, que sempre incita debates acalorados.

Nessa diversificada e inteligente construção coreográfica, Jomar Mesquita e os bailarinos da Mimulus acertam o passo com a inventividade. Então aquele lacinho amarrado no corpo serve para lembrar, repita-se, da contribuição da companhia para a elaboração de uma linguagem ímpar no contexto e na trajetória da dança contemporânea brasileira.

Assim, a apresentação na abertura desta edição do Festival de Dança do Triângulo foi igualmente significativa, afirmando encontros, razões e emoções de uma(s) cena(s). Afinal, se em 1995 a companhia anunciava o esboço de uma estética em sua primeira apresentação no festival, o tempo tratou de cristalizar esse caminho. E aquilo que jamais se esquece é o recorte, a fresta possível, para realimentar essa história. Então a ampulheta da boca de cena é virada, o pêndulo sinaliza a imperiosidade da passagem das horas, e o fim é o um novo começo. Um futuro ancorado no passado e presentificado em dança vigorosa.

* *Carlinhos Santos é jornalista cultural, crítico de dança, especialista em Corpo e Cultura e Mestre em Educação*

MIMULUS : MEMORIAL COREOGRÁFICO

MARCADORES: CRITICA DE DANÇA/WAGNER CORREA DE ARAUJO, JOMAR MESQUITA, MIMULUS CIA DE DANÇA, PRETÉRITO IMPERFEITO

FOTOS/ GUTO MUNIZ

Desde os anos noventa, a **Mimulus Cia de Dança** vem priorizando uma proposta singular de retomada do tradicional repertório das danças de salão mas sempre com o olhar armado na contemporaneidade.

Em seu lastro original da mineiridade, também como o *Grupo Corpo*, a sua base de apoio é Belo Horizonte, de onde vem irradiando seu ideal coreográfico de redescoberta inventiva de uma dança popular de raízes brasileiras.

Na sua mais recente criação - **Pretérito Imperfeito** - a Cia faz uma espécie de inventário estético de sua trajetória num mergulho memorialístico. Uma prestação de contas sobre seu acervo artístico num elo especular ,entre pesos e medidas, sobre os resultados desta sua verve investigativa.

O espetáculo é marcado, inicialmente, por signos indicadores da passagem das horas – metrônomos, ampulhetas, relógios, álbuns de retratos ou janelas abertas a uma paisagem de recordações - sutis mas pesarosos desnudadores desta fugaz temporalidade do "***Pretérito Imperfeito***" de todos nós.

Ratificado, metaforicamente, por uma trilha musical centenária que inclui, entre outros, Ernesto Nazareth, Pixinguinha, Ary Barroso, Alberto Nepomuceno, Villa-Lobos, contrapondo, em inspirados arranjos camerísticos, o popular e o clássico, a ancestralidade e os novos valores.

Esta reidentificação com a lembrança e a memória refaz as trilhas percorridas, num nostálgico mas lúdico conluio entre o ontem e o hoje, entre os bailarinos e o público, no registro de recados em papeis fragmentados e que, unidos plasticamente, compõe um sensorial mural cenográfico.

Num recorte das danças urbanas, da domesticidade dos saraus familiares às confraternizações sociais dos bailes, com seu vocabulário próprio de prevalência de duos ou casais , mas com um *feeling* diferenciado e enérgico nas linhas coreográficas de Jomar Mesquita.

Danças, ora cadenciadas em prazerosa e pulsante gestualidade corporal, ora de melancolizada envolvência ou de sensível espontaneidade como na bela transcrição de um romantizado Villa Lobos, na *Valsa da Dor*. Sustentada sempre em recatado aporte cênico, com figurinos(Baby Mesquita) de beleza cotidiana e luzes ambientalistas (Ed Andrade).

Cumprem, aqui, estas figuras dançantes (Andrea Pinheiro/Jomar Mesquita/Juliana Macedo/Lorena Tófani/Murilo Borges/Rodrigo de Castro/Rodrigo Schifini/Sofia Gonzalez) , na sua apurada entrega interpretativa, um lavor técnico/reflexivo.

Transcendendo, assim, os limites do tempo verbal deste **Pretérito Imperfeito**, em significante devir artístico e existencial.

http://www.escriturascenicas.com.br/2016/09/mimulus-memorial-coreografico.html?m=0

9 - ano 2018

Âmago

Acho que tudo começou pelo fascínio que tenho por criar trilhas sonoras. E numa dessas trilhas, criada para o espetáculo “Tão”, que coreografei para a companhia Sociedade Masculina, de São Paulo, utilizei sete versões diferentes de uma mesma música.

Em “Âmago”, partimos desse primeiro mote... como criar diferentes versões coreográficas para versões distintas de uma mesma música? A partir dessa pesquisa, chegamos à exploração do olhar, dos pontos de vista, de como as coisas possuem significados distintos, dependendo do ângulo por onde são enxergadas. E então, como explorar os pontos de vista do público ao assistir a um espetáculo de dança? Como mostrar para a plateia o nosso “âmago”, o que nem sempre queremos ou devemos expor?

Nesse contexto, claro que o maravilhoso documentário de João Jardim, “Janela da Alma”, mais uma vez se tornou uma referência para minha criação. Digo “mais uma vez” porque essa também foi uma das minhas fontes de inspiração ao criar “... Ou Isso” para o Balé Teatro Castro Alves, em Salvador. Porém, sob um olhar bem diferente.

O princípio de criação da trilha sonora, em alguns momentos repetindo músicas em versões diferentes e em outros não; e a concepção do cenário, foram os elementos norteadores desse trabalho. Antes de “bater o martelo” pela ideia de cenário que prevaleceu, passamos por diversas outras. Arrisco a dizer que essa definição de projeto de cenário, talvez tenha sido a mais difícil entre todas que já realizamos. Algumas possibilidades foram descartadas pelo custo de produção, dificuldades de montagem, volume de material a ser transportado, complexidade para dialogar com a coreografia... e, felizmente, acabamos chegando a uma solução, ao mesmo tempo, mais simples, barata e harmônica. Conseguindo causar uma grande surpresa para o público, ao realizar a inversão entre coxias e cena/palco... ao trazer para o centro do palco o “camarim”, a troca de figurinos, o que o intérprete normalmente faz escondido nas coxias. E, ao mesmo tempo, levar para os bastidores, a dança, a execução das coreografias. O letreiro, que complementa o cenário, dá um colorido extra para essa criação cenográfica. A palavra “Âmago” se transforma poeticamente em “amargo”, “ar”, “amar”, “mar”... também criando diferentes pontos de vista nas suas possibilidades de leitura.

A utilização dos espaços laterais do palco para a dança, gerou alguns problemas que acabaram trazendo soluções importantíssimas para o resultado final de “Âmago”. Esses problemas estavam filosoficamente enraizados no cerne da criação: diferentes pontos de vista... e que podem conviver em harmonia. O espectador de “Âmago" assistirá a “diferentes” espetáculos se estiver sentado no centro, lado direto ou esquerdo da plateia. Porém, como fazê-lo desfrutar de uma dança que é realizada em um canto do palco que não pode ser visto por ele, dependendo do ângulo onde ele se encontra assentado? Projetando imagens que são captadas ao vivo por um celular manuseado por uma bailarina. Ou seja, em alguns momentos, o público pode assistir os corpos reais dos bailarinos dançando e ou às suas imagens captadas por outros ângulos (outros pontos de vista) transmitidas simultaneamente e projetadas em vídeo em outro ponto do cenário. Mais uma forma de “brincar" com os pontos de vista, as diferentes versões. E mais uma

solução "caseira" que encontramos para que o meu próprio celular pudesse captar as imagens, que são recebidas sem fio pelo meu notebook, que então se conecta com um projetor de vídeo que não fica fixo em uma posição, pois precisa projetar imagens em pelo menos cinco direções, posições diferentes do palco. E tudo isso operado pelos próprios bailarinos em cena. Aliás, a forma como o elenco atua durante essas operações técnicas e também nas trocas de figurino, é uma coreografia, um espetáculo à parte.

Em algum momento do processo, pedi que os bailarinos levassem para o ensaio algum objeto que fosse representativo de algo que estivesse em seus âmagos, que talvez tivessem algum pudor em revelar. A partir disso, surgiram:

- A meia calça que contracena com a bailarina Fabiana Dias em algumas partes, onde inclusive são usadas para emoldurar imagens;
- As molduras, levadas ao extremo na busca por explorar as suas possibilidades coreográficas;
- O bonequinho de madeira que, com mais uma solução “caseira", foi acoplado a uma parte de um brinquedo da minha filha, possibilitando que ele seja operado por controle remoto, e “dance”. Tornou-se o protagonista de uma cena em que ele gira e cai, ao som da terceira versão de “Meu Mundo Caiu”. Encontrar a correta distribuição de peso para ele, ora dançar, ora cair; operá-lo pelo controle remoto a partir da coxia, foram dificuldades dignas de registro!

Vale também ressaltar que esse trabalho possui pontos altos da coreografia, onde extrapolamos a nossa especialidade, que é criar em duos, para trios e quartetos.

CURIOSIDADES:

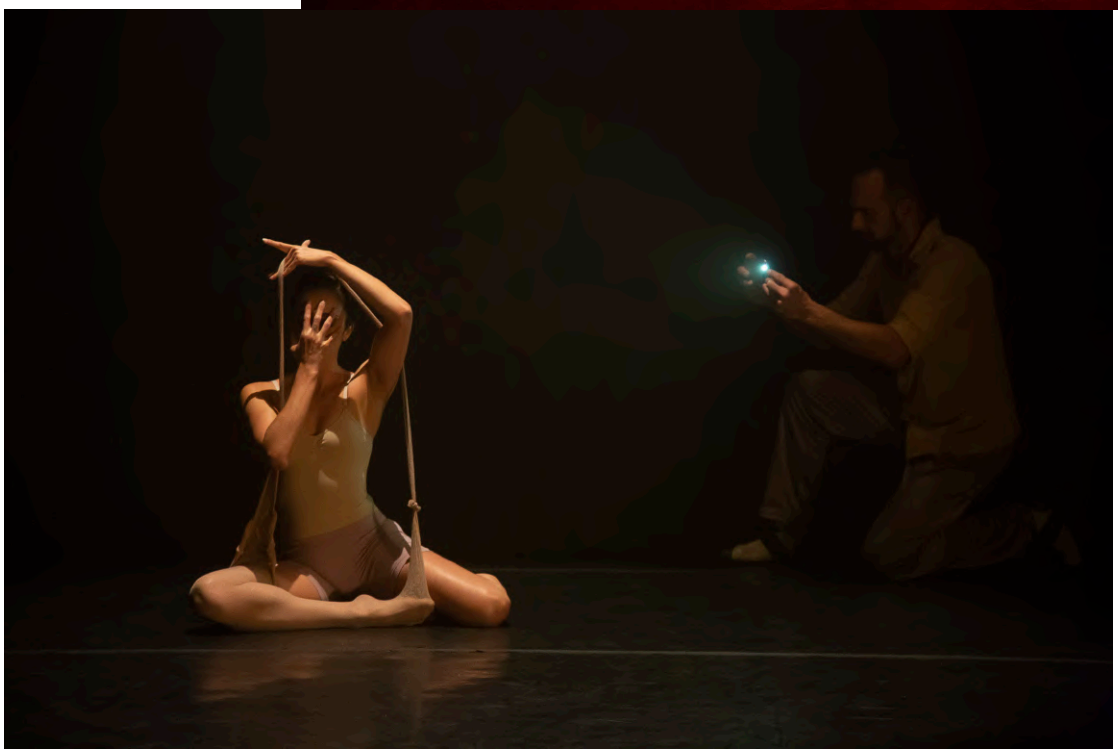
“Âmago" fica ao lado de “Por Um Fio”, como uma criação que estreou no galpão da Mimulus e que, portanto, é possível de ser montada em teatros menores sem a necessidade de adaptações. Por conseguinte, a nossa temporada de estreia teve um gostinho especial, por revelarmos durante o espetáculo, literalmente, o nosso “âmago”, o âmago do galpão da Mimulus.

Antes de começarmos a apresentação, com o público já tendo entrado no teatro, um dos bailarinos passa desapercebidamente pela plateia, filmando as pessoas. Essas imagens são então projetadas durante o bis... é o nosso ponto de vista como intérpretes, que do palco olham para as pessoas da plateia.

Já tivemos apresentações desse trabalho em que algumas pessoas do público não “entenderam" o momento em que, propositalmente, interrompemos a cena, acendem-se luzes de serviço, o som para, os bailarinos conversam como se estivessem no camarim... é

o preâmbulo para a inversão que acontece em seguida, quando “magicamente" passamos a dançar nos bastidores.

Pela primeira vez, nosso cenógrafo Ed Andrade não estava morando em Belo Horizonte durante um processo de criação da Mimulus. No entanto, até mesmo de longe e com todas as suas ocupações terminando seu doutorado, ele gentilmente aceitou o convite para mais essa criação ao nosso lado. Foi diferente, de longe e em parceria com seu colega Cristiano Cezarino, mas possibilitou mais um resultado de harmonia e sucesso, até mesmo com a conquista de mais um prêmio Sinparc/Copasa, de Melhor Cenário.



MAR

AR

RELEASE ORIGINAL:

Para Saramago, conhecer é ver o outro lado. Ver o que está por trás de algo. "Dar-lhes a volta toda."

A Mimulus Cia de Dança aceita o desafio e propõe deixar-se conhecer. Convida o público a dar-lhe a volta. Arrisca-se, ao desvelar aquilo que estaria recôndito, o seu âmago. Enquadra para seu público seus bastidores, deixando fluido aquilo que distingue o que deve e o que não deve ser mostrado.

E se lançássemos luz sobre aquilo que antes escondíamos? Aceitando a sua existência e, mais do que isso, dando-lhe valor? Num mundo que urge pela convivência de múltiplos pontos de vista, um convite à apreciação de suas várias possibilidades. O reconhecimento de que o lugar que estamos condiciona aquilo que vemos. Que tal dar-nos a volta?! - Rodrigo de Castro – bailarino da Mimulus Cia de Dança

"O enquadramento é algo muito estranho porque o que está fora é quase mais importante do que o que está dentro. Costumamos olhar um enquadramento pelo que ele contém num quadro, numa foto ou num filme. Normalmente pensamos no que está no interior. Mas o verdadeiro ato de enquadrar consiste em excluir algo. Acho que o enquadramento se define muito mais pelo que não se mostra do que pelo que se mostra. Há uma escolha contínua quanto ao que será excluído." - Win Wenders

"Nós vivemos dentro de uma possibilidade de ver que é nossa... que não vê nem de menos nem demais. Se o Romeu, da história, tivesse os olhos de um falcão, provavelmente não se apaixonaria por Julieta. Porque os olhos dele veriam uma pele que provavelmente não seria agradável de ver. Porque a acuidade visual do falcão, cujos olhos o Romeu teria, não mostraria a pele humana tal como nós a vemos." - José Saramago

"Eu ia muito à ópera no São Carlos, no Teatro de Ópera de Lisboa. E ia sempre lá pro galinheiro, lá pra parte de cima. De onde via uma coroa, quer dizer, o camarote real começava embaixo e ia até lá em cima e fechava com uma coroa dourada enorme. Coroa essa, que vista do lado da plateia e do lado dos camarotes era uma coroa magnífica. Do lado onde nós estávamos, não era. Porque a coroa só estava feita entre as quartas partes; e era oca; e tinha teias de aranha; e tinha pó. Isso foi uma lição que eu nunca esqueci. Para conhecer as coisas, há que dar-lhes a volta. Dar-lhes a volta toda." - José Saramago

Nesse tempo em que os acontecimentos históricos e a densidade amarga do cotidiano colocam todos de certa forma impotentes, a Mimulus Cia de Dança vem procurando "dar-lhes a volta" e buscar outros pontos de vista, diferentes formas de olhar, de compreender. Mostrar o que está "fora do enquadramento". Enxergar o que está

recôndito, o seu âmago. Para isso, convidamos o espectador a "dar-nos a volta" ao assistir a nova criação da Mimulus Cia de Dança.

A trilha sonora também nos convida a ter duas (ou mais) formas de ver, de interpretar um mesmo tema. Totalmente brasileira, unindo antigos sucessos da música popular a novos expoentes do gênero, ela consegue como resultado uma linguagem universal e com a reconhecida marca que os espetáculos da Mimulus sempre apresentam.

Levando a uma criação onde o cenário não é o que aparenta ser a um primeiro olhar... onde o verdadeiro cenário é a própria Mimulus, o seu âmago.

Dois lados, duas visões... cena e bastidor... plateia e cena... dando toda a volta!

O espetáculo ÂMAGO

"O enquadramento é algo muito estranho pois o que está fora é quase mais importante do que o que está dentro. Costumamos olhar um enquadramento pelo que ele contém num quadro, numa foto ou num filme. Normalmente pensamos no que está no interior. Mas o verdadeiro ato de enquadrar consiste em excluir algo. Acho que o enquadramento se define muito mais pelo que não se mostra do que pelo que se mostra. Há uma escolha continua quanto ao que será excluído."

Win Wenders

"Eu ia muito à ópera no São Carlos, no Teatro de Ópera de Lisboa. E ia sempre lá pro galinheiro, lá pra parte de cima. De onde via uma coroa, quer dizer, o camarote real começava embaixo e ia até lá em cima e fechava com uma coroa dourada enorme. Coroa essa, que vista do lado da plateia e do lado dos camarotes era uma coroa magnífica. Do lado onde nós estávamos, não era. Porque a coroa só estava feita entre as quartas partes; e era oca; e tinha teias de aranha; e tinha pó. Isso foi uma lição que eu nunca esqueci. Para conhecer as coisas, há que dar-lhes a volta. Dar-lhes a volta toda."

José Saramago

Nesse tempo em que os acontecimentos históricos e a densidade amarga do cotidiano colocam todos de certa forma impotentes, a Mimulus Cia de Dança vem procurando "dar-lhes a volta" e buscar outros pontos de vista, diferentes formas de olhar, de compreender. Mostrar o que está "fora do enquadramento". Enxergar o que está recôndito, o seu âmago.

Para isso, convidamos o espectador a "dar-nos a volta" ao assistir a nova criação da Mimulus Cia de Dança.

A trilha sonora também nos convida a ter duas (ou mais) formas de ver, de interpretar um mesmo tema. Totalmente brasileira, unindo antigos sucessos da música popular a novos expoentes do gênero, ela consegue como resultado uma linguagem universal e com a reconhecida marca que os espetáculos da Mimulus sempre apresentam.

Levando a uma criação onde o cenário não é o que aparenta ser a um primeiro olhar... onde o verdadeiro cenário é a própria Mimulus, o seu âmago.

Dois lados, duas visões… cena e bastidor… plateia e cena… dando toda a volta!

Trilha Sonora:

A Felicidade - Antônio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes
O Ronco da Cuica - João Bosco
Sonhos - Peninha
Insensatez - Vinicius de Moraes e Tom Jobim
Meu Mundo Caiu - Maysa Matarazzo
Acontece - Cartola
Anatomia Sexual - Letícia Novaes e Lucas Vasconcellos
A Isca - Assucena Assucena
Você Não Vale Nada - Dorival Dantas
Louco Desejo - Dona Onete
Volta - Johnny Hooker
Mon Amour, Meu Bem, Ma Femme - Cleide

A MIMULUS CIA DE DANÇA

Fundada em 1992, a companhia mantém a dança de salão como base para seus trabalhos. No entanto, movida por sua inquietação natural, desconstrói e transpõe os limites formais de cada dança, o que resulta em uma linguagem própria e inovadora, um estilo contemporâneo, vibrante e único.

A Mimulus mantém-se permeável às múltiplas possibilidades que lhe oferece o mundo contemporâneo, apresentando sempre resultados surpreendentes, como se pode ver nos outros espetáculos de repertório, que seguem sendo apresentados continuamente: "Dolores", "Por um Fio", "Do Lado Esquerdo de Quem Sobe", "Pretérito Imperfeito", "Entre" e "De Carne e Sonho".

FICHA TÉCNICA

Direção:
Jomar Mesquita
Coreografia:
Bailarinos da Mimulus
Cia de Dança
Bailarinos:
Andréa Pinheiro
Fabiana Dias
Guilherme Serpa
Jomar Mesquita
Juliana Macedo
Maiara Victor
Murilo Borges
Rodrigo de Castro

Cenografia:
Ed Andrade
Cristiano Cezarino
Confecção de Cenário:
Joaquim Pereira
Iluminação:
Junior da Mata
Jomar Mesquita
Figurino:
Baby Mesquita
Juliana Macedo
Ednara Botrel
Técnico de iluminação:
Junior da Mata

Fotografia:
Guto Muniz
Concepção gráfica:
Renato Ribeiro
Seleção e Edição Musical:
Jomar Mesquita
Consultor Internacional:
Guy Darmet
Produção:
Amora Produções Artísticas
Fábio Ramos
Direção Geral:
Baby Mesquita

Assessoria contábil:
Maurício Silva
Assessoria jurídica:
Gustavo Souza
Drummond & Neumayr
Advocacia
Registros em Vídeo:
Gilberto Goulart
Social Media:
Fabiana Dias

Apoio Eterno:
João Baptista Mesquita

Agradecimentos:

Adriana Amorim, alunos e colaboradores da Mimulus Escola de Dança, Amanda Franco, Antônio Carlos de Oliveira, Bento Macedo de Araújo, Carlos Humberto Barbosa Ganem e Eunice Lessa Barbosa Ganem, Cristiane Mesquita e Livia Mesquita Bambozzi, Daniel Dias Lima, Eder Coradi, Georges Saba, Grupo Gente Grande, Gustavo Fraga, Igor Arci e Renata Botelho, Integrantes do Grupo de Formação de Instrutores Mimulus, João Bosco Damásio, Joaquim Elias Costa, Jone Rocha Barbosa, Marcílio França Castro, Nina Mesquita e Bem Mesquita, Perla Salles e Jaqueline Soares, Tia Rosa e Mauricio Tizumba.

Aos Parceiros Mimulus:
Adriana e Marcelo Fontan Souza, Alessandra Aparecida Guarnieri, Carla Barbosa Morais Alves, Ciceli Martins, Eduardo Paiva Magalhães, Erica Penido, Joaquim Romualdo da Silva, Luc da Costa Ribeiro, Luciene e Sávio Henrique Teixeira Silveira, Mario Carlos Ribeiro, Patricia e Edgard Moreira da Silva, Paulo César Figueiredo da Silva, Rita de Cássia Resende de Faria, Suzana e Lygia Lobo Vianna Rache, Vanderson de Assis.

Associação Cultural Mimulus
Rua Ituiutaba, 325 - Prado
Cep: 30411-023
Belo Horizonte - MG
Tel.: (31) 3295-5213
www.mimulus.com.br

Produção:

Realização:

Patrocínio:

FICHA TÉCNICA:

Direção: Jomar Mesquita

Coreografia: Jomar Mesquita com a colaboração dos bailarinos da Mimulus Cia de Dança

Bailarinos (elenco principal): Andrea Pinheiro, Fabiana Dias, Guilherme Serpa, Jomar Mesquita, Juliana Macedo, Maiara Victor, Murilo Borges, Rodrigo de Castro.

Cenografia: Ed Andrade, Cristiano Cezarino

Confecção de Cenário: Joaquim Pereira

Iluminação: Junior da Mata, Jomar Mesquita

Figurino: Baby Mesquita, Juliana Macedo, Ednara Botrel

Fotografia: Guto Muniz

Seleção e Edição Musical: Jomar Mesquita

Consultor Internacional: Guy Darmet

Produção: Amora Produções Artísticas - Fábio Ramos

Direção Geral: Baby Mesquita

Apoio Eterno: João Baptista Mesquita

2 M | O TEMPO Belo Horizonte SEXTA-FEIRA, 8 DE FEVEREIRO DE 2019 — Fim de semana

Dança. Dirigido por Jomar Mesquista, "Âmago" busca a essência da existência humana e da própria companhia

Olhar por outros ângulos

Pela 1ª vez, Mimulus estreia um espetáculo na Campanha de Popularização

GUSTAVO ROCHA

Ampliar o olhar do seu espectador em torno da dança, mas também provocá-lo a pensar que a essência dos seres pode ser pensada de maneiras plurais, diversas e novas é o que movimenta o espetáculo "Âmago", da Mimulus Cia. de Dança, que faz sua estreia amanhã, no Grande Teatro do Palácio da Artes – também haverá apresentação no domingo. "O que é que a gente não revela? O que cada um traz escondido dentro de si? Estamos buscando o âmago de cada um de nós", pontua Jomar Mesquita, coreógrafo da Mimulus.

Conforme a tradição da companhia, "Âmago" também é pensado em coreografias de duplas. "Seguimos dando à dança de salão um tratamento mais contemporâneo", avalia ele. "É um espetáculo que brinca com a poética de olhar. De uma maneira também de revelar que os diferentes pontos de vista podem conviver em harmonia. Não deixa de ser uma forma de falar dos tempos que vivemos hoje", avalia Mesquita.

Ainda na construção de linguagem, o grupo buscou recursos para ampliar as sensações e olhares também de seu público. Por exemplo, algumas coreografias são filmadas e projetadas durante a peça, criando, assim, uma nova camada do olhar, que é mediado pela lente da câmera. "Como a gente trabalha a dois, esse entrelaçar dos corpos estava contaminado por essa ideia dos pontos de vista, de olhares diversos", destaca.

O trabalho fez uma pré-estreia na sede da Mimulus, um espaço menor e mais intimista, e agora se prepara para encarar o palco do Palácio das Artes. "A proximidade ou a distância do Palácio das Artes altera as reações e relações do bailarinos. Em nossa sede, o público está a dois metros de distância. A interpretação precisou ser retrabalhada", observa o coreógrafo.

GUTO MUNIZ/DIVULGAÇÃO

Mimulus Cia. de Dança segue com sua tradição da dança de salão

De modo a conseguir diversificar pontos de vista, a trilha sonora do novo trabalho também brinca com a ideia de olhares e interpretações distintas. "São músicas com diferentes versões, com diferentes intérpretes. Como um mesmo tema pode ser coreografado de formas diferentes", pontua Mesquita.

REFERÊNCIAS. Na pesquisa para o novo trabalho, os artistas da Mimulus percorreram vários caminhos, e um dos pontos de inspiração foi a série "Janela da Alma", sobretudo os episódios com o escritor português José Saramago e o cineasta alemão Wim Wenders. "O Saramago falava de sua admiração pela Ópera de Lisboa. Sobretudo pelo camarote real e pela beleza da representação da coroa que havia ali. Vista de baixo, era muito bonita. Um dia, contudo, ele vê a coroa por trás, sua estrutura, teias de aranha. Essa ideia de 'nos dar a volta' está muito presente no trabalho. Enxergar e conhecer o nosso trabalho por outros ângulos", assinala Mesquita.

Já Wenders se inspira em sua visão sobre o enquadramento cinematográfico. "Ele nos diz que o enquadramento da câmera é feito não para mostrar, mas para esconder o que a gente não quer mostrar", pondera o coreógrafo. No sentido de dialogar com a lógica de tela, de enquadramento, a cenografia de "Âmago" traz molduras que se incorporam aos movimentos dos dançarinos em cena. "A gente brinca com isso. Com o que mostrar e o que não mostrar. Outros pontos de vista que não são buscados", diz.

Por falar em cenografia, um ponto destacado da composição do trabalho é a relação das coreografias de Mesquita com o trabalho do cenógrafo Ed Andrade. "Como acontece em outros trabalhos da Mimulus, é uma forma de criar com nosso cenógrafo, Ed Andrade. Dialogar coreografia e cenário. Esse diálogo faz com que concretize os pontos de vista, os enquadramentos. É uma criação em conjunto. O resultado tem essa harmonia do diálogo entre os dois", garante o artista.

Serviço. "Âmago", amanhã, às 21h, e domingo, às 19h, no Grande Teatro do Palácio das Artes (av. Afonso Pena, 1.537, centro). Ingressos antecipados: R$ 18

Ensaio sobre a cegueira dos enquadramentos contemporâneos

Um olhar sobre o espetáculo *Âmago*, da Mimulus Cia de Dança

*Por Joelma Xavier**

De quantos enquadramentos nos cercamos cotidianamente? Lentes, óculos, palcos, telas de TV, de celular, de computador, de cinema, de quadros... molduras, janelas, portas, câmeras, carros, cômodos, casas, azulejos, embalagens, porta-copos, bandejas, portais, portões, carta, cartões, carteira de identidade, certidão de nascimento, passaporte, cartão de vacina, folhas A4, A3... caderno, capa, página, disco, CD, livro, fotografias... Sim, muitas são as formas com as quais emolduramos nossos modos de ver e de pensar o mundo. Mas será que enquadramos para melhor vermos [o de dentro e o de fora] ou apenas para nos restringirmos a uma perspectiva?

Quando fala sobre a experiência do ato de enquadrar, o cineasta alemão Wim Wenders lança a hipótese de que o "enquadramento se define muito mais pelo que não se mostra do que pelo que se mostra" e o escritor português José Saramago afirma ser necessário dar uma volta completa em torno das coisas para que possamos bem conhecê-las. Ambos os relatos fazem parte do documentário *Janela da Alma*, de João Jardim e Walter Carvalho (2001), no qual diferentes personalidades, do mundo artístico ao político, falam sobre como percebem – ainda que de forma míope ou quase cega – o mundo e seus entornos. Por que todo esse circuito de quadros e de vozes? Porque o enquadramento é um dos motes do espetáculo *Âmago* [ÂmaRgo], da Mimulus Cia de Dança, livremente inspirado em alguns depoimentos desse documentário.

O espetáculo inicia-se com deslizamentos cênicos de uma pequena luz sobre um fundo negro que traz à cena os movimentos de uma bailarina, a partir da elasticidade de suas vestes e a partir dos gestos de enquadrar-se em seus braços, pernas, meias e, especialmente, nos registros de uma câmera de celular, de onde partiu a pequena luz. No palco, a bailarina e, também, uma câmera; na mesma cena, o gesto dançado e o seu duplo enquadrado em uma tela. Desse ponto de partida, o espetáculo *Âmago* já nos convida a pensar na maleabilidade das imagens e nos modos como projetamos nossos movimentos no mundo. A tela projeta a realidade do movimento ou apenas um recorte de quem elabora o seu registro? De que falamos, quando pensamos em imagens projetadas? Que realidade importa quando a sociedade se projeta nas faces de múltiplos dispositivos?

O espetáculo abre fissuras nos modos de ver por meio de enquadramentos: sejam os enquadramentos das telas e do palco, sejam os enquadramentos das formas de se entender a dança contemporânea, já que a montagem da Cia Mimulus nos desafia a perceber compassos tradicionais e reinventados da dança de salão, em simultaneidade à construção de movimentos coreográficos que não se circunscrevem a essa modalidade de dança. A coreografia, portanto, apresenta uma linguagem que se elabora nos movimentos de duos dançados, nos bastidores da cena dançada e se expande às noções de condução mútua entre homens e mulheres e aos gestos elaborados em uma atmosfera de sentimentos, transitando entre o riso, a ironia, a solidão, o desejo, o amor e a dor, esboçados nos processos da dança contemporânea.

Foto de Guto Muniz (www.focoincena.com.br)

Ainda sobre essa atmosfera dos sentimentos, podemos ver perspectivas do gesto dançado tensionadas a partir de vozes distintas na interpretação variada de uma mesma canção, como ocorre nos deslizamentos sonoros da voz de Marisa Monte e de Caetano Veloso, na interpretação de "Sonhos", de Peninha, ou ainda da intensidade elaborada nas vozes de Alice Caymmi, de Ney Matogrosso e de Maysa Matarazzo, em tão distintas interpretações para a canção "Meu mundo caiu", de Maysa Matarazzo. Sob o som de cada versão, uma possibilidade de enquadramento e de dramaticidade à trilha do espetáculo e, sob cada voz, os devaneios do sensível, vivenciados nos gestos dançados da coreografia. No conjunto dessas conexões, a Mimulus elabora o campo multifacetado da montagem, em seu sentido essencial: sobrepor/justapor/confrontar cenas, objetos, perspectivas, tal como ocorre com a linguagem cinematográfica e em outros campos de conhecimento.

Foto de Guto Muniz (www.focoincena.com.br)

A forma como se realiza o jogo cênico da dança, nesse espetáculo, não se limita ao ato de movimentar [por movimentar], mas ao ato movimentar para compor um olhar sobre a vida contemporânea e sobre forma como o ser humano se esconde em seus espelhos projetados. A ideia de enquadramento dos corpos, experimentada na coreografia com a trilha de "Insensatez", de V. de Moraes e T. Jobim, com interpretação de Fernanda Takai, por exemplo, vem ao palco a partir da criação de movimentos de quatro bailarinos que se deslocam, o tempo todo, de mãos dadas. Os gestos, à medida que se desenvolvem,

projetam uma ideia de unidade, de beleza sobre um conjunto e, simultaneamente, de prisão, de limitação às amarras, contidas nos entrelaçamentos das mãos e dos corpos de bailarinos e bailarinas, sugerindo o traço paradoxal de que a mão que se entrelaça à nossa e que nos acolhe também pode ser aquela que nos ameaça, que nos machuca e que nos prende.

Além desse jogo intencionado nas perspectivas do entrelaçar e do prender, característicos das relações humanas, o espetáculo *Âmago* experimenta o humor a partir de molduras que enquadram outras molduras, dos quadros que projetam outros quadros, de telas que simulam outras telas, alegorizando formas de afeto e de contatos virtuais. De maneira irônica, os bailarinos realizam movimentos dentro de molduras e simulam um jogo de corpos que saem dessas telas à procura da carícia, do afeto e das texturas da pele, no para-além do mundo virtual. Nesses olhares, a Mimulus Cia de dança mostra a cegueira nos modos de ver-sentir o mundo na contemporaneidade: o dispositivo enquadrado do *touch-screen* revela uma cegueira dos indivíduos em relação aos arrepios e às sensações da pele, quando diretamente tocada, sentida, dedilhada, porque o tato traz, na pele, o gestual do desejo que jamais se circunscreve aos experimentos do cristal líquido ou de qualquer tela.

Foto de Guto Muniz (www.focoincena.com.br)

Na ideia do jogo de corpos, olhares, vozes e de gestos ainda se projeta o jogo com a palavra encenada, uma vez que, da palavra com que se intitula o espetáculo, *Âmago* [ÂmaRgo], surgem outras, num anagrama cenográfico:

AmaRgo

Âmago

Amor

Amar

Mar

Ar

A partir desse jogo, o título do espetáculo, projetado no cenário, divide-se em novas possibilidades de palavras e de sentidos, abertos a novas imagens, a novas perspectivas que deslizam nos campos do desejo humano e nas impossibilidades dos enquadramentos sociais. O movimento dançado transita no amargor da solidão, na força rítmica do mar, nos delírios do amor e na atmosfera rarefeita do ar e do sonho e, assim, o espetáculo gira os olhares para o âmago de cada ser, para o lugar de dentro da alma.

Foto de Guto Muniz (www.focoincena.com.br)

O cineasta Wim Wenders, ainda em depoimento presente no documentário *Janela da Alma*, afirma que "a atual superabundância de imagens significa, basicamente, que nós somos incapazes de prestar atenção". Com essa fala, o cineasta projeta um olhar sobre o arrefecimento das sensações no campo das relações no mundo contemporâneo, além de condenar os excessos imagéticos, nos mais variados dispositivos. Diante desses dispositivos e dos enquadramentos contemporâneos, a Mimulus Cia de Dança propõe, com o espetáculo *Âmago*, um olhar crítico sobre a limitação das telas e abre fissuras sobre as diferentes formas de cegueira da contemporaneidade. *Âmago*, portanto, explora a resistência do humano, em cenários, demasiadamente artificiais, do mundo enquadrado das imagens e das relações contemporâneas.

Joelma Xavier

*Professora do Departamento de Linguagem e Tecnologia do CEFET/MG, Belo Horizonte. Atua nos campos de Pesquisa de Teoria da Literatura e de Literatura Comparada, especialmente em Literatura, outras Artes e Mídias.
Link para acesso ao *Currículo Lattes:* http://lattes.cnpq.br/2216765398806513

**Ensaio integralmente publicado no site Horizonte da Cena: www.horizontedacena.com

** Este ensaio foi produzido a partir do espetáculo ***Âmago*, da Cia Mimulus de Dança** (visto no Grande Teatro do Palácio das Artes, em 09/02/2019 – Belo Horizonte); Crédito das fotos: Guto Muniz (disponíveis em: http://mimulus.com.br/espetaculo-amago-mimulus-cia-de-danca/galeria-de-fotos/ e em: http://www.focoincena.com.br/

Ficha Técnica

ESPETÁCULO ÂMAGO

Direção: Jomar Mesquita
Coreografia: Bailarinos da Mimulus Cia de Dança
Bailarinos: Mimulus Cia de Dança
Cenografia: Ed Andrade e Cristiano Cezarino
Confecção de Cenário: Joaquim Pereira
Iluminação: Junior da Mata e Jomar Mesquita
Figurino: Baby Mesquita, Juliana Macedo e Ednara Botrel
Técnico de iluminação: Junior da Mata
Fotografia: Guto Muniz
Seleção e Edição Musical: Jomar Mesquita
Consultor Internacional: Guy Darmet
Produção: Amora Produções Artísticas e Fábio Ramos
Direção Geral: Baby Mesquita
Apoio Eterno: João Baptista Mesquita

Informações sobre o espetáculo *Âmago* e sobre a Mimulus Cia de Dança disponíveis em: http://mimulus.com.br/espetaculo-amago-mimulus-cia-de-danca

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

Documentário: **Janela da Alma**, de João Jardim e Walter Carvalho
JANELA DA ALMA
Direção: João Jardim e Walter Carvalho
Produção: Brasil, 2001
Com: José Saramago, Hermeto Paschoal, Oliver Sacks, Wim Wenders, dentre outros.